



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**RELAÇÕES DE CAUSALIDADE EM ORAÇÕES
COMPLEXAS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Layane Rodrigues de Lima

Brasília - DF

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Lr Lima, Layane Rodrigues de
 Relações de causalidade em orações complexas na Língua
 Brasileira de Sinais / Layane Rodrigues de Lima; orientador
 Rozana Reigota Naves; co-orientador Enrique Huelva
 Unternbäumen . -- Brasília, 2019.
 197 p.

 Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
 Universidade de Brasília, 2019.

 1. Relações de causalidade. 2. Libras. 3. Orações
 complexas. 4. Gramática. 5. Conceitualização. I. Naves,
 Rozana Reigota, orient. II. Huelva Unternbäumen , Enrique,
 co-orient. III. Título.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

LAYANE RODRIGUES DE LIMA

**RELAÇÕES DE CAUSALIDADE EM ORAÇÕES COMPLEXAS NA
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Rozana Reigota Naves

Coorientador: Prof. Dr. Enrique Huelva Unternbäumen

Brasília - DF

2019

LAYANE RODRIGUES DE LIMA

**RELAÇÕES DE CAUSALIDADE EM ORAÇÕES COMPLEXAS NA LÍNGUA
BRASILEIRA DE SINAIS**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Rozana Reigota Naves (PPGL/LIP/UnB) – Orientadora e Presidente

Prof. Dr. Enrique Huelva Unternbäumen (PGLA/LET/UnB) – Coorientador

Prof. Dr. Guilherme Lourenço de Souza (UFMG) – Membro externo

Prof^a. Dr^a. Margot Latt Marinho (SEDF) – Membro externo

Prof^a. Dr^a. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento (PPGL/LIP/UnB) – Membro Interno

Prof. Dr. Gláucio de Castro Júnior – Membro suplente

*Aos surdos brasileiros,
os quais me inspiraram a realizar esta pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e ao meu pai (*in memoriam*), meus incentivadores a nunca ficar estacionada no que se refere à aquisição de conhecimento. Ter cursado um doutorado é obra de vosso incentivo.

Ao meu irmão Lucas, meu porto seguro, meu melhor amigo e meu irmão. Seu apoio, emocional e prático, foi fundamental para a concretização de mais uma colação de grau acadêmico.

À minha orientadora, professora Rozana Naves. Sua condução, além de total destreza acadêmica, é de uma humanidade e de extrema compreensão e respeito para com as intempéries provenientes das pedras que surgiram nestes anos de pesquisa. Muito obrigada por ser abrigo em meio a adversidades. Desejo espelhar essa calma, sabedoria e profissionalismo em minhas próximas orientações acadêmicas.

Ao meu coorientador, professor Enrique Huelva. Seu olhar calmo, sua alegria e segurança foram cruciais nesse processo. Obrigada por ter aceitado participar de minha formação.

À Universidade de Brasília, ao Instituto de Letras, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e ao Laboratório de Estudos Formais da Gramática, pelo apoio institucional e acadêmico recebido durante o curso de Doutorado.

À Banca Examinadora, pela leitura cuidadosa e contribuições para o aprofundamento do tema. Também agradeço a todos os professores que contribuíram, em disciplinas, congressos, comunicações pessoais e no exame de qualificação, para a elaboração deste trabalho.

À Universidade Federal de Goiás, à Faculdade de Letras, ao Departamento de Libras e Tradução, aos meus queridos colegas, que tornaram possível a minha licença e me apoiaram intensivamente nessa importante qualificação profissional. Gratidão eterna.

A todos os meus colegas de curso e amigos, os quais tornaram essa trajetória mais leve e mais divertida: Aline Mesquita, Alzira Neves, Humberto Borges, Letícia Cunha, Lizandra Caires, Paula Baron, Stefânia Rezende e Wagner Santos.

Aos meus queridos amigos surdos, aqui representados por: Cynthia Caldeira, Falk Soares, Gláucio Castro Júnior, Gilmar Garcia, Nubia Faria, Renata Garcia, Sílvia

Calixto e Thaís Fleury. Obrigada por compartilharem comigo a sua fantástica língua de sinais.

À Rhanna Asevedo, Jéssie Rezende e Paulo Manes, companheiros de universidade e de conhecimento. Agradeço-lhes por colaborarem para a concretização da pesquisa.

A todos aqueles que, de um modo prático, me ajudaram a concluir este trabalho.

Muito obrigada!

*“There is nothing more basic in
human life than cause and effect”.*
-Fauconnier e Turner

RESUMO

Nesta pesquisa, cujas bases teóricas se circunscrevem à relação entre *Gramática e Conceitualização*, especialmente no campo da interface entre sintaxe e semântica, investigamos o fenômeno das relações de causalidade em orações complexas da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Nosso objetivo é descrever as características desse tipo de construção e propor uma análise das propriedades gramaticais e semânticas relativas a esse fenômeno em Libras. A nossa hipótese é a de que as relações de causalidade em Libras podem ser expressas por conectivos manuais de diferentes tipos (causais, temporais ou condicionais) ou por justaposição, sem os conectivos, em ambos os casos podendo haver a coocorrência de expressões não-manuais, como o levantamento de sobranças, por exemplo, e que a realização morfossintática desses elementos formais está correlacionada às categorias semânticas em que se classificam as relações de causalidade na literatura (causalidade de conteúdo ou real, causalidade epistêmica e causalidade de atos de fala). A tese está organizada em seis capítulos. Inicialmente, apresentamos o conceito de causalidade segundo abordagens linguísticas e ressaltamos a carência de investigações sobre estruturas complexas em Libras, notadamente as que apresentam relações de causalidade, o que justifica esta pesquisa. Nosso percurso metodológico envolveu a coleta de dados com oito participantes surdos, usuários fluentes em Libras, nascidos na cidade brasileira de Goiânia e região metropolitana. Os dados, provenientes de narrativas, eliciação de sentenças e diálogos em Libras, foram anotados no *software* ELAN (*EUDICO Linguistic Annotator*). Nosso referencial teórico contempla os principais estudos sobre as propriedades gramaticais da Libras e estudos sobre a semântica da causalidade, com foco nas orações complexas. Entre as propriedades gramaticais, destacamos: as expressões não-manuais; os conectivos manuais; e a articulação de orações complexas temporais, condicionais e causais, as quais expressam relações de causalidade. As propriedades semânticas foram baseadas na classificação tripartite encontrada na literatura, que distingue causalidade de conteúdo, epistêmica e de atos de fala. A análise de dados é contemplada em dois capítulos, os quais revelam: (i) a presença de conectivos manuais temporais, condicionais e causais (DEPOIS, ENTÃO, SE, PORQUE e POR-CAUSA) na articulação das relações de causalidade em Libras, os quais podem vir acompanhados de expressões não-manuais, do tipo levantamento de sobranças e do queixo; (ii) a justaposição entre as orações que expressam causa/condição e consequência/conclusão, cujo nexos de causalidade se dá via correlação gramatical, com o uso de expressões não-manuais; (iii) a alternância das ordens icônica e não icônica; (iv) relações semânticas de coerência e polaridade positiva na causalidade de conteúdo; (v) relações pragmáticas de coerência e polaridade positiva na causalidade epistêmica; (vi) relações pragmáticas de coerência e alternância de polaridade positiva e negativa na causalidade de atos de fala; e, por fim, (vii) a objetividade do sujeito de consciência na causalidade de conteúdo e a subjetividade do sujeito de consciência nas causalidades epistêmica e de atos de fala. Esses resultados apontam a necessidade de prosseguir o trabalho, buscando estabelecer uma correlação entre as propriedades gramaticais e semânticas, de tal maneira a se postular generalizações a respeito da relação entre gramática e conceitualização nas orações complexas de nexos causal da Libras.

Palavras-chave: Relações de causalidade. Libras. Orações complexas. Gramática. Conceitualização.

ABSTRACT

In this research, whose theoretical bases are circumscribed to the relation between *Grammar* and *Conceptualization*, especially in the field of the interface between syntax and semantics, we investigate the phenomenon of the relations of causality in complex clauses of Brazilian Sign Language (Libras). Our goal is to describe the characteristics of this type of construction and propose an analysis of the grammatical and semantic properties relating to this phenomenon in Libras. Our hypothesis is that the relations of causality in Libras can be expressed by the manual conjunctions of different types (causal, temporal or conditional) or by juxtaposed clauses, without conjunctions, both cases being optionally related to the cooccurrence of non-manual expressions, such as raising eyebrows, and that the morphosyntactic realization of these formal elements is related to the semantic categories of causality found in the literature (causality of content, epistemic causality and causality of acts of speech). The thesis is organized in six chapters. Initially, we presented the concept of causality according to linguistic approaches and reinforced the need for investigation on complex structures in Libras, notably the ones that present relations of causality, which justifies this research. Our methodological path involved data collection with eight deaf participants, fluent users of Libras, born in Goiânia, Brazil, and its metropolitan region. The data, obtained from narratives, sentence elicitation and dialogues in Libras, were written in the ELAN software (*EUDICO Linguistic Annotator*). Our theoretical approaches contemplate the main studies on the grammatical properties of Libras, and studies on the semantics of causality, focusing on complex clauses. Among the grammatical properties, we highlight: non-manual expressions; manual conjunctions, and the articulation of temporal, conditional and causal complex clauses, which express causality relations. The semantic properties were based on the tripartite classification found in the literature, which distinguishes causality from content, epistemics, and acts of speech. The analysis of data is divided in two chapters, which reveal: (i) the presence of temporal, conditional and causal manual conjunctions (AFTER, THEN, IF, BECAUSE and REASON) in the articulation of relations of causality in Libras, which can co-occur with non-manual expressions, such as raising eyebrows and chin; (ii) the juxtaposition between the sentences that express cause/condition and consequence/conclusion, whose nexus of causality is obtained through grammatical correlation, with the use of non-manual expressions; (iii) the alternation of iconic and non-iconic orders; (iv) semantic relations of coherence and positive polarity in the causality of content; (v) pragmatic relations of coherence and positive polarity in epistemic causality; (vi) pragmatic relations of coherence and alternation of positive and negative polarity in the causality of acts of speech; and, finally, (vii) the objectivity of the subject of consciousness in the causality of content and the subjectivity of the subject of consciousness in the epistemic and acts of speech causalities. These results point to the need of continuing with the work, looking to establish a correlation between the grammatical and semantic properties, in a way to postulate generalizations regarding the relations between *grammar* and *conceptualization* in the complex clauses of causal nexus in Libras.

Keywords: Relations of causality. Libras. Complex clauses. Grammar. Conceptualization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Verbete do sinal PORQUE em Libras de Capovilla e Raphael (2001).....	35
Figura 2 - Verbete do sinal POR-CAUSA em Libras de Capovilla e Raphael (2001).....	36
Figura 3 - Verbete do sinal DEPOIS em Libras de Capovilla e Raphael (2001).....	37
Figura 4 - Verbete do sinal PORQUE em Libras de Lira e Souza (2008).....	37
Figura 5 - Verbete do sinal DEPOIS em Libras de Lira e Souza (2008).....	38
Figura 6 - Verbete do sinal POR-ISSO em Libras de Lira e Souza (2008).....	39
Figura 7 - Verbete do sinal POR-CAUSA em Libras de Lira e Souza (2008).....	40
Figura 8 – Estúdio de Filmagem.....	52
Figura 9 – Texto em SW produzido por Stumpf (2005).....	56
Figura 10– Escrita do sinal ‘bonito’ em ELiS.....	57
Figura 11 – Texto em ELiS.....	57
Figura 12 - Escrita do sinal ‘ver’ em SEL.....	58
Figura 13 – Tela do ELAN.....	60
Figura 14 – Expressões não-manuais da Libras.....	67
Figura 15 – Sinais CASA e PAGAR em Libras.....	69
Figura 16 – Marcação da direção do olhar em Libras.....	69
Figura 17 – Marcação das ENMs em Libras.....	70
Figura 18 – Marcação não-manual do sinal CONHECER em Libras.....	72
Figura 19 – Dois tipos de negação facial em Libras.....	72
Figura 20 – Inventário de ENMs proposto por Araujo (2013).....	75
Figura 21 – Figura 21 – Mapeamento das expressões faciais.....	77
Figura 22 - Uso do sinal POR-CAUSA em sentenças na Libras.....	81
Figura 23 – Uso do sinal ENTÃO em sentenças na Libras.....	83
Figura 24 – Conjunções causais em NGT e DGS.....	92
Figura 25 – Articulação de orações complexas.....	98
Figura 26 – Imagem: Comidas.....	104
Figura 27 – Diálogo sobre aborto, entre Luiza e Diego.....	116
Figura 28 – Diálogo sobre aborto, entre Mara e Ana.....	119
Figura 29 – Diálogo sobre aborto, entre Joana e Paulo.....	120
Figura 30 – Imagem: Acidente.....	123
Figura 31 – Levantamento de sobrancelhas e mudança de direção do olhar em (15).....	126
Figura 32 – Direção do olhar em (16).....	128

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Orações causais e explicativas.....	27
Quadro 2 – Duplas de Colaboradores.....	51
Quadro 3 – Duração da narração da “História da Pêra”	53
Quadro 4 – Duração da eliciação de sentenças a partir de imagens (primeira fase).....	53
Quadro 5 – Duração da eliciação de sentenças a partir de imagens (segunda fase).....	54
Quadro 6 – Duração dos diálogos.....	54
Quadro 7 – Descrição das trilhas do ELAN.....	62
Quadro 8 – Categorias de análise.....	63
Quadro 9 – Expressões não-manuais na estrutura sintática.....	73
Quadro 10 – Conectivos do Dicionário de Capovilla et al. (2017).....	81
Quadro 11 – Orações complexas temporais, causais e adverbiais segundo Pfau (2016).....	96
Quadro 12 – Trecho 1 Diálogo sobre aborto, entre Luiza e Diego.....	116
Quadro 13 – Trecho 2 Diálogo sobre aborto, entre Luiza e Diego.....	117
Quadro 14 – Trecho Diálogo sobre aborto, entre Mara e Ana.....	119
Quadro 15 - Trecho Diálogo sobre aborto, entre Joana e Paulo.....	121
Quadro 16 – Categorias de análise semântica das relações de causalidade.....	147
Quadro 17 – Categorias semânticas nos dados de causalidade de conteúdo (real).....	152
Quadro 18 – Categorias semânticas nos dados de causalidade.....	157
Quadro 19 – Categorias semânticas nos dados de causalidade de atos de fala.....	164

LISTA DE ABREVIATURAS, CONVENÇÕES E SIGLAS

ASL - Língua de Sinais Americana

CAS - Centros de Apoio aos Surdos

CEP-IH - Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas e Sociais

CP - *Complementizer Phrase* (Sintagma Complementizador)

do - direção do olhar

DGS - Língua de Sinais Alemã

ELAN - *EUDICO Linguistic Annotator*

ELiS - Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais

EMs – Expressões manuais

ENMs - Expressões não-manuais

f - foco

FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos

ID – Identificador de Sinais

hs – *headshake* (movimento lateral de cabeça)

Libras – Língua Brasileira de Sinais

LIS - Língua de Sinais Italiana

L1 – Primeira Língua

L2 – Segunda Língua

NGT - Língua de Sinais Holandesa

PE – Português Europeu

PB – Português Brasileiro

re - *raising eyebrow* (levantamento das sobrancelhas)

SEL- Sistema de Escrita para Libras

sf – sobrancelhas franzidas

sl - sobrancelhas levantadas

SW - *Sign Writing*

t - tópico

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TİD - Língua de Sinais Turca

TP - *Temporal Phrase* (Sintagma Temporal)

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UnB - Universidade de Brasília

VGT - Língua de Sinais Flamenga

——^{y/n} - perguntas sim/não

——^{neg} - marca não-manual indicativa de não

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – PROBLEMATIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	17
1.1 INTRODUÇÃO.....	17
1.2 ABORDAGEM TEÓRICA	18
1.3 O CONCEITO DE CAUSALIDADE.....	20
1.2.1 Aspectos das relações de causalidade em português.....	20
1.2.2 Trabalhos prévios sobre as relações de causalidade em Libras.....	34
1.4 ESTRUTURA DA TESE	41
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA: A CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	43
2.1 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DOS DADOS	43
2.1.1 Instrumentos da coleta.....	43
2.1.2 Seleção de colaboradores.....	46
2.1.3 Filmagem dos colaboradores	51
2.2 PROCEDIMENTOS PARA A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS	55
2.2.1 Software ELAN	60
2.2.2 Seleção de trilhas no ELAN	61
2.3 PROCEDIMENTOS PARA A CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E PARA A ANÁLISE DOS DADOS	63
2.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO.....	64
CAPÍTULO 3 - ASPECTOS MORFOFONOLÓGICOS E SINTÁTICOS DA LIBRAS	65
3.1 ASPECTOS MORFOFONOLÓGICOS DA LIBRAS.....	65
3.1.1 Expressões não-manuais.....	66
3.1.2 Conectivos manuais.....	80
3.2 ASPECTOS SINTÁTICOS DA LIBRAS	84
3.3 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO.....	100
CAPÍTULO 4 - PROPRIEDADES GRAMATICAIS DAS RELAÇÕES DE CAUSALIDADE EM LIBRAS	102
4.1 ORAÇÕES COM CONECTIVOS MANUAIS	102
4.1.1 Tipo: temporais	103
4.1.2 Tipo: condicionais.....	108
4.1.3 Tipo: causais.....	112
4.2 ORAÇÕES SEM CONECTIVOS MANUAIS	122
4.3 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO.....	132

CAPÍTULO 5 - PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DAS RELAÇÕES DE CAUSALIDADE EM LIBRAS	135
5.1 SEMÂNTICA DAS RELAÇÕES DE CAUSALIDADE	136
5.2 CAUSALIDADE DE CONTEÚDO (OU REAL) EM LIBRAS	148
5.3 CAUSALIDADE EPISTÊMICA EM LIBRAS.....	153
5.4 CAUSALIDADE DE ATOS DE FALA EM LIBRAS	157
5.5 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO.....	165
CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	174
APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO - PERFIL DO PARTICIPANTE	183
APÊNDICE 2 – ELICIAÇÃO DE SENTENÇAS – FASE 1	185
APÊNDICE 3 – ELICIAÇÃO DE SENTENÇAS – FASE 2	189
APÊNDICE 4 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	191
APÊNDICE 5 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA	193
ANEXO – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DA UnB.....	194

CAPÍTULO 1 – PROBLEMATIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Neste capítulo, situamos os aspectos gerais do trabalho quanto: ao escopo da pesquisa (seção 1.1.); à abordagem teórica (seção 1.2); ao conceito de causalidade e estudos preliminares sobre essas relações em português e em Libras (seção 1.3); e, por fim, quanto à estrutura da tese (seção 1.4).

1.1 INTRODUÇÃO

O objeto de estudo deste trabalho é a realização das relações de causalidade em orações complexas da Língua Brasileira de Sinais (Libras), conforme produzidas por surdos sinalizantes dessa língua de sinais.¹

A questão que guia a pesquisa é a seguinte: *Como são realizadas as relações de causalidade nas construções complexas em Língua Brasileira de Sinais?* A nossa hipótese, circunscrita à relação entre *Gramática* e *Conceitualização*, é a de que as relações de causalidade em Libras podem ser expressas por conectivos causais manuais ou por justaposição, sem os conectivos manuais, em ambos os casos podendo haver a coocorrência de expressões não-manuais, como o movimento de sobranceiras, por exemplo, e que a realização morfossintática desses elementos formais está correlacionada às categorias semânticas em que se classificam as relações de causalidade na literatura (categorias essas que serão apresentadas no capítulo 5).

O objetivo geral da tese é descrever as relações de causalidade na Libras e analisar a organização dessa língua com base na realização linguística dessas relações pelos seus usuários. Para a concretização desse propósito, estabelecemos os seguintes objetivos específicos que nortearam o desenvolvimento da pesquisa:

¹Nesta tese, optamos por utilizar a sigla Libras ao nos referirmos à Língua Brasileira de Sinais, por ser essa a nomenclatura que consta nos documentos oficiais brasileiros (Lei nº 10.436/2002 e Decreto nº. 5.626/2005). Além disso, essa sigla é amplamente utilizada pelas organizações e associações de surdos no Brasil, como a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), desde 1993, e os Centros de Apoio aos Surdos (CAS), bem como em cursos de graduação em Letras/Libras e em Pedagogia Bilíngue.

(i) investigar a causalidade a partir de dados coletados com surdos proficientes na Libras;

(ii) criar um banco de dados de construções complexas de interpretação causal, coletados na cidade de Goiânia e região metropolitana;

(iii) identificar uma ferramenta para auxiliar na análise dos dados coletados; e

(iv) contribuir para a descrição de orações complexas da Língua Brasileira de Sinais, notadamente das estruturas de causalidade.

1.2 ABORDAGEM TEÓRICA

O funcionamento das línguas humanas, compreendido na relação entre *Gramática e Conceitualização* (ou entre forma e conteúdo), tem sido o objeto central dos estudos em Linguística, cuja agenda remonta ao trabalho seminal de Saussure (2006 [1916]). Desde então, diferentes correntes linguísticas surgiram, algumas com visões antagônicas e com tratamentos distintos para a relação entre forma e conteúdo. No entanto, segundo Huelva Unternbäumen e Naves (2016), tem havido um movimento contrário no sentido de os pesquisadores buscarem demonstrar convergências entre os mecanismos teóricos que mapeiam a organização e o uso da competência gramatical, de um lado, e a organização e o uso da estrutura conceitual, de outro lado, nos diferentes arcabouços teóricos.

Esta tese se insere nesse cenário, focalizando, principalmente, a interface sintaxe-semântica, e aliando a abordagem formal de linha gerativista (CHOMSKY, 1995, 2000, 2004) à abordagem funcionalista de base cognitivista (LAKOFF e JOHNSON, 1999; LANGACKER, 2008; entre outros).² A proposta de trabalhar com abordagens teóricas que apresentam arquiteturas linguísticas distintas, parte da hipótese, desenvolvida em Huelva Unternbäumen e Naves (2017), de que “o sistema cognitivo, entre outras coisas, seleciona os elementos conceituais de uma realidade experiencial complexa para os propósitos de codificação gramatical”.

² O funcionalismo, em uma concepção geral e desvinculada de correntes internas específicas, “se ocupa, exatamente, das funções dos meios linguísticos de expressão” (NEVES, 2015, p. 17). Segundo essa acepção, a linguagem é vista como um instrumento da comunicação nas interações verbais entre os falantes, e a investigação linguística compreende o contexto discursivo como motivação para os usos da língua. Já as correntes formalistas, representadas nesta tese pela Gramática Gerativa, veem a linguagem como uma capacidade inata específica do ser humano e investigam os mecanismos internos usados pelo pensamento para interpretar a experiência na realização das expressões linguísticas.

Huelva Unternbäumen e Naves (2016) observam que, nas abordagens cognitivistas como a de Langacker (2008), a gramática permite ao ser humano construir e simbolizar os mais elaborados significados de expressões linguísticas complexas, tais como frases, orações e sentenças, por meio da associação entre uma estrutura sintática e uma estrutura conceitual. Ainda segundo Langacker, a conceitualização é fundamentada na realidade física como um fenômeno mental, cuja interpretação se realiza em dois níveis semânticos: o do conteúdo e o da construção do conteúdo, os quais se inter-relacionam.

Huelva Unternbäumen e Naves (2016) acrescentam que as construções gramaticais podem se diferenciar por codificar conteúdos conceituais distintos ou por construir o mesmo conteúdo de forma distinta. Para ilustrar esse ponto, os autores explicam que a diferença entre uma construção ativa e a sua contraparte passiva é um exemplo paradigmático de coincidência de conteúdo e distinção com respeito à forma do conteúdo.

A relação entre *Gramática* e *Conceitualização* nos estudos gerativistas é concebida a partir da concepção de que a língua é um sistema de representação mental dos constituintes gramaticais. Segundo essa visão, os estudos linguísticos devem se interessar pela natureza geral da linguagem e não apenas por línguas particulares. Em sua versão mais recente, configurada no arcabouço do chamado Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995 e seguintes), a teoria gerativa considera que as expressões linguísticas são geradas em um sistema computacional que tem a função de combinar traços (as propriedades semânticas, fonológicas e formais provenientes do léxico) e transformá-los em representações sintáticas complexas, por meio de duas operações, quais sejam *Merge* (Confluir) e *Move* (Mover).³ Os objetos sintáticos gerados pelo sistema computacional são submetidos a dois níveis de representação, responsáveis pela interface com os sistemas cognitivos: a Forma Fonética (*Phonetic Form*), nível de interface com o sistema articulatório-perceptual (relativo à forma), e a Forma Lógica (*Logical Form*), nível de interface com o sistema conceitual-intencional (relativo ao conteúdo).

É nesse contexto da aproximação entre a abordagem formalista de base gerativa e a abordagem funcionalista de base cognitivista, a partir da relação entre *Gramática* e

³ Segundo Kenedy (2013, p. 130), *Merge* é “a operação computacional criadora de objetos sintáticos complexos (como sintagmas, orações e frases)” e *Move* é uma especificação da operação *Merge*, em que há o deslocamento de um objeto para diferentes posições sintáticas numa dada frase.

Conceitualização que esta pesquisa, que tem como finalidade investigar a realização das *relações de causalidade* em orações complexas da Libras se fundamenta.

1.3 O CONCEITO DE CAUSALIDADE

O fenômeno da causalidade tem sido objeto de investigação nas diversas áreas de conhecimento ao longo dos séculos, sobretudo na Matemática, na Física, na Psicologia, na Filosofia e na Linguística, e o estudo dessa temática desenvolve-se desde a época de Platão e de Aristóteles na busca de respostas para perguntas que começam com *por que*, sendo, portanto, aquelas para as quais se requer necessariamente uma causa.

O filósofo escocês David Hume (1711-1776), autor da obra *Investigação acerca do conhecimento humano*, procurou estabelecer uma explicação sobre a relação causal como um fenômeno da mente humana e o mundo objetivo. Hume enfatizou a regularidade da causa e do efeito em uma sequência temporal, relacionando-a com o pensamento constituído na experiência humana (HUME, 2004).

Na ciência da linguagem, diversos trabalhos, de abordagem funcionalista ou formalista, têm procurado explicar a natureza dessas relações de causalidade nas línguas naturais, sobretudo nas línguas orais.

1.3.1 Aspectos das relações de causalidade em português

Sob o prisma funcionalista, a causalidade considera “o falante como agente intencional na interação linguística” (FARAH, 2014, p. 20). Dessa forma, conforme a visão de Paiva (1991; 1995), de Decat (1996; 2001) e de Neves (1999; 2011), a causalidade é compreendida em termos da relação entre o domínio semântico-pragmático e a intuição do falante na produção das expressões linguísticas.

Paiva (1991) analisa a organização dos enunciados que expressam causalidade no português brasileiro (PB) a partir da produção de fala espontânea no discurso oral. A autora identifica que a relação de causalidade pode ocorrer de duas formas: pelo ato de *explicar* ou pelo do ato de *consecutar*. No primeiro caso, o indivíduo apresenta um fato X como origem ou motivação para um fato Y. No segundo caso, por outro lado, um fato é apresentado como consequência de outro. Nas gramáticas de orientação tradicional, o

primeiro caso corresponde às orações denominadas coordenadas explicativas e subordinadas adverbiais causais; o segundo, às coordenadas conclusivas e às subordinadas consecutivas.

Paiva (1995, p. 59) propõe uma análise sintagmática da causalidade em orações justapostas, como em (1), e em orações ligadas por conectivos, como em (2):

(1) E – E brigam muito lá no recreio, é?

F – Às vezes brigam. *Outro dia cada um ficou com a camisa toda molhada de sangue. **Bateu no nariz um do outro.***

(2) F – Ah, jogam dando pontapé na gente, né? ***Elas não conseguem pegar a bola, aí dão rasteira na gente,** a gente cai.*

Paiva (1995, p. 59 – destaques no original)

Em (1), a oração *Bateu no nariz um do outro* não é introduzida por conectivo. Paiva (1995) argumenta que, quando causa e efeito/consequência são ligados por elementos discursivos como *aí*, no exemplo (2), a anteposição ou a posposição da oração causal pode corresponder a realizações distintas: a anteposição pode assumir a forma *X porque Y* ou *porque X, Y*; e a posposição assume a forma *Y porque X*. A autora explica essa variação de posição da oração causal partindo da perspectiva funcionalista, que busca identificar as motivações nela presentes, em seus aspectos cognitivos e discursivos, com base nos princípios da *iconicidade* e da *distribuição de informação* (velha/compartilhada e nova) sobre a anteposição ou posposição da oração causal.

Paiva (1995, p. 61) utiliza a definição de iconicidade proposta por Croft (1990, p. 164), segundo o qual: “A intuição por trás da iconicidade é bastante simples: a estrutura da língua reflete de alguma forma a estrutura da experiência, isto é, a estrutura do mundo, incluindo (em muitas visões funcionalistas) a perspectiva imposta ao mundo pelo falante”. No caso da relação de causalidade, Paiva explana que o princípio da iconicidade pode ser analisado a partir dos pressupostos presentes na noção de causa, como o de sequencialidade temporal, em que os fatos estão dispostos em um eixo de anterioridade/posterioridade, sendo a causa anterior ao efeito.

O segundo princípio – distribuição de informação –, por sua vez, é utilizado por Paiva ao se referir ao fluxo das ideias no discurso com base na função comunicativa da linguagem. Sendo assim, para a autora, a codificação de informação se dá no sentido de

que a informação já compartilhada ou velha precede a informação não compartilhada ou nova. Então, as orações com informação nova estão voltadas para a posposição e, por outro lado, as orações com a informação compartilhada estão relacionadas à anteposição.

Também sob a epistemologia funcionalista, Decat (2001) analisa as relações de causalidade em termos do contexto discursivo em que as orações se inserem. A pesquisadora procura evidenciar a relação existente entre um enunciado e os seus discursos antecedente e subsequente, considerando a função textual de coesão e o contexto comunicativo pelo qual o enunciado transcorre (DECAT, 1996).

Para Decat (2001), a ordem ou a posição das orações adverbiais e, nesse contexto, das orações causais, coloca-se como uma dupla função: da ordem dos eventos e da ordem discursiva. Desse modo, as opções de organização estão diretamente relacionadas e são dependentes da intenção do falante ao transmitir sua mensagem. Então, segundo esse raciocínio, se o falante quer orientar o seu interlocutor para o que deve ser entendido a seguir, a oração causal deve ser anteposta. Segundo a autora, a causa de um evento vem em geral expressa após a referência a esse evento. Em vista disso, a inferência surgida da articulação das orações, que expressa uma razão ou um motivo proposto pelo falante, pode determinar a posição inicial da oração causal, servindo assim à organização de uma porção maior do discurso, uma vez que antecipa ao interlocutor algo sobre a mensagem que se deseja relatar (DECAT, 2001, p. 141).

Ao se considerar o contexto maior em que a oração adverbial se insere, a abordagem funcional-discursiva do fenômeno da articulação de orações visa verificar a importância do papel coesivo da oração adverbial dentro do próprio sistema da língua, especialmente, segundo Decat, no caso de um “esvaziamento semântico das conjunções que costumam encabeçar tais orações”, como representado no enunciado “Achou o vale-brinde... Ganhou!”, em que não há qualquer conectivo que ligue as duas orações, porém a relação entre elas ocorre mediante o nexos semântico. Segundo esse entendimento, as orações adverbiais podem privar-se de conectivos ou, quando eles ocorrem, servem apenas de reforço para a articulação entre as orações (DECAT, 1996, p.117).

Então, quando se compara a ausência/presença de conectivos, observa-se que não são apenas esses elementos que estabelecem a relação de natureza adverbial e, por conseguinte, a relação de causalidade. Apesar de o conectivo ter um papel relevante,

qual seja, o de explicitar ou confirmar a relação semântica existente, conforme apontado por Decat, seu papel não é exclusivo para evidenciar essa relação. Além do uso da pausa no lugar do conectivo, como exemplificado pela autora, a relação de causalidade pode ser verificada também com o uso das formas gerundivas ou participiais, em que a causalidade fica implícita.

Nessa mesma abordagem, Neves (2011) apresenta uma análise aprofundada acerca da relação de causalidade para o português brasileiro, que também busca romper com a orientação tradicional dicotômica de *causa X explicação*, ao definir essa relação com base na orientação argumentativa, em atos de fala e na distribuição da informação.

Para a autora, a relação causal *stricto sensu* corresponde à ligação de causa-consequência ou de causa-efeito entre dois eventos e, segundo ela, “essas relações se dão entre *predicações (estado de coisas)*” (NEVES, 2011, p. 804 – destaques no original). Neves explica que a causa abrange causa real, razão, motivo, justificativa ou explicação, e o efeito abrange consequência real, resultado, conclusão. Desse modo, para Neves, a relação causal implica subsequência temporal da consequência ou do efeito em relação à causa, e a autora assim ilustra:

*Nossa conversa não foi adiante **PORQUE**, infelizmente, a confissão terminada, o reitor saiu do quarto e o ambiente logo mudou.*

Núcleo (efeito):	<i>Nossa conversa não foi adiante</i>	⇒ POSTERIOR
Causal (causa real):	<i>PORQUE, infelizmente, a confissão terminada, o reitor saiu do quarto e o ambiente logo mudou.</i>	⇒ ANTERIOR

(NEVES, 2011, p. 804– destaques no original)

No enunciado acima, a subsequência temporal da construção causal está subordinada à escolha que o falante fez da apresentação dos fatos e que, nesse ínterim, reflete a distribuição da informação e a percepção dos eventos em uma perspectiva cognitiva, submetidos, assim, ao contexto e à intenção comunicativa (NEVES, 2011).

Neves, por outro lado, observa que a relação causal que ocorre entre conteúdos, a causa efetiva ou real, não envolve, necessariamente, tempo, uma vez que ela pode incidir-se entre estados de coisas não dinâmicos, e exemplifica: “Mas o caso americano é sul-generis **PORQUE** não há partidos políticos no país” (NEVES, 2011, p. 804 –

destaque no original). Nesse exemplo, não há uma subsequência temporal entre a causa e a consequência, porém a causalidade, construída com o conectivo *porque*, indica a relação entre *Mas o caso americano é sul-generis e não há partidos políticos no país*, cujos conteúdos são predicacões encontradas no mundo real.

Todavia, Neves esclarece que as ligações causais não são restritas à causalidade efetiva entre conteúdos, especialmente as que se dão entre o conectivo *porque* e os seus equivalentes semânticos. Sendo assim, a autora elucida que as relações causais podem ser: (i) relações marcadas pelo julgamento do falante; e (ii) relações entre um ato de fala e a expressão da causa que motivou esse ato linguístico. Assim, Neves apresenta uma análise da relação de causalidade a partir de uma definição semântico-pragmática dos enunciados que se constroem sob essa relação e não apenas por esquemas do tipo lógicos. Para isso, a autora pondera que a causalidade é enunciada e não (cientificamente) comprovada e, por isso, deve-se considerar a distribuição da informação em diferentes camadas dos domínios de interpretação semântico-pragmática, em uma espécie de espectro ou *continuum* linguístico que parte da efetividade da causa à justificação, perpassando por relações como razão, motivo e explicação. Retomamos esse ponto no capítulo 5.

A análise funcionalista das relações de causalidade, portanto, considera aspectos interacionais e as funções discursivas da linguagem no âmbito do domínio semântico-pragmático, provenientes da intuição do falante. Embora conteste a análise da causalidade realizada estritamente com base em esquemas lógicos, consideramos que a explicação do fenômeno não pode prescindir da explicação sobre os mecanismos formais que determinam as relações de causalidade, de maneira que a combinação de aspectos do domínio semântico-pragmático a aspectos do domínio morfossintático pode oferecer uma riqueza de detalhes descritivos acerca do fenômeno, razão pela qual esta pesquisa está estruturada nesses dois campos.

No âmbito dos estudos formalistas, focamos a análise do fenômeno da causalidade a partir de trabalhos desenvolvidos na perspectiva da teoria gerativa, os quais evidenciam aspectos sintáticos das construções causais e suas respectivas contrapartes semânticas e discursivas, conforme verificamos nas propostas de Brito (2003) e Raposo *et al.* (2013), ambas para o português europeu (doravante PE), e de Muniz (2000), para o PB. Todas essas propostas discutem a causalidade a partir da distinção sintático-semântica entre orações causais e explicativas.

Brito (2003) analisa as orações causais da língua portuguesa sob três eixos: quanto aos valores semânticos; quanto às formas de expressão da causalidade; e quanto à ordem das proposições em construções causais.

Em relação aos valores semânticos, Brito (2003, p. 711) define as orações causais como aquelas que “exprimem uma relação de dependência semântica entre duas proposições, A e B”. Nesse caso, um primeiro valor atribuído é a *relação de causa/consequência*, em que A é uma causa de B e B é uma consequência de A se A for uma condição suficiente de B, como em “A água começou a ferver porque atingiu 100°”. Outro valor destacado pela autora é o de *motivo e razão*, como no exemplo: “O João foi ao cinema, porque não queria estudar”. Brito destaca que *ir ao cinema* não é necessariamente uma consequência de *não querer estudar* e explica que, para se constituir uma relação de causalidade pura entre A e B, é necessário que três condições sejam satisfeitas: (i) B precisa pertencer ao mundo de A; (ii) os conteúdos de A e B precisam existir no mundo real, dentro de um determinado período de tempo; e (iii) A e B devem estar ordenadas no tempo em uma perspectiva linear, em que A é antecedente e B é consequente. Além disso, a autora esclarece que, em determinados enunciados, a causalidade é estabelecida por meio de inferência a partir de um fato, como um resultado lógico: “Choveu, porque as ruas estão molhadas”.

Quanto às formas mais usuais de expressão de causalidade na língua portuguesa, Brito (2003, p. 712-714) apresenta sete possibilidades:

(i) duas orações finitas na ordem B conectivo A ou conectivo A B: “Houve seca em Portugal em 1981, porque não choveu.” ou “Porque não choveu, houve seca em Portugal em 1981”;

(ii) orações causais infinitivas, iniciadas por *por causa de*, *devido ao fato de*, *por*: “Por não ter chovido em Portugal em 1981, houve seca.”;

(iii) orações causais sem conectivos, gerundivas ou participiais: “Não tendo chovido em Portugal em 1981, houve seca.”;

(iv) orações condicionais que exprimem uma relação de causa/consequência, como em “Se o narciso é uma flor, (então) pertence ao reino vegetal.”, que equivale a “O narciso pertence ao reino vegetal, porque é uma flor.”;

(v) causalidade expressa por uma oração conclusiva, com a ordem A, conectivo B: “Não choveu em Portugal em 1981, por isso houve seca.” e “O narciso é uma flor, portanto pertence ao reino vegetal.”;

(vi) orações explicativas iniciadas por *pois*, que exprimem nexos de causalidade entre proposições, mas apresentam impossibilidade de inversão: “O narciso pertence ao reino vegetal, pois é uma flor.” em oposição a “*Pois o narciso é uma flor, pertence ao reino vegetal”; e

(vii) construções participiais: “Dada essa circunstância/visto isso, a vindima vai ser boa.”.

No que se refere à ordem das proposições das construções causais, para Brito (2003, p. 714-715), a ordem linear das orações antecedente e consequente “depende da estrutura temática e do padrão de distribuição de informação”, ambos veiculados nos enunciados. Em vista disso, a autora apresenta três situações relativas aos conhecimentos partilhados ou não entre falante e interlocutor:

(i) A é uma informação nova e B é uma informação conhecida, sendo a ordem canônica B (em posição inicial), A (em posição final): “O João está maldisposto, porque comeu muito chocolate.”;

(ii) A é uma informação conhecida e B é uma informação nova, sendo a ordem escolhida A (em posição inicial), pausa, B (em posição final): “Porque comeu muito chocolate, o João está maldisposto.”; e

(iii) toda a informação é nova, sendo a ordem preferencial B (em posição inicial), sem pausa, A (em posição final): “O João está maldisposto porque comeu muito chocolate”.

É importante observar que, em relação à sintaxe das construções de causalidade, a descrição de Brito (2003, p. 713) aponta que uma diferença que subjaz às estruturas coordenativas explicativas e subordinativas adverbiais causais é de ordem puramente sintática e não meramente semântica. Sendo assim, a ordem das proposições coordenativas explicativas não pode inverter-se no caso do uso de conectivos como *pois* e *que*, como em “O narciso pertence ao reino vegetal, pois é uma flor.” e “*Pois o narciso é uma flor, pertence ao reino vegetal.” Porém, se utilizamos um outro conectivo

como *porque*, a inversão é possível: “Porque é uma flor, o narciso pertence ao reino vegetal.” e, nesse caso, a oração coordenada explicativa passa a ser uma oração subordinada adverbial causal, sem mudança do conteúdo semântico.

O trabalho de Raposo *et al.* (2013, p. 2007), semelhantemente ao de Brito (2003), analisa as orações causais e explicativas da língua portuguesa sob dois eixos: (i) propriedades semânticas e discursivas; e (ii) propriedades sintáticas. Os autores esclarecem que, de um ponto de vista semântico, é possível identificar orações com ambos os valores: causal e explicativo. No caso de uma investigação sintática, por outro lado, eles explicam que essas orações podem ser subordinadas adverbiais ou podem ter um funcionamento mais próximo da parataxe.⁴

Raposo *et al.* (2013, p. 1983) apresentam um quadro, o qual reproduzimos a seguir, que segue uma classificação semântica bem refinada das orações causais e explicativas por eles tratadas. Nesse quadro, há a indicação de algumas conjunções ou locuções que geralmente introduzem essas orações:

Quadro 1 – Orações causais e explicativas

ORAÇÕES CAUSAIS E EXPLICATIVAS	
Orações subordinadas causais integradas	
<i>por</i> + inf (flex) <i>porque</i> + ind	Fiquei triste <i>por não me teres telefonado</i> . Ficaram tristes <i>por ter reprovado no exame</i> . Fiquei triste <i>porque não me telefonaste</i> .
Orações subordinadas causais e explicativas periféricas	
<i>como</i> + ind <i>uma vez que</i> + ind <i>visto que</i> + ind <i>dado que</i> + ind <i>já que</i> + ind	<i>Como não me telefonaste</i> , fiquei triste. <i>Uma vez que estava a chover</i> , cancelámos o piquenique. <i>Visto que estudaste bem a lição</i> , vou dar-te um prémio. <i>Dado que a situação piorou</i> , fugimos para o estrangeiro. <i>Já que estás de pé</i> , passa-me o jornal.
<i>visto</i> + inf flex <i>dado</i> + inf flex	<i>Visto/dado estarmos todos de acordo</i> , podemos assinar o contrato.
Gerundivas	<i>Sendo muito inteligente</i> , o Rui conseguiu terminar o curso mais cedo.
Orações causais e explicativas paratáticas	
<i>pois</i> + ind <i>que</i> + ind <i>porque</i> + ind	Ficámos na cama até tarde, <i>pois era domingo</i> . Levanta-te, <i>que o sol já vai alto!</i> O Rui deve estar em casa, <i>porque eu vi uma janela aberta</i> .

Fonte: Raposo *et al.* (2013, p. 1983)

⁴ O termo parataxe diz respeito a “construções ligadas apenas por justaposição e pontuação/entonação e não pelo uso de conjunções”. (CRYSTAL, 2000, p. 196).

No Quadro 1, Raposo *et al.* (2013) destacam não só estruturas convencionalmente classificadas como subordinadas causais, mas também estruturas do tipo gerundivas e estruturas que possuem propriedades sintáticas distintas, como no caso das orações explicativas paratáticas introduzidas por *pois*, *que* e *porque*.

Os autores postulam que, entre duas orações, é possível estabelecerem-se ligações que envolvem a causa, a razão, a justificação ou a explicação. Dessa forma, uma oração é considerada semanticamente causal no caso de a situação descrita pela oração principal ser a causa (real ou inferida) da situação descrita na segunda oração. Em contrapartida, a oração é considerada semanticamente explicativa se a segunda oração funciona como uma explicação ou uma motivação para a situação descrita na oração principal. Os autores ilustram as seguintes possibilidades, as quais estão reproduzidas em (3):

- (3) a. Cancelaram o piquenique, *porque estava a chover*.
- b. *Já que estás de pé*, passa-me o jornal, por favor.
- c. A água ferveu, *pois atingiu os 100°C*.
- d. A Ana já deve estar a dormir, *pois as luzes estão todas apagadas*.

Raposo *et al.* (2013, p. 2007).

Em (3a), a chuva motivou o cancelamento do piquenique. Em (3b), por sua vez, a oração *Já que estás de pé* não é interpretada como uma causa direta de *passa-me o jornal*, antes, porém, trata-se de uma motivação para o pedido realizado. Já em (3c), temos uma causa real, em que o fato de a temperatura ter atingido os 100° causou a fervura da água. Em (3d), por fim, *pois as luzes estão todas apagadas* não é a causa de Ana estar dormindo, mas trata-se de uma suposição plausível de ocorrer.

Os autores esclarecem que, no caso de causa efetiva, a temporalidade da oração causal é anterior à situação expressa na oração principal, como em “As flores murcharam *porque apanharam demasiado calor*.” (Raposo *et al.* 2013, p. 2008 – destaques no original). Sobre essa questão, Lima-Salles *et al.* (2007, p. 107) explicam que um aspecto importante que advém da interpretação da causalidade diz respeito à contingência, a qual se associa a um requisito lógico de sucessão. Os autores postulam que “o significado da causalidade pode ser obtido composicionalmente por meio de advérbios que marcam sequência temporal de eventos, de conjunções com valor

temporal, como ‘e’, e/ou pela apresentação sequencial dos eventos [...]”. Contudo, quando a relação causal entre as orações é do tipo explicativa, a situação causal descrita não é temporalmente anterior à situação indicada na oração principal, como em “O Pedro vestiu-se a rigor *porque vai a uma homenagem.*” (Raposo *et al.* 2013, p. 2008 – destaques no original).

Outra possibilidade de diferenciação semântica entre orações causais e explicativas é definida por Raposo *et al.* (2013) a partir do grau informacional da situação que representa a causalidade. Desse modo, a interpretação pode mudar conforme a ocorrência da posição inicial ou final da oração causal e explicativa, como em:

(4) As crianças foram para a cama *por ser já muito tarde.*

(5) *Por ser já muito tarde,* mandámos as crianças ir para a cama.

Raposo *et al.* (2013, p. 2009).

Em (4), a oração destacada ocorre em posição final, pois a causa não é dada como uma informação conhecida, sendo antes apresentada como uma informação nova. Já em (5), temos o contrário, quando a oração causal e explicativa ocorre em posição inicial, pressupõe-se que a situação descrita é de conhecimento geral e compartilhado.

Quanto ao comportamento sintático das orações causais e explicativas, Raposo *et al.* (2013, p. 2011) definem que, no grupo de orações semanticamente causais e explicativas, há distintos tipos, uma vez que nem todas essas orações têm propriedades que as caracterizam como subordinadas adverbiais propriamente ditas. Logo, os autores caracterizam três tipos de introdutores dessas orações:

(i) conjunções ou locuções conjuncionais subordinativas, tais como *uma vez que, visto que, já que, como e porque* (com valor causal), como em “Uma vez que estava mau tempo, os pescadores ficaram em terra.”;

(ii) unidades que partilham certas propriedades típicas das conjunções coordenativas, como *pois*, no caso de “Estou mais aliviado, pois contei-lhe a verdade”; e

(iii) unidades com estatuto sintático não claramente definidos, como *que e porque* (explicativo), pois não podem ser antepostas, como em “Acorda, que o sol já vai alto!” *versus* *Que o sol já vai alto, acorda!”.

O gerúndio é outro modo destacado por Raposo *et al.* (2013, p. 2046) para expressar a causalidade no português. Segundo os autores, a interpretação causal em orações gerundivas pode acontecer de três formas:

(i) associada à anterioridade temporal, em que a causa precede o efeito, como em “Tendo chegado atrasado, o João já não conseguiu arranjar lugar sentado.”;

(ii) pela presença de um predicado estativo, como no caso de “Sendo muito comunicativo, o João integrou-se facilmente na nova escola.”; e

(iii) pela presença da negação, como acontece em “Não saindo de casa, a Ana sentiu-se triste.”

Dessa maneira, a análise de Raposo *et al.* (2013) sobre a causalidade explicita as possibilidades de orações que sejam semanticamente causais ou semanticamente explicativas, tendo em vista que, para eles, não há uma correspondência direta entre o funcionamento sintático e o valor semântico. Os autores explicam que, nas estruturas tipicamente classificadas como subordinadas, são encontradas orações ora com valor causal, ora com valor explicativo. No caso de orações justapostas ou paratáticas, apesar de estarem associadas ao valor explicativo, é possível também encontrar orações com valores causais.

Assim, as propostas de Brito (2003) e de Raposo *et al.* (2013) evidenciam que o estatuto das construções que expressam causalidade, as ditas orações causais e explicativas, está relacionado à predicação contida no enunciado, isto é, tem a ver com o funcionamento sintático associado às propriedades semânticas dessas construções.

Ainda sob a visão gerativista, Muniz (2000) adota a propriedade atribuída por Zubizarreta (1998, p. 6) de que “há um e apenas um foco por sentença” para as construções causais. Segundo o pesquisador, as respostas a perguntas com múltiplos pronomes interrogativos (QU-) têm apenas um foco, uma vez que os valores dados na resposta têm necessariamente uma interpretação ligada a um dos operadores QU-. Diante disso, Muniz verifica a propriedade de haver apenas um foco por sentença na seguinte construção causal, reproduzida em (6):

(6) O que aconteceu?

Como foi embalado incorretamente, o vaso quebrou.

Muniz (2000, p. 78)

Para Muniz, o foco da construção em (6), que serve como resposta à pergunta “O que aconteceu?”, é somente um, qual seja, a proposição “o vaso quebrou” que está na oração à direita.

O autor aponta que há uma relação estreita entre interpretação de foco e pressuposição, de um lado, e posições sintáticas de uma sentença, de outro. Desse modo, ele assinala que, na relação de causa e consequência, quando realizada em uma única sentença, sempre um dos termos tem a interpretação de foco e o outro de pressuposto. Em outro exemplo, o autor amplia essa noção de foco e pressuposição:

(7) O que você comprou?

Já que o pessoal do tio Zé vem aí eu comprei 10 pães. Muniz (2000, p. 79)

Em (7), Muniz revela que uma oração causal em posição inicial, *Já que o pessoal do tio Zé vem aí*, é representada como um pressuposto quando a causa não é o foco, e o foco é apenas a oração à sua direita, *eu comprei 10 pães*. Isso quer dizer que, mesmo não sendo uma suposição compartilhada, a oração causal é dada pelo falante como um pressuposto.

Por outro lado, Muniz defende que, quando o foco recai sobre a sentença causal e essa se encontra no início do período, como em (8), isso implica que a sentença modificada é um pressuposto, necessariamente:

(8) É verdade que Maria vendeu o carro porque estava enjoada dele?

Não. Porque estava precisando de dinheiro Maria vendeu o carro.

Muniz (2000, p. 79-80)

Em (8), a oração causal *Porque estava precisando de dinheiro* é o foco da sentença e *Maria vendeu o carro* contém o pressuposto, que é a informação compartilhada.

A partir dos exemplos aqui reproduzidos em (7) e (8), Muniz chega a uma importante conclusão:

[...] devemos dizer que há uma relação estreita entre interpretação de foco e pressuposição e posições sintáticas de uma sentença. No que diz respeito particularmente à periferia esquerda da sentença e a

posição de especificador de CP, proponho uma restrição forte: a) quando o TP é um pressuposto, necessariamente o especificador de CP recebe o foco e b) quando o TP é um foco, necessariamente o especificador de CP recebe a interpretação de pressuposto. Assim, na relação de causa e consequência, quando realizada em uma única sentença, sempre um dos termos tem a interpretação de foco e o outro de pressuposto (MUNIZ, 2000, p. 80).⁵

Muniz discute também o caso de orações causais que apresentam dois focos, como em (9):

(9) O que você está fazendo?

Eu estou abrindo a massa, porque o pão doura melhor.

Muniz (2000, p. 81)

Nesse exemplo, Muniz defende que há dois focos (F) do tipo:

A1: [_F Eu [estou abrindo a massa]] e

A2: [(eu estou abrindo a massa) [_F porque o pão doura melhor]]

A1: Existe um x, tal que estou fazendo x e existe um y, tal que estou fazendo x por causa de y.

A 2: O x, tal que estou fazendo x = [[estou] [abrindo a massa]] e o y, tal que estou abrindo a massa por causa de y = [(estou abrindo a massa) porque o pão doura melhor]

Muniz (2000, p. 81)

Desse modo, de acordo com a propriedade de que “há um e apenas um foco por sentença”, o autor explica que deve haver duas sentenças. Para esses casos, Muniz (2000, p. 81) explicita que a oração causal adendo toma a oração anterior como seu pressuposto, apesar de esse não se realizar fonologicamente na sua asserção principal.⁶ O autor generaliza ao dizer que “todos os casos de causais pospostos que realizam um

⁵ Na citação, CP (*Complementizer Phrase*), Sintagma Complementizador em português, representa o sintagma que estabelece a relação entre orações em uma dada sentença e TP (*Temporal Phrase*), Sintagma Temporal em português, é o sintagma que atribui ao verbo o morfema flexional de tempo (modo, aspecto, número e pessoas gramaticais).

⁶ Como num processo de “autoedição”, em que o falante avalia a necessidade de acréscimo de informação para que a mensagem seja compreendida.

ato de fala independente são de adendos” e postula que essas sentenças têm a forma básica apresentada em (10), sendo, portanto, casos de justaposição.

(10) B pausa (B) porque A.

Muniz (2000, p. 81)

Em (10), Muniz postula que B é o correspondente sintagmático do enunciado; A é a causa; e *porque* pode ser substituída por qualquer uma das conjunções causais. Ele propõe com isso que,

[...] todas as orações causais pospostas realizadas com o foco na oração efeito/consequência, independentemente da conjunção utilizada, são estruturalmente equivalentes, no sentido de que todas apresentam a causa também em foco em relação a um pressuposto que está elíptico na segunda sentença. O argumento que dou para isso é que [...] qualquer das conjunções estudadas pode, em princípio, ocorrer em uma relação de causa e consequência em um único ato de fala, ou seja, como foco (MUNIZ, 2000, p. 81-82).

Assim, quanto à distribuição de foco e pressuposição nas relações de causalidade no PB, Muniz conclui que, se a causa e o efeito/consequência são apresentados dentro da mesma unidade entonacional e o efeito/consequência precede a causa, então, o efeito/consequência é um pressuposto.⁷ Por outro lado, ele postula que, se o efeito/consequência é o foco, ou contém o foco da sentença, e precede a causa, então a causa é também foco, só que de outra sentença, “aquela que está elíptica na segunda enunciação” (MUNIZ, 2000, p. 85).

Identificamos algo comum nas propostas para a causalidade de Muniz (2000), de Brito (2003) e de Raposo *et al.* (2013): o destaque em relação à posição sintática e à interpretação da causalidade expressa em orações da língua portuguesa, sem se desprezar a leitura semântica que advém dessas construções. Esse destaque corrobora a visão gerativista sobre a linguagem, em que a sintaxe funciona como o componente central da cognição humana, pois alimenta os demais sistemas (fonológico, morfológico e semântico), uma vez que não nos comunicamos com itens lexicais isolados e não combinados, mas, antes, a comunicação se dá por meio de interação linguística veiculada em expressões complexas, como orações e sentenças.

⁷ Segundo Muniz (2000, p. 56), “um ato de fala corresponde a uma unidade entonacional; dois atos de fala, a duas unidades entonacionais”.

1.3.2 Trabalhos prévios sobre as relações de causalidade em Libras

Se, no campo da linguística das línguas orais, há várias pesquisas cujo objeto são as relações de causalidade, nas pesquisas linguísticas sobre línguas de sinais, notadamente da Libras, percebemos poucos trabalhos relacionados a essa temática.

As línguas de sinais têm sido objeto de estudo da Linguística desde os trabalhos de Willian Stokoe (1960) sobre a Língua de Sinais Americana (*American Sign Language – ASL*). Até então, essas línguas eram encaradas como uma forma de linguagem universal ou simplesmente uma mímica. Stokoe, entretanto, comprovou que as línguas de sinais compartilham as mesmas propriedades encontradas nas línguas orais no campo do léxico e da morfossintaxe e apresentam propriedades de línguas naturais, como, por exemplo, a infinitude discreta, que diz respeito à capacidade de gerar infinitas sentenças a partir de um número finito de elementos linguísticos. Dessa forma, Stokoe inseriu as línguas sinalizadas no rol de investigação no campo da Linguística.

Com base na investigação de Stokoe, iniciaram-se por volta da década de 1980 as pesquisas em Libras, com o trabalho seminal de Lucinda Ferreira Brito (1984; 2010 [1995]), o qual propõe uma descrição de aspectos da gramática da Libras, nos níveis fonológico, morfossintático, semântico e pragmático. A pesquisa de Ferreira Brito buscou evidenciar a Libras como uma língua natural.

Quadros (1995; 1997; 1999) e Quadros e Karnopp (2004) também promoveram uma descrição e explicação da gramática da Libras e de seu processo de aquisição sob a visão gerativa da linguagem. A complexidade da Libras é explorada pelas autoras por meio da tríade: fonologia, morfologia e sintaxe.

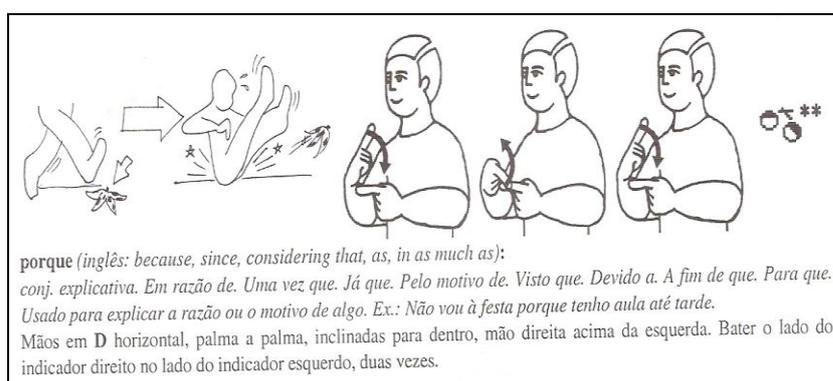
Particularmente a respeito das relações de causalidade em Libras, que se encontram no campo da morfossintaxe e da semântica, realizamos uma investigação preliminar sobre esse fenômeno, por ocasião de nossa pesquisa no Mestrado em Linguística (LIMA, 2010), cujo foco foi analisar as estruturas de causa e consequência na escrita do português como segunda língua dos surdos. Nossa investigação, de cunho funcionalista, partiu do estudo de alguns conectivos, que poderiam expressar essas relações nessa

língua de sinais, encontrados em dicionários de Libras, tais como PORQUE e POR-CAUSA.⁸

Identificamos os conectivos causais em Libras a partir dos sinais manuais já lematizados nos seguintes dicionários: Capovilla e Raphael (2001) e Lira e Souza (2008). Os dicionários apresentaram verbetes para os mesmos sinais manuais de valor causal: PORQUE, POR-CAUSA, POR-ISSO e DEPOIS.⁹ Naquele trabalho, para identificar a relação de causalidade, analisamos, além do sinal manual, as ilustrações e os exemplos fornecidos pelos lexicógrafos.

Sobre o conectivo PORQUE, eis o verbete apresentado por Capovilla e Raphael (2001):

Figura 1 - Verbetes do sinal PORQUE em Libras de Capovilla e Raphael (2001)



Fonte: Lima (2010, p. 26)

No verbete do sinal PORQUE, apesar da indicação clara como *conjunção explicativa*, explicamos que não havia qualquer indício quanto à função causal desempenhada pela conjunção:

Na ilustração ao lado do sinal (em que uma pessoa pisa em uma banana e por isso escorrega), destacam-se duas setas, uma aponta para a causa (a menor delas) e a outra para a consequência (a maior delas). Ignorando o verbete em português e atentando apenas para a ilustração, a marcação das setas não deixa claro para um aprendiz de Libras a que situação o sinal se refere, ou seja, se para a causa ou se para a consequência. Como o dicionário não se propõe a oferecer exemplos em Libras, não foi possível identificar como é expressa a função lógico-semântica de CAUS-CONS desse sinal (LIMA, 2010, p. 27)

⁸Neste trabalho, utilizamos a notação da palavra em letras maiúsculas para representar os sinais da Libras.

⁹ Sobre o sinal manual DEPOIS, apesar de ser uma preposição com valor semântico de temporalidade, identificamos o uso desse elemento para indicar a relação de causa e consequência nos dados coletados (LIMA, 2010, p. 25).

Quanto ao verbete apresentado por Capovilla e Raphael (2001) referente ao sinal POR-CAUSA, reproduzido na Figura 2, apontamos que os autores indicaram a função de causa, porém, a ilustração utilizada é a mesma do sinal PORQUE, o que poderia confundir o consultor do dicionário, de modo a utilizar os dois conectivos indistintamente. Por não fornecerem exemplos em Libras, assinalamos que não foi possível identificar os contextos de uso de cada um dos sinais: PORQUE e POR-CAUSA (LIMA, 2010).

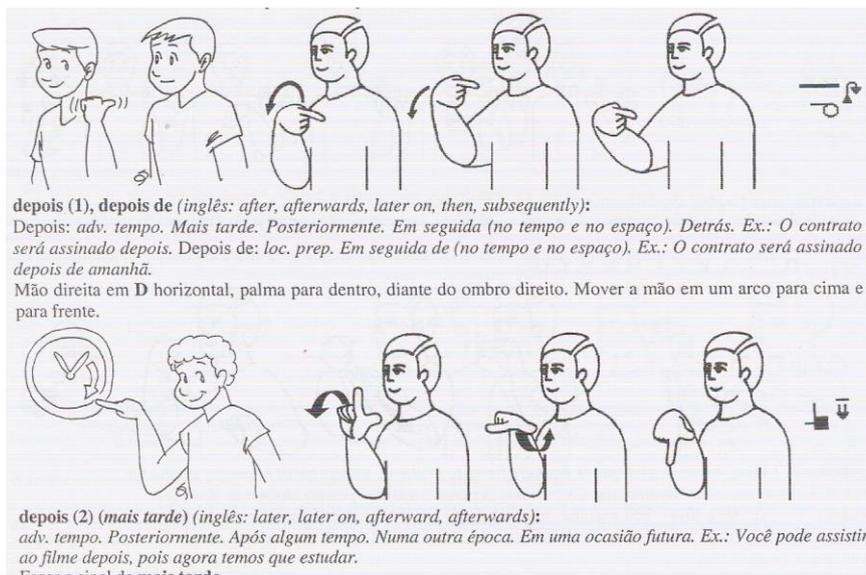
Figura 2 - Verbetes do sinal POR-CAUSA em Libras de Capovilla e Raphael (2001)



Fonte: Lima (2010, p. 27)

A respeito do verbete DEPOIS apresentado por Capovilla e Raphael (2001), conforme retratado na Figura 3 (na próxima página), analisamos as duas entradas, as quais indicavam apenas a função de tempo presente nesse sinal. Não foi identificada, na pesquisa, qualquer indicação de relações de causalidade (LIMA, 2010).

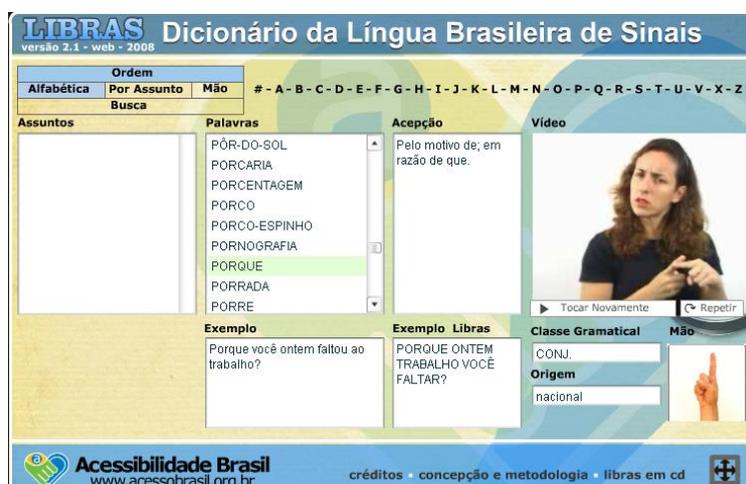
Figura 3 - Verbetes do sinal DEPOIS em Libras de Capovilla e Raphael (2001)



Fonte: Lima (2010, p. 28)

Diferentemente do dicionário de Capovilla e Raphael, destacamos que os verbetes dos conectivos causais do dicionário de Lira e Souza (2008) apresentavam exemplos em Libras. Esse diferencial facilitou a identificação ou não da expressão de causalidade. No caso do verbete do sinal PORQUE, reproduzido na Figura 4, apesar de a classificação gramatical indicar uma conjunção, identificamos que os exemplos em Libras e em português eram de construções interrogativas, exemplificadas respectivamente em (11) e (12):

Figura 4 - Verbetes do sinal PORQUE em Libras de Lira e Souza (2008)



Fonte: Lima (2010, p. 29)

- (11) Por que você ontem faltou ao trabalho? – Exemplo em português.
 (12) PORQUE ONTEM TRABALHO VOCÊ FALTAR? – Exemplo em Libras.

Lira e Souza (2008)

Nesses exemplos, o sinal PORQUE corresponde a um pronome interrogativo. Desse modo, não havia interpretação da relação de causalidade (LIMA, 2010). Apesar de termos concluindo isso no trabalho anterior, com esse novo estudo, consideramos que, mesmo como pronome interrogativo, ele induz uma relação causal (por exemplo, na resposta: “Eu faltei ao trabalho porque estava doente”).

Semelhantemente, no verbete do sinal DEPOIS, conforme Figura 5, apontamos que não havia também a indicação da relação de causalidade (LIMA, 2010). Contudo, nos dados desta tese, os quais são apresentados nos próximos capítulos, é possível identificar o uso desse item lexical como um conectivo causal em Libras.

Figura 5 - Verbetes do sinal DEPOIS em Libras de Lira e Souza (2008)

The screenshot shows the 'LIBRAS Dicionário da Língua Brasileira de Sinais' interface. The search results for 'DEPOIS' are as follows:

Assuntos	Palavras	Acepção	Vídeo
	DENUNCIAR DEPENAR DEPENDENTE DEPENDER DEPILAÇÃO DEPILAR DEPOIMENTO DEPOIS DEPOSITAR	Em um momento posterior, em seguida, após.	
	Exemplo Agora vou trabalhar, nos encontramos depois do almoço.	Exemplo Libras AGORA EU IR TRABALHAR DEPOIS ALMOÇO NOS-2 ENCONTRAR.	Classe Gramatical ADV. Origem nacional

At the bottom of the page, there is a footer for 'Acessibilidade Brasil' with the website address www.acessobrasil.org.br and credits for 'concepção e metodologia' and 'libras em cd'.

Fonte: Lima (2010, p. 30)

Em relação ao verbete do sinal POR-ISSO, reproduzido na Figura 6, notamos que os exemplos em português e em Libras apresentavam uma mudança quanto à ordem da relação de causalidade, pois o sinal POR-ISSO no exemplo em Libras do dicionário de Lira e Souza (2008) introduz a causa e o equivalente em português introduz a consequência (LIMA, 2010), como exemplificam os dados em (13) e (14).

Figura 6 - Verbetes do sinal POR-ISSO em Libras de Lira e Souza (2008)



Fonte: Lima (2010, p. 30)

(13) Você comeu muito, por isso está com dor de barriga. – Exemplo em português.

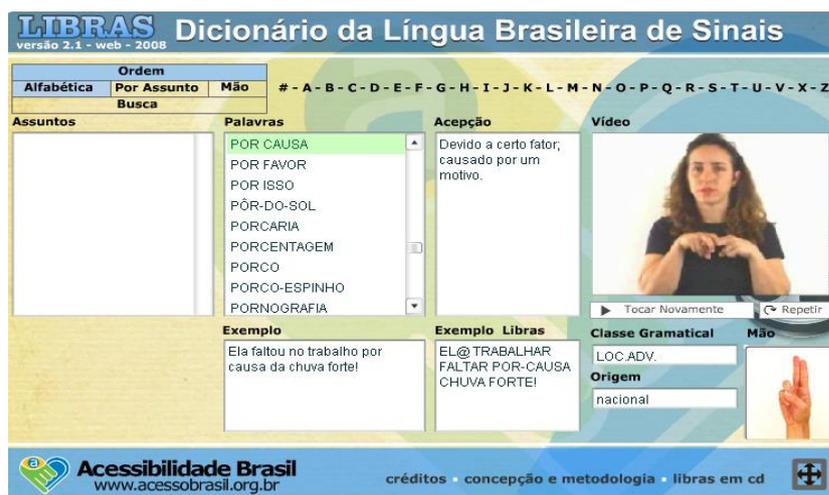
(14) VOCÊ DOR-BARRIGA POR-ISSO COMERmuito EXAGERAR. – Exemplo em Libras.

À época, a explicação que oferecemos para esse fato foi a de que o exemplo em Libras para ilustrar o sinal POR-ISSO não foi bem selecionado, pois, a partir de dados coletados com os informantes daquela pesquisa, identificamos o uso do sinal POR-ISSO não apenas um introdutor da causa, antes:

[...] o POR-ISSO em Libras pode ser utilizado no final, como um reforço da indicação da causa. Podemos entender que esse reforço refere-se a toda a relação de CAUS-CONS e não apenas à segunda parte (q). Assim, caberia uma investigação mais aprofundada sobre o uso do sinal de POR-ISSO em Libras, pois quando consultamos os informantes da pesquisa, eles estranharam o uso apresentado no Dicionário de Lira e Souza, o que nos leva a afirmar que o operador da relação de CAUS-CONS é a pausa e que o sinal POR-ISSO é apenas um reforço opcional (LIMA, 2010, p. 31).

Uma última questão que investigamos, levou em conta que Lira e Souza apresentavam o mesmo sinal de POR-ISSO para o verbete POR-CAUSA, como se nota na Figura 7 (na próxima página) a seguir e se compara com a Figura 6. Nesse caso, identificamos que os exemplos eram correspondentes nas duas línguas.

Figura 7 - Verbete do sinal POR-CAUSA em Libras de Lira e Souza (2008)



Fonte: Lima (2010, p. 32)

Como conclusão da pesquisa realizada em 2010, levantamos algumas hipóteses, especialmente no que se refere aos sinais POR-CAUSA e POR-ISSO:

(i) para os sinais de POR-CAUSA e POR-ISSO, é possível supor que exista em Libras apenas um sinal, como está implícito em Capovilla, que não apresenta verbete para o correspondente ao *por isso* em português; (ii) uma outra possibilidade é o uso da juntura¹⁰ como um indicativo da relação de CAUS-CONS e (iii) conforme indicado no Dicionário de Lira e Souza, é possível que haja oposição entre POR-ISSO e POR-CAUSA em Libras. Nesse caso, faz sentido supor que o sinal POR-ISSO não seja usado como um operador, mas apenas como um reforço de toda a relação de CAUS-CONS e que POR-CAUSA seja usado de fato como um conectivo introdutor da causa propriamente dito. Entretanto, apenas com base nas informações dos dicionários não é possível chegar a uma conclusão definitiva a respeito da expressão de CAUS-CONS em Libras.

De um modo geral, podemos afirmar que a relação de CAUS-CONS em Libras pode ser feita por meio de marcas, por meio de conectivos ou por meio da juntura marcada (LIMA, 2010, p. 33).

Apesar dos resultados alcançados naquele trabalho, compreendemos que a explicação sobre a causalidade na Libras deveria ser aprofundada, pois não são apenas os conectivos causais que expressam a relação causal. No caso das línguas de sinais, outros fatores estão envolvidos, tais como as expressões não manuais, por exemplo. Além disso, com dados coletados somente a partir de dicionários de Libras não é possível chegar a uma conclusão definitiva e segura a respeito desse fenômeno nessa

¹⁰“Juntura é um termo usado na fonologia para indicar os traços fonéticos de fronteira que podem demarcar as unidades gramaticais como os morfemas, palavras e orações. O traço de juntura mais óbvio é o silêncio” (CRYSTAL, 1985, p. 154). Consideramos a juntura como uma marca relevante do limite entre a causa e a consequência, embora não fosse uma interrupção longa da sinalização (LIMA, 2010).

língua de sinais. Dessa forma, identificamos a necessidade de realizar uma investigação mais precisa sobre o fenômeno, com dados coletados com os próprios surdos, proficientes de Libras. É essa a investigação a qual nos propusemos empreender nesta tese.

1.4 ESTRUTURA DA TESE

Essa tese é composta de seis capítulos. No primeiro capítulo, que ora apresentamos, buscamos introduzir o tema, segundo abordagens linguísticas, além do objeto de estudo, da questão de pesquisa, objetivos e estrutura da tese.

No capítulo 2, explicitamos o percurso metodológico implementado na coleta de dados para a tese, com base em Lima (2010), Ferreira Brito (2010), Chafe (1994), Lidell (2003), McCleary e Viotti (2007) e Quadros e Pizzio (2007), Brochado (2003), Marinho (2014), Quadros, Pizzio e Rezende (2009), Leite (2008), McCleary, Viotti e Leite (2010), Quadros *et. al.* (2010), Barbosa (2013) e Quadros (2015). Explicamos sobre os passos utilizados para a coleta e para a transcrição dos dados coletados em Libras. Também apresentamos os procedimentos para a análise dos dados.

No terceiro capítulo, expomos os aspectos gramaticais de natureza morfofonológica e sintática da Libras, segundo os estudos teóricos realizados até o momento, no que diz respeito às expressões não-manuais (FERREIRA BRITO e LANGEVIN, 2010 [1995]; QUADROS, 1997, 1999; QUADROS e KARNOPP, 2004; CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001; ARROTÉIA, 2005; QUADROS, PIZZIO e REZENDE, 2008; FARIA-NASCIMENTO, 2009; ARAUJO, 2013; LOURENÇO, 2018; FIGUEIREDO e LOURENÇO (2019), aos conectivos (BAKER & PFAU, 2016; FERNANDES, 1990 e 1999; NASCIMENTO e SARTORI, 2011; CAPOVILLA *et al.* 2017; KOCH e ELIAS, 2016; VOGT, 2015 [1978]; ANDRADE, 2015) e à articulação de orações complexas em estruturas subordinadas e coordenadas, com foco nas orações causais (PADDEN, 1988; TANG e LAU, 2012; e PFAU, 2016). O detalhamento desses aspectos tem como finalidade embasar a análise da Libras, apresentada nos capítulos 4 e 5.

No quarto capítulo, propomos a descrição e análise das propriedades morfofonológicas e sintáticas das orações complexas que expressam relações de causalidade em Libras, conforme identificadas em nosso *corpus*. Para esse fim,

ancoramos as nossas reflexões no arcabouço teórico descrito no capítulo 3, o qual nos levou a organizar a análise sob o eixo de identificação de orações com conectivos manuais e orações sem conectivos manuais.

No quinto capítulo, propomos a descrição e a análise das propriedades semânticas das relações de causalidade em Libras. Para isso, baseamo-nos na classificação tripartite proposta por Sweetser (1990) e sucessores (SANDERS, SPOOREN e NOORDMAN, 1992; NOORDMAN e BLIJZER, 2000; SANDERS e SWEETSER, 2009; SANDERS *et al.*, 2009; NEVES, 2011), em que a causalidade se realiza a partir da representação de conteúdo, ou de uma crença ou conclusão lógica, ou de atos de fala.

No sexto capítulo, apresentamos as nossas considerações finais, frutos das conclusões advindas a partir do arcabouço teórico utilizado e da pesquisa empírica realizada, que consolidaram a descrição e análise de dados implementadas nesta tese.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA: A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Neste capítulo, detalhamos a metodologia utilizada nesta pesquisa, descrevendo os passos para a seleção e a organização dos dados. O capítulo está dividido em quatro seções, a saber: em 2.1, caracterizamos os procedimentos de coleta de dados; em 2.2, discorremos sobre as formas de transcrição de dados em Libras; em 2.3, especificamos os procedimentos para a constituição do *corpus* e a análise dos dados da tese; em 2.4, apresentamos nossas conclusões.

2.1 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DOS DADOS

Antes de proceder à etapa de coleta de dados, submetemos o projeto desta investigação linguística ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (CEP-IH) da Universidade de Brasília (UnB), registrado sob o número 1.934.744/2017, o qual foi aprovado, conforme Parecer Consubstanciado anexado a esta tese (cf. Anexo). Após a aprovação do projeto, iniciamos, no mês de março de 2017, a coleta dos dados junto aos colaboradores surdos da cidade de Goiânia e região metropolitana. Os procedimentos relativos a essa coleta são apresentados nos subtópicos a seguir.

2.1.1 Instrumentos da coleta

Os instrumentos da coleta de dados para esta pesquisa estão contemplados em quatro etapas, planejadas para acontecerem com a presença de pelo menos uma dupla de surdos:

- (a) aplicação de um questionário semiestruturado sobre o perfil do(a) colaborador(a);
- (b) registro em vídeo de narrativas em Libras;
- (c) registro em vídeo de eliciação de sentenças em Libras; e

(d) registro em vídeo de produção de diálogos em Libras.

O questionário semiestruturado (primeira etapa) é constituído de 21 perguntas fechadas e abertas, elaborado em português e baseado em nossa dissertação de mestrado (LIMA, 2010), com algumas adaptações, e visa estabelecer o perfil linguístico do(a) colaborador(a) convidado(a). Para isso, procuramos identificar os seguintes aspectos:

- (i) grau de surdez;
- (ii) grau de instrução;
- (iii) onde época e local da aprendizagem de Libras;
- (iv) família usuária de Libras;
- (v) situações de uso do português na modalidade escrita (cf. Apêndice 1).

A segunda etapa, por sua vez, envolve o registro em vídeo de narrativas individuais produzidas por surdos fluentes em Libras. Optamos pelo uso de narrativas por meio da técnica de produção de dados conhecida como *semiespontânea* (CHAFE, 1994). Essa técnica visa “estimular a produção de narrativa com uma história contada a partir de imagens, técnica já usada em estudos sobre narrativas em línguas sinalizadas” (McCLEARY e VIOTTI, 2007, p. 76). Nessa etapa, foi apresentado o filme “História da Pêra”¹¹, que é uma história filmada sem o uso de palavras escritas, planejada especialmente para o uso de análise translinguística. Esse vídeo tem sido amplamente utilizado como estímulo por pesquisadores que trabalham com narrativas em diversas línguas de sinais no mundo (McCLEARY E VIOTTI, 2007). O filme é apresentado uma ou duas vezes a apenas um(a) colaborador(a) surdo(a), em sessão individual. Em seguida, cada surdo(a) reconta a história a outro(a) colaborador(a) da pesquisa surdo(a), que ainda não tivesse visto o filme e não conhecesse a história.

A terceira etapa diz respeito à eliciação de sentenças a partir de imagens. Essa etapa foi realizada em duas fases. Na primeira fase, que se inseriu no fluxo previsto inicialmente para a coleta de dados, solicitamos que os colaboradores reproduzissem ou criassem uma história a partir de 10 imagens apresentadas em papel colorido e plastificado (cf. Apêndice 2). Algumas imagens sugeriam a ideia de causalidade e outras

¹¹ A História da Pêra (*The Pear Film*). Direção de Wallace Chafe. Produzido em Berkeley, Universidade da Califórnia, em 1975. Duração total: seis minutos. Disponível em <http://pearstories.org/pears_video.htm>. Acesso em: 15/02/2015.

não, pois procuramos utilizar também algumas imagens distratoras. As imagens que sugeriam causalidade são: plantação e crescimento de uma árvore; homem que comeu demais e depois passou mal; empurrar com o dedo as pedras de um dominó para elas caírem; pessoa que escorrega em uma casca de banana e bate a cabeça no chão; a combinação: beber, dirigir e bater o carro em um poste. As imagens distratoras são as seguintes: a transformação de uma lagarta em borboleta; as fases de vida de uma pessoa; a evolução da espécie: do macaco ao ser humano; duas mãos dadas de pessoas idosas; e o Congresso Nacional, tendo a Câmara dos Deputados representada como um circo. Já a segunda fase, não prevista no planejamento inicial, foi necessária devido a não termos identificado nos dados coletados na primeira fase, ocorrências em Libras de um tipo específico de relações semânticas de causalidade, a epistêmica.¹² Por isso, incluímos um experimento específico com essa finalidade, o qual foi organizado a partir de quatro imagens (cf. Apêndice 3), cada uma delas associada a uma pergunta em Libras, gravadas em vídeo, a saber:

(1) Imagem: casa com todas as luzes ligadas.

Pergunta: ‘Como você sabe que o João está em casa?’.

(2) Imagem: rua molhada.

Pergunta: ‘Como você sabe que a rua está molhada?’

(3) Imagem: homem regando com mangueira um jardim de uma via pública.

Pergunta: ‘Como você sabe que o jardim está seco?’

(4) Imagem: homem com seis biscoitos na boca e um biscoito na mão.

Pergunta: ‘Como você sabe que o homem está com fome?’

As respostas a essas questões foram realizadas de forma independente pelos colaboradores da pesquisa e enviadas à pesquisadora.

A quarta etapa foi composta de diálogos em duplas e estabelecida a partir de textos opinativos, de base argumentativa e reflexiva, em Libras, que versassem sobre assuntos polêmicos da atualidade no Brasil, com o objetivo de analisarmos o uso das relações de

¹² Como será apontado no capítulo 5, Noordman e Blijzer (2000) consideram que, as sentenças que refletem mais diretamente uma relação de causalidade no mundo real e em sua representação cognitiva dessa situação são mais facilmente entendidas e produzidas do que as demais relações de causalidade, como as epistêmicas, o que justifica o fato de não terem sido produzidas sentenças do tipo epistêmicas na produção espontânea realizada na primeira eliciação de sentenças a partir de imagens.

causalidade nesses tipos de textos. Para atingir esse objetivo, selecionamos dois temas – “liberação do aborto” e “implantação da pena de morte no Brasil” –, que foram apresentados aos colaboradores da pesquisa. Previamente, os colaboradores foram estimulados a apresentarem pelo menos três argumentos a favor ou contra cada um dos temas divulgados. A seguir, por meio de um sorteio, era definido o posicionamento (a favor ou contra) do(a) colaborador(a) diante de cada um dos temas. Feito isso, a dupla iniciava a produção do diálogo argumentativo.

2.1.2 Seleção de colaboradores

Para harmonizar os objetivos desta pesquisa com a adequação dos dados, foi necessário traçar um perfil determinado de colaboradores, com base nos seguintes critérios:

- (i) grau e tipo de surdez;
- (ii) idade do(a) colaborador(a);
- (iii) usuários proficientes em Libras como primeira língua;
- (iv) formação escolar em Ensino Médio;
- (iv) residentes na cidade de Goiânia e região metropolitana.

Em relação ao primeiro critério, grau e tipo de surdez¹³, selecionamos apenas colaboradores surdos, ou seja, aqueles que apresentassem grau de surdez severo ou profundo e bilateral, como é almejado em pesquisas descritivas em línguas de sinais (BRITO, 2010).

Sobre o segundo critério, idade do(a) colaborador(a), optamos por colaboradores adultos, maiores de 18 anos. Esse critério foi usado devido ao fato de que apenas 5 a 10% dos surdos são filhos de pais surdos e, então, somente esse pequeno grupo apresenta o *input* linguístico adequado no processo de aquisição de linguagem

¹³ Utilizamos a classificação da perda auditiva segundo o *Bureau International d'Audiophonologie* – BIAP e segundo a Portaria Interministerial nº. 186 de 10 de março de 1978, que consideram dois tipos de surdez: (1) indivíduos parcialmente surdos: apresentam surdez leve (perda auditiva de até quarenta decibéis (intensidade do volume dos sons)) ou surdez moderada (perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis); e (2) indivíduos surdos: apresentam surdez severa (perda auditiva entre setenta e noventa decibéis) ou surdez profunda (perda auditiva superior a noventa decibéis) (BRASIL, 1997).

(QUADROS, 1997). Dessa forma, a maioria dos surdos, filhos de pais ouvintes, recebe o *input* da língua de sinais, de um modo geral, apenas quando frequentam a escola ou as associações e comunidades de surdos. A história de vida de muitos surdos comprova que isso acontece no final da infância ou na adolescência. Sendo assim, ter surdos adultos pode nos garantir maior proficiência na língua de sinais, o que nos leva ao terceiro critério.

No que se refere ao terceiro critério, usuários proficientes em Libras como primeira língua, partimos da premissa de documentar as línguas de sinais tendo por base a utilização de *corpus* produzido por sinalizadores fluentes, como defendem Lidell (2003), McCleary e Viotti (2007) e Quadros e Pizzio (2007). Para identificar a fluência em Libras que os colaboradores de nossa pesquisa afirmavam ter, utilizamos a interação direta durante a aplicação do questionário semiestruturado. Quanto à identificação do nível de proficiência em português de nossos colaboradores, além de nossa experiência como professora de português como segunda língua de surdos no curso Letras: Libras da Faculdade de Letras e em cursos de extensão da Universidade Federal de Goiás, baseamo-nos na classificação de interlíngua – sistema linguístico construído pelo aprendiz de segunda língua com base em sua primeira língua (SELINKER 1972 apud ELLIS, 1997) – proposta por Brochado (2003). Brochado identifica três fases de interlíngua na produção linguística em português de surdos, aqui resumidas:

(i) fase 1 (interlíngua básica): emprego predominante de estratégias de transferência da língua de sinais (L1) para a escrita da língua portuguesa (L2);

(ii) fase 2 (interlíngua intermediária): escrita com mescla das duas línguas, em que se observa o emprego de estruturas linguísticas da Libras e o uso indiscriminado de elementos da língua portuguesa, na tentativa de apropriar-se da língua-alvo, além do emprego, muitas vezes desordenado de constituintes da L1 e L2; e

(iii) fase 3 (interlíngua avançada): escrita com o emprego predominante da gramática do português em todos os níveis, principalmente, no sintático, definindo-se pelo aparecimento de um número maior de frases na ordem Sujeito-Verbo-Objeto e de estruturas complexas.

O quarto critério, formação escolar em Ensino Médio, diz respeito à seleção de colaboradores que possuam o Ensino Médio completo. A escolha por colaboradores

com esse tipo de formação se justifica devido ao fato de necessitarmos de indivíduos que tenham maturidade ideológica em relação aos temas abordados nos diálogos de base argumentativa e reflexiva e, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2007), é no Ensino Médio que o conteúdo sobre tipos de textos argumentativos é trabalhado. Sendo assim, ter indivíduos com essa escolaridade pode nos garantir o uso de estratégias argumentativas na interlocução dos diálogos.

Por fim, o quinto critério, colaboradores residentes na cidade de Goiânia e região metropolitana, visa contribuir com a construção de um banco de dados de Libras nessa localidade, o qual denominamos *LIBRAS-GO*, a partir da coleta de dados junto aos colaboradores surdos residentes e nascidos no Estado de Goiás.

O questionário semiestruturado, como explicado na seção anterior, foi escolhido como ferramenta para obtermos essas informações e também para identificarmos a fluência dos colaboradores na Libras. Ao todo, oito surdos aceitaram participar de nossa pesquisa. Por serem pessoas que fazem parte de nossa convivência particular, os primeiros contatos entre nós (surdos e pesquisadora) ocorreram informalmente, no primeiro quadrimestre do ano de 2017.

A formalização dos convites foi feita por meio do preenchimento pelos colaboradores do documento Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (cf. Apêndice 4), em português, porém o conteúdo dele foi explicado pela pesquisa em Libras, com a finalidade de assegurar aos colaboradores o pleno entendimento dos propósitos de nosso estudo. Nesse documento, esclarecemos os objetivos e os procedimentos envolvidos na coleta, na transcrição e na análise de dados desta pesquisa. Além disso, por respeito à privacidade dos colaboradores, o documento informa que são preservadas suas identidades, fazendo referência a eles por pseudônimos em lugar de seus verdadeiros nomes. Contudo, cumpre esclarecer que, em virtude de a Libras ser uma língua de modalidade visual-espacial, os dados, que serão apresentados para explicar as análises propostas, identificarão, necessariamente, nossos colaboradores por meio de suas imagens faciais e corporais. Sendo assim, nossos colaboradores foram esclarecidos a esse respeito por meio do documento Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para Fins de Pesquisa (cf. Apêndice 5) e de nossa explicação em Libras, e todos eles concordaram com os termos e as condições desta pesquisa.

Posto isso, as informações coletadas no questionário semiestruturado sobre os colaboradores estão resumidas a seguir.

Joana tem 23 anos e reside em Goiânia há um ano e meio, mas é natural de Caldas Novas, cidade também do Estado de Goiás. É a única pessoa surda de sua família. Apresenta surdez bilateral e severa, adquirida aos seis meses de vida por causa de uma catapora. Não utiliza prótese auditiva. Possui o Ensino Médio completo. Ela afirma ter aprendido Libras na escola, tardiamente, por volta dos oito anos de idade. No entanto, hoje Joana se considera fluente na Libras, e essa língua, por sua vez, é a de sua preferência como forma de comunicação no dia-a-dia. Apresenta conhecimento básico em português, porém suficiente para se comunicar pela Internet e pelo celular. Ela diz que gosta de ler jornais e livros, mas sente dificuldades com o significado de algumas palavras.

Paulo tem 25 anos, é natural e residente da cidade de Goiânia. É o único surdo de sua família. Possui surdez congênita, bilateral e profunda. Não utiliza aparelho auditivo, pois afirma incomodar bastante. Sua formação escolar compreende o Ensino Médio completo. Paulo aprendeu Libras aos quatro anos de idade, em dois ambientes: na escola e em casa. Alguns de seus familiares se comunicam com ele por meio da Libras. Por isso, ele se considera fluente nessa língua. Por outro lado, apresenta conhecimento básico de português e o utiliza para se comunicar pela internet e também pelo celular. Afirma ler pouco e, quando o faz, lê apenas jornais.

Sofia tem 26 anos, é natural e residente da cidade de Goiânia. Possui uma irmã gêmea também surda. A surdez é congênita, bilateral e profunda. Não utiliza prótese auditiva, pois não gosta. Tem o Ensino Médio completo. Sofia aprendeu Libras aos 10 anos de idade na escola. Além de sua irmã gêmea, seus outros três irmãos e sua mãe se comunicam com ela em Libras, porém seu pai não sabe Libras e sua comunicação com ele se dá por meio de leitura labial. Sofia se considera fluente em Libras. Em relação à língua portuguesa, porém, apresenta um domínio linguístico bastante limitado, haja vista a sua dificuldade em responder às três últimas perguntas do questionário, sendo necessária a nossa explicação em Libras sobre o conteúdo das perguntas. Contudo, Sofia explica que usa a modalidade escrita do português para se comunicar pelo celular e também para ler livros de sua comunidade religiosa.

Sara tem 26 anos, é natural e residente da cidade de Goiânia. Apresenta surdez congênita, bilateral e profunda. Não utiliza aparelho auditivo. Tem o Ensino Médio

completo. Sara aprendeu Libras na escola, aos 10 anos de idade. Tem uma irmã surda, que também é usuária de Libras. Além de sua irmã, outros familiares se comunicam com ela em Libras. Sara se considera fluente em Libras. Apresenta conhecimento básico do português e afirma usar a modalidade escrita apenas para se comunicar pelo celular ou para ler revistas publicadas por seu grupo religioso.

Diego tem 22 anos, é natural de Jaraguá, cidade do Estado de Goiás, mas há pouco mais de um ano reside na cidade de Goiânia. Nasceu surdo, com grau profundo e bilateral. É o único surdo de sua família. Não usa prótese auditiva. Possui o Ensino Médio completo. Aprendeu Libras aos nove anos de idade, em casa. Diego nos relatou que os seus pais, ao descobrirem a surdez do filho, procuraram aprender Libras e depois a ensinaram a ele. Ele se avalia fluente em Libras, mas diz que também gosta de português e, por isso, se considera uma pessoa bilíngue, pois se comunica nessa língua oral por meio de mensagens do celular e na internet. De fato, Diego apresenta um conhecimento intermediário do português. Ele afirma ler às vezes, especialmente livros.

Luiza tem 23 anos, é natural e residente da cidade de Goiânia. É a única surda de sua família. Apresenta surdez congênita, de grau profundo e bilateral. Possui o Ensino Médio completo. Não usa aparelho auditivo. O seu aprendizado da Libras ocorreu aos cinco anos de idade, em dois locais: em casa e na escola. Apesar de ser a única surda de sua família, os seus familiares se comunicam com ela em Libras. Por isso, ela se considera fluente nessa língua de sinais. Luiza possui um domínio avançado do português, devido aos seus hábitos de leitura e escrita regulares, como ela própria descreveu.

Mara tem 21 anos, é natural e residente de Aparecida de Goiânia, cidade localizada na região metropolitana de Goiânia. É a única surda de sua família. Apresenta surdez severa e bilateral, adquirida aos nove meses de idade por causa de uma meningite. Possui o Ensino Médio completo. Aprendeu Libras aos cinco anos de idade na escola, com intérpretes e colegas surdos. Ela se considera fluente na Libras. Comunica-se com a sua família por meio da língua de sinais. Mara apresenta um domínio intermediário do português. Ela diz que gosta de ler jornais, livros e de consultar dicionários especialmente para saber o significado das palavras. No dia-a-dia, usa a modalidade escrita do português para se comunicar por mensagens no celular ou pela internet.

Ana tem 25 anos, é natural e residente da cidade de Goiânia. É a única surda de sua família. Apresenta surdez severa e bilateral, adquirida aos quatro anos de idade por

causa de uma meningite. Tem o Ensino Médio completo. Aprendeu Libras na igreja, aos 16 anos e se considera proficiente na língua. Ana se comunica com a família por meio da leitura labial. Apresenta um domínio avançado do português, afirma gostar muito de português e apreciar a leitura de vários tipos de textos, tais como: jornais, revistas e artigos científicos. Ana também costuma escrever pela internet e no celular.

Os oito colaboradores foram organizados em quatro duplas (cf. Quadro 2), as quais foram estabelecidas levando-se em consideração a afinidade existente previamente entre eles(as), a fim de proporcionar maior interação por ocasião do processo filmagem.

Quadro 2 – Duplas de Colaboradores

DUPLAS	COLABORADORES
Dupla A	Joana e Paulo
Dupla B	Sofia e Sara
Dupla C	Diego e Luiza
Dupla D	Mara e Ana

Fonte: a pesquisa

No próximo subtópico, procedemos à descrição do processo de filmagem de nossos oito colaboradores.

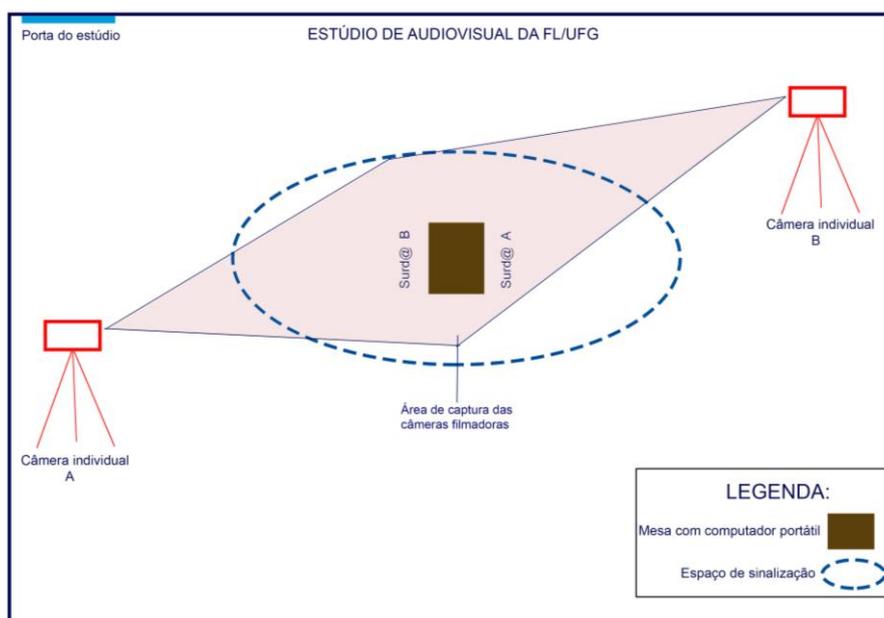
2.1.3 Filmagem dos colaboradores

O registro dos dados em vídeos, nos trabalhos sobre uma língua de sinais, é a técnica mais recomendada por pesquisadores da área a fim de garantir uma correta visualização da produção linguística que se investiga (McCLEARY e VIOTTI 2007; QUADROS e PIZZIO, 2007; BRITO, 2010; McCLEARY, VIOTTI e LEITE, 2010). Por isso, a boa qualidade dos equipamentos empregados é imprescindível nesse processo, como defende Marinho (2014). Em nossa coleta, utilizamos duas câmeras da marca Sony Handycam – HD avchd – Modelo HDR-CRX190 5.3 megapixels, cada uma afixada sobre tripés, para evitar deturpações nas filmagens por conta do mau manuseio do

equipamento. Utilizamos resolução de 1280-720 da imagem gravada. Foram planejadas duas sessões de coleta de dados com cada dupla de colaboradores, com duração média entre 60 a 120 minutos, em horários previamente definidos entre nós (pesquisadora e duplas de colaboradores).

Para realizar as gravações, um estúdio (cf. figura 8) foi organizado com equipamentos de nossa propriedade e de empréstimo, sob a anuência da Universidade Federal de Goiás (UFG), nosso local de trabalho. O estúdio localiza-se no Bloco Bernardo Élis, no segundo andar, sala número 82, da Faculdade de Letras (FL) da UFG.

Figura 8 – Estúdio de Filmagem



Fonte: a pesquisadora

A primeira sessão de filmagem ocorreu em duas etapas. Na primeira etapa, um(a) colaborador(a) da dupla assistia ao vídeo “História da Pêra” e, em seguida, narrava a história do filme ao outro colaborador, que também se encontrava no estúdio de filmagem, mas não havia visto o vídeo. No quadro 3 a seguir, há a duração da narrativa da “História da Pêra” dos quatro colaboradores que a executaram:

Quadro 3 – Duração da narração da “História da Pêra”

Narração História da Pêra	Duração
Joana da Dupla A	02’26”
Sara da Dupla B	01’31”
Diego da Dupla C	02’21”
Mara da Dupla D	02’17”

Fonte: a pesquisadora

Na segunda etapa da sessão de filmagem, separadamente e com o uso de apenas uma câmera, cada colaborador criava uma frase ou uma história a partir da apresentação de imagens. A duração da produção individual dos colaboradores nessa etapa está descrita no Quadro 4:

Quadro 4 – Duração da eliciação de sentenças a partir de imagens (primeira fase)

Narração Elementos Provocadores	Duração
Joana	07’07”
Paulo	02’09”
Sofia	01’22”
Sara	01’56”
Diego	02’09”
Luiza	04’21”
Mara	04’07”
Ana	09’28”

Fonte: a pesquisadora

Recordamos, conforme detalhado na seção 2.1.1, que a segunda etapa da coleta de dados (de eliciação de sentenças) foi dividida em duas fases. Os dados acima correspondem à primeira fase, a qual havia sido planejada preliminarmente. Na segunda fase, que envolveu uma sessão de filmagem adicional, apenas uma câmera foi utilizada. Cada colaborador, individualmente e após assistir ao vídeo que continha as imagens e as

perguntas em Libras, produzia a resposta. Nessa fase da coleta, tivemos somente a participação de quatro colaboradores, conforme o quadro 5 informa:

Quadro 5 – Duração da eliciação de sentenças a partir de imagens (segunda fase)

Elementos Provocadores e Perguntas	Duração
Diego	01'20"
Luiza	01'11"
Paulo	01'17"
Mara	01'12"

Fonte: a pesquisadora.

Na terceira sessão de filmagem, que envolvia a gravação dos diálogos (cf. 2.1.1), com as câmeras dispostas conforme apresentado na figura 7, em duplas, cada surdo(a) ficava de frente um(a) ao(à) outro(a). Nessa configuração, procedia-se à filmagem dos dois temas selecionados para a pesquisa, a saber, “liberação do aborto” e “implantação da pena de morte no Brasil”. O conteúdo e a duração dos diálogos foram estabelecidos pelos próprios colaboradores, sem a nossa intervenção. A duração de cada diálogo está disposta conforme o Quadro 6:

Quadro 6 – Duração dos diálogos

Duplas	Duração	
	Diálogo “Aborto”	Diálogo “Pena de Morte”
Dupla A	00'49"	01'00"
Dupla B	00'47"	1'01"
Dupla C	04'33"	03'37"
Dupla D	02'58"	04'33"

Fonte: a pesquisadora.

As filmagens ocorreram em dois períodos: (1) etapas um e três e primeira fase da etapa dois nos meses de abril e de maio de 2017 e (2) segunda fase da etapa dois nos meses de janeiro e fevereiro de 2019. Os vídeos foram convertidos e editados em formato *mp4* e, posteriormente, disponibilizados em CD por uma técnica do Laboratório de Audiovisual da FL/UFG.¹⁴ Finalizada a etapa da filmagem, seguimos para o próximo passo: a transcrição dos dados.

2.2 PROCEDIMENTOS PARA A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

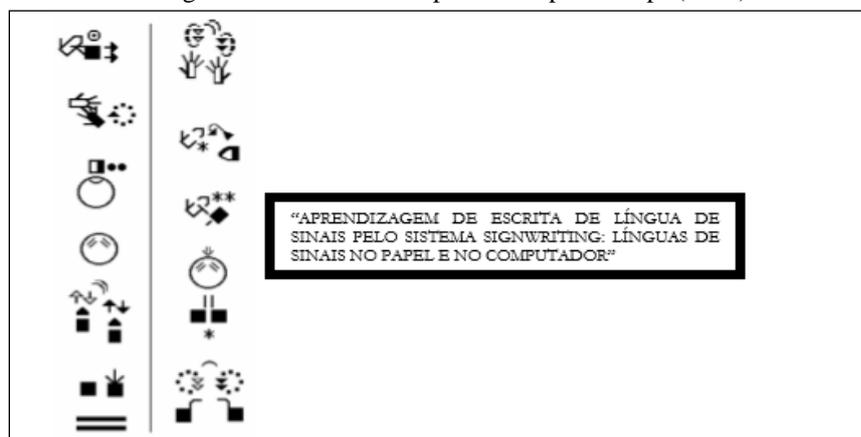
Na pesquisa linguística, um ponto crucial diz respeito ao tratamento dos dados e à sua transcrição, ou seja, ao “registro daquilo que é diretamente observado na gravação” (McCLEARY; VIOTTI e LEITE, 2010, p. 271). No caso das línguas orais, há uma padronização realizada por meio da representação fonético-fonológica, em geral contemplada no Alfabeto Fonético Internacional, como assinalam Quadros e Pizzio (2007). Por outro lado, a transcrição de dados de línguas de sinais é algo altamente complexo e ainda não há consenso entre os pesquisadores, pois esse “continua sendo um desafio sem solução clara”, como apontam McCleary e Viotti (2007, p. 73). Os autores justificam tal afirmação ao argumentarem sobre o fato de as línguas de sinais carecerem de sistemas de escritas largamente aceitos. Por exemplo, no Brasil, atualmente, têm sido usados vários sistemas de escrita de sinais, alguns mais conhecidos do que outros, e cada um com suas especificidades, tais como: o *SignWriting* (SUTTON, 2000); o *Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais* (BARROS, 1998; 2008; 2015; 2016); e o *Sistema de Escrita para Libras* (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012), os quais sintetizamos a seguir.

O *SignWriting* (SW) é o sistema de escrita de sinais mais conhecido no Brasil e no mundo, criado em 1974 pela americana Valerie Sutton. “Sua origem está em um sistema que a autora criou para notar os movimentos da dança”, como explica Stumpf (2005, p. 51). Trata-se de uma representação simultânea, de forma ideográfica e visa registrar qualquer língua de sinais do mundo. O SW possui cerca de 900 símbolos e está dividido em 10 categorias, a saber: “mãos, contatos das mãos, faces, movimentos do corpo e da cabeça, ombro, membros, inclinação da cabeça, localização, movimento de dinâmicas e

¹⁴ Agradecemos à Rhanna Asevedo, técnica em cinematografia da FL/UFG e responsável pelo Laboratório de Audiovisual, pelo auxílio na conversão e na edição dos vídeos.

pontuação” (STUMPF, 2005, p. 57). É um sistema que pode ser escrito de três formas: (1) escrita com o corpo inteiro; (2) escrita de sinais padrão; e (3) escrita simplificada ou escrita à mão (SUTTON, 2000). Faria-Nascimento (2009, p. 139) exemplifica um texto escrito em SW, na forma padrão, por Stumpf (2005) referente ao título da tese de doutorado dessa última autora:

Figura 9 – Texto em SW produzido por Stumpf (2005).



Fonte: Faria-Nascimento (2009, p. 139).

Apesar de o *SignWriting* possibilitar a reunião de muitos elementos em apenas uma imagem e de forma simultânea, o que facilita a identificação do sinal, por outro lado, ele apresenta uma grande quantidade de informações visuais, o que torna mais complexa a atividade do(a) pesquisador(a), especialmente se for necessário lidar com o registro de muitos sinais, como é o nosso caso.

O *Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais*, mais conhecido como ELiS, foi criado em 1998 pela pesquisadora brasileira Mariângela Estelita Barros, em sua dissertação de mestrado, e tem sido usado em cursos de graduação, em associações de surdos e em cursos livres de Libras notadamente das regiões Centro-Oeste e Norte do país. A ELiS é fundamentada no sistema de notação da Língua Americana de Sinais, de William Stokoe, pois, segundo a autora, “era estruturado sobre bases de pesquisa linguística, tinha base alfabética, era linear e muito econômico” (BARROS, 2015, p. 17). A ELiS é composta de 95 visografemas¹⁵, os quais estão organizados em quatro grupos, formando, assim, a estrutura básica deste sistema: Configuração de Dedos (CD), com 10 visografemas; Orientação da Palma (OP), com 6 visografemas; Ponto de

¹⁵ Visografemas são símbolos ou letras utilizadas na ELiS, que representam elementos visuais (BARROS, 2015).

Articulação (PA), com 35 visografemas; e Movimento (M), com 44 visografemas (BARROS, 2015). Barros (2016) explica que a estrutura dos visografemas é fixa e não pode ser alterada em hipótese alguma: CD, OP, PA, e M. A autora exemplifica com a escrita do sinal da LIBRAS equivalente a ‘bonito’¹⁶:

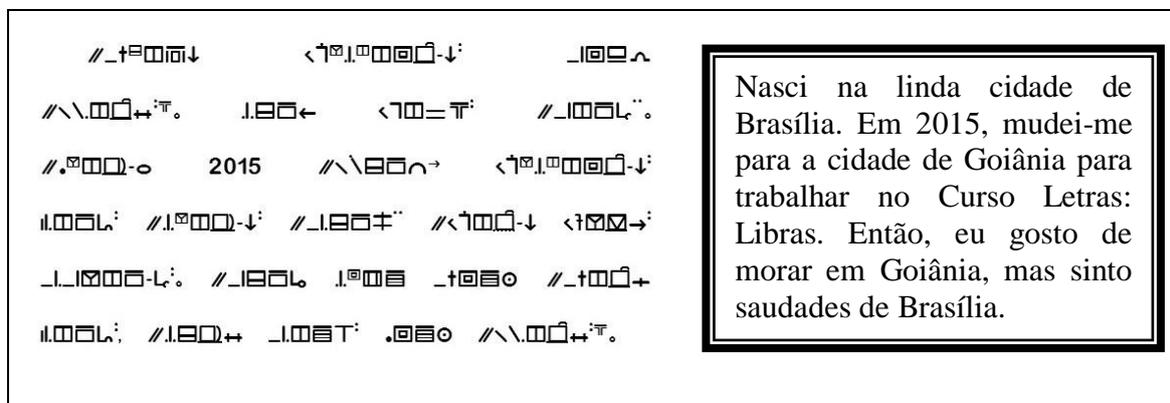
Figura 10– Escrita do sinal ‘bonito’ em ELiS



Fonte: a pesquisadora

Assim como o SW, a ELiS possibilita escrever textos a mão, bem como escrever textos em formato digital, inclusive possui uma fonte própria, que pode ser instalada no computador. Na Figura 11 a seguir, exemplificamos um texto em ELiS, de nossa autoria¹⁷:

Figura 11 – Texto em ELiS



Fonte: a pesquisadora

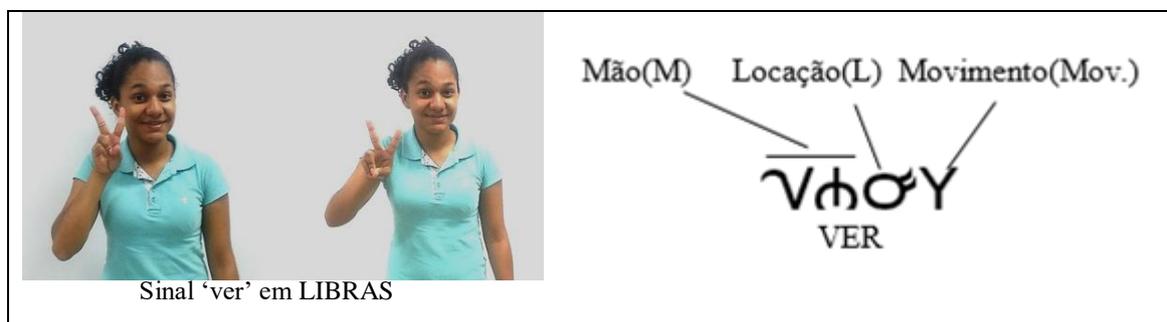
¹⁶Imagem retirada de nosso banco de dados, em filmagem de colaboradores desta pesquisa. A representação escrita na ELiS é um dos exemplos fornecidos por Barros (2016, p. 207).

¹⁷ Este texto foi produzido em abril de 2017 como parte de uma atividade de um curso de extensão de 180 horas em ELiS, oferecido pela Faculdade de Letras da UFG e ministrado por Mariângela Estelita Barros, o qual participamos durante o primeiro semestre do ano citado.

Barros esclarece, no entanto, que os visografemas não representam todos os elementos visuais presentes nas línguas de sinais. A autora se justifica ao dizer que “sistema de escrita algum representa todos os elementos de uma língua, pois, ainda que isso fosse possível, seria inviável para um sistema que se pretendesse aplicável para uso cotidiano”. Contudo, a criadora da ELiS defende que o seu sistema de escrita de sinais “possibilita a escrita de qualquer sinal em, hipoteticamente, qualquer língua de sinais” (BARROS, 2015, p. 22).

Mais recentemente, o *Sistema de Escrita para Libras*, denominado SEL, teve a sua primeira versão implementada em 2011 pela pesquisadora brasileira Adriana Lessa-de-Oliveira. O SEL é um sistema linear e tridimensional de escrita de sinais, desenvolvido sob fundamentação linguística, com base no modelo de Stokoe e na linearidade do signo linguístico de Saussure (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012). O SEL é formado a partir de três macrossegmentos¹⁸ de base icônica – Mão (M), Locação (L) e Movimento (Mov) –, identificados pela sigla *MLMov*, e distribuídos em 109 caracteres mais 54 diacríticos, os quais representam: configuração de mão, movimento, ponto de articulação (ou locação), orientação do movimento, orientação da palma, expressão facial, três eixos de posição da mão, três planos de realização do movimento, movimentos de dedo e pontos de toque (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012). Na Figura 12 a seguir, há um exemplo da escrita em SEL do sinal da LIBRAS equivalente a ‘ver’¹⁹:

Figura 12: Escrita do sinal ‘ver’ em SEL



Fonte: a pesquisadora

Lessa-de-Oliveira explica que, apesar da simultaneidade da Libras, a estrutura da SEL é fixa: *MLMov*. A pesquisadora salienta que o SEL pode ser grafado via escrita

¹⁸ Macrossegmentos são os parâmetros que representam os traços distintivos que compõem a base dos sinais (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012).

¹⁹ Imagem retirada de nosso banco de dados, em filmagem de colaboradores desta pesquisa. A representação escrita no SEL é um dos exemplos fornecidos por Lessa-de-Oliveira (2012, p. 166).

mecânica ou de forma manuscrita. Contudo, esse sistema ainda é pouco conhecido no Brasil.

Dessa forma, diante da complexidade dos sistemas de escrita de sinais e pelo fato de eles não terem “atingido aceitação geral na literatura linguística pela dificuldade de leitura para pessoas não especialmente treinadas” (McCLEARY e VIOTTI 2007, p. 74), para a transcrição de nossos dados da Libras, optamos pela utilização do sistema de *Identificador de Sinais (ID)*²⁰, disponibilizado eletronicamente e de acesso gratuito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O ID é uma ferramenta que dispõe os nomes atribuídos aos sinais para as glosas utilizadas nos respectivos sistemas de transcrição selecionados. Essa ferramenta também apresenta a escrita do sinal utilizando o sistema *SignWriting*, conforme levantados no Núcleo de Aquisição de Línguas de Sinais da UFSC. Nossa escolha baseou-se no amplo uso dessa ferramenta por diversos pesquisadores de universidades brasileiras e também para garantir maior padronização nas anotações dos dados da Libras.

Além disso, muitos linguistas têm recorrido aos recursos tecnológicos na tentativa de transcrever com mais qualidade e visualidade as línguas de sinais. Em diversas partes do mundo diferentes ferramentas têm sido usadas para a transcrição de filmagens em vídeos para pesquisas com línguas de sinais, como listam McCleary e Viotti (2007) e Quadros e Pizzio (2007): *ANVIL*, *CLAN*, *TRANSANA*, *BTS*, *FileMaker Pro*, *SignStream* e o *ELAN*.²¹ Um aspecto positivo do uso desses sistemas, com exceção do BTS, como salientam Quadros e Pizzio (*op.cit.*), é o fato de o(a) pesquisador(a) ter acesso às filmagens e à transcrição ao mesmo tempo, o que é essencial para a análise dos dados.

Em nossa pesquisa, optamos pelo uso do ID/UFSC em conjunto com o *software* ELAN (que detalharemos nos próximos subtópicos) para a transcrição dos dados. A escolha desse *software* deu-se pelas seguintes razões: (i) vários pesquisadores brasileiros o recomendam na tentativa de padronizar as transcrições em Libras (MOREIRA, 2007; McCLEARY e VIOTTI, 2007; QUADROS e PIZZIO, 2007;

²⁰ID: Sistema de Identificador de Sinais da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.idsinais.libras.ufsc.br/>

²¹ ANVIL: *Annotation of vídeo and language data*. Disponível em: <http://dfki.de/~kipp/anvil/>.

CLAN: *Computerized Language Analysis*. Disponível em: <http://childes.psy.cmu.edu/>.

TRANSANA: Disponível em: <http://www.transana.org/>.

BTS: Sistema Berkeley de Transcrição.

SIGNSTREAM: Disponível em: <http://www.bu.edu/asllrp/signstream/>.

ELAN: *EUDICO (European Distributed Corpora Project) Linguistic Annotator*. Disponível em: www.mpi.nl/tools/elan.html/.

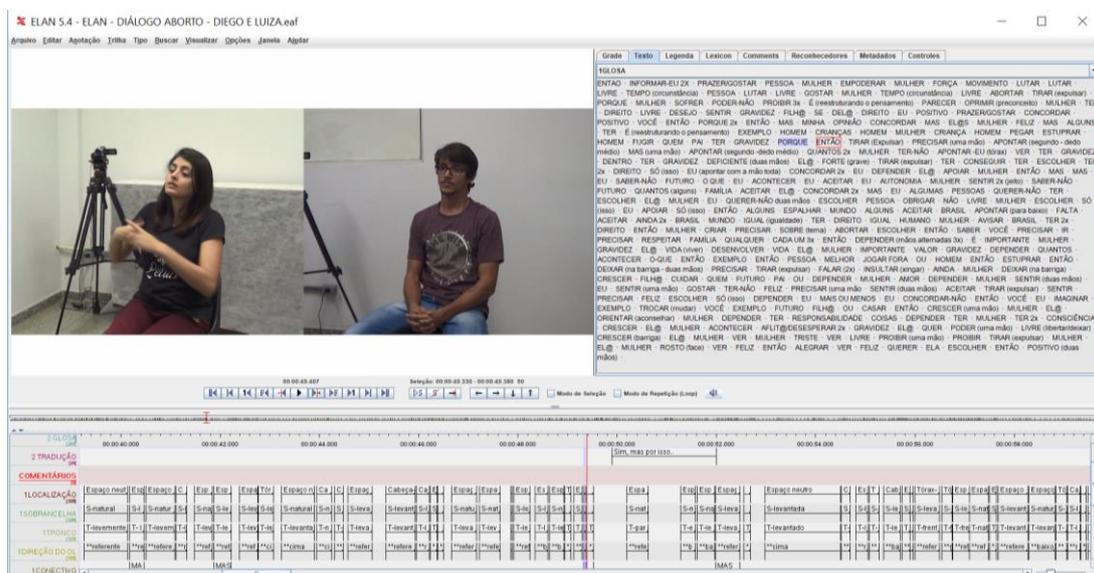
LEITE, 2008; McCLEARY; VIOTTI e LEITE, 2010); (ii) é um *software* gratuito; (iii) a imagem é vista em vídeo; (iv) propicia a visualização de quatro tomadas de vídeo simultaneamente (QUADROS e PIZZIO, 2007); e (iv) possibilita a sincronização entre vídeo e comentários.

2.2.1 Software ELAN

O *software* ELAN (*EUDICO Linguistic Annotator*), criado pelo Instituto Alemão Max Planck de Psicolinguística, é um sistema projetado para análises linguísticas e permite registrar dados provenientes de vídeos e/ou áudios produzidos em línguas orais ou em línguas sinalizadas. É um programa de fácil utilização e com atualizações constantes: em nossa pesquisa, utilizamos as versões 5.2 e 5.4.

O ELAN possibilita que os vídeos possam ser vistos em diversas velocidades, o que, a nosso ver, confere maior precisão e maior qualidade na transcrição dos pormenores presentes nas narrativas e nos diálogos sinalizados. Além disso, é um programa que permite a exportação dos registros para documentos de texto. Por meio desse recurso, o(a) pesquisador(a) pode acessar várias informações concomitantemente: vídeos, traduções, elementos manuais e não-manuais, comentários, dentre vários outros possíveis. Na Figura 13 a seguir, apresentamos uma tela prototípica do ELAN, em que podem ser registrados os detalhes da sinalização a cada segundo:

Figura 13 – Tela do ELAN



Fonte: a pesquisadora

A Figura 13 apresenta, na parte superior esquerda, a tela que executa o vídeo do diálogo. Na parte superior direita, por sua vez, há abas de controle, que exibem a grade, o texto, a legenda, a velocidade, os metadados e os comentários realizados na transcrição. Na parte inferior, por fim, temos as trilhas utilizadas na descrição dos dados, as quais serão explicitadas no próximo subtópico.

2.2.2 Seleção de trilhas no ELAN

A trilha ou linha é definida por Quadros, Pizzio e Rezende (2009, p. 20) como “o conjunto das anotações que compartilham das mesmas características”. As autoras explicam que há dois tipos de trilhas: as independentes e as dependentes. A trilha independente contém anotações ligadas a um determinado intervalo de tempo e a trilha dependente, em contrapartida, contém anotações que estão integradas a outra trilha, ou seja, às anotações da chamada trilha-mãe.

A marcação do tempo nas trilhas é utilizada pelo *software* para sincronizar a exibição do vídeo com a respectiva anotação. Além disso, qualquer trilha do ELAN pode ser visualizada individualmente por meio da aba *grade*, o que permite analisar as especificidades de cada elemento presente no material descrito.

O ELAN possibilita também a mescla das trilhas de elementos que ocorrem concomitantemente. Outra particularidade do sistema é o fato de o(a) pesquisador(a) ter a possibilidade de alterar as trilhas a qualquer momento, o que é especialmente vantajoso para adequações que se fazem necessárias ao longo da pesquisa.

As trilhas criadas em nossa análise seguiram os critérios metodológicos estabelecidos nas propostas de Moreira (2007), McCleary e Viotti (2007), Leite (2008), McCleary, Viotti e Leite (2010), Quadros *et. al.* (2010), Barbosa (2013) e Quadros (2015). Essas propostas apresentam especificações pormenorizadas no que se refere à transcrição de sinais manuais e não manuais, o que nos permitiu organizar as trilhas adequadas à nossa investigação, conforme definidas no quadro 7:

Quadro 7 - Descrição das trilhas do ELAN

Título da Trilha	Vocabulário Controlado	Descrição da Trilha	Convenções
Glosa	Não	Nome de cada sinal manual	Letras maiúsculas; glosa com mais de uma palavra registrada com hífen
Tradução	Não	Tradução livre dos enunciados em Português	-----
Sobrancelhas	Sim	Registro do movimento de sobrancelhas	S
Direção do Olhar	Sim	Registro da direção do olhar	** : olhos de frente para o referente; **> : olhos com direção à direita; **< : olhos com direção à esquerda; **+ : olhos para cima; **- : olhos para baixo
Localização	Sim	Registro da localização da(s) mão(s): cabeça (LC); tronco (LT); membros (LM) + especificador (braço - b, ombro - o, axila -a, cotovelo - c, punho - ph, perna - pe; espaço neutro (LE)	LC LT LM + especificador (b, o, a, c, ph ou pe) LE
Sinal não reconhecido	Não	Registro de sinal não reconhecido no enunciado	XXX
Comentários	Não	Registro de comentários ao longo da transcrição	-----

Fonte: a pesquisadora

Em nossa pesquisa, as trilhas *glosa*, *tradução*, *sinal não reconhecido* e *comentários* fazem parte do vocabulário livre, tendo em vista que a transcrição dessas trilhas abrange uma diversidade infindável de possibilidades, o que nos impossibilitaria apresentar todas as características presentes nos dados. Já as demais trilhas (*sobrancelha*, *direção do olhar* e *localização*) fazem parte do vocabulário controlado, em que o(a) transcritor define os elementos selecionados para composição dos trechos da análise. O número de elementos de cada trilha com vocabulário controlado pode variar e, no desenrolar da transcrição, alguns elementos podem ser adicionados ou retirados, a depender da necessidade, uma vez que a transcrição é um processo que envolve constantes readequações. Uma vantagem do vocabulário controlado é padronizar o processo de transcrição e, assim, evitar que as mesmas informações sejam novamente transcritas, o que otimiza o tempo gasto na descrição dos sinais.

Dessa forma, as trilhas estabelecidas no quadro 7 constituem a base para a transcrição dos dados que serão usados na análise que propomos sobre as relações de causalidade na Libras.

2.3 PROCEDIMENTOS PARA A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E PARA A ANÁLISE DOS DADOS

O *corpus* desta pesquisa é constituído, como já foi mencionado, das produções em Libras feitas por nossos colaboradores exclusivamente para este estudo. Sendo assim, a apresentação dos dados coletados é feita a partir de recortes de trechos específicos dos vídeos sinalizados e transcritos no ELAN, com base nas categorias de análise definidas no Quadro 8 a seguir. Os recortes constituem-se de sequência de fotos que permitem a visualização dos trechos do vídeo a que a análise proposta se refere.

Quadro 8 - Categorias de análise

CATEGORIAS DE ANÁLISE	
ASPECTOS GRAMATICAIS	ASPECTOS SEMÂNTICOS
Orações com conectivos manuais	Causalidade de conteúdo (real)
Orações sem conectivos manuais	Causalidade epistêmica
Expressões não-manuais nas orações	Causalidade de atos de fala

Fonte: a pesquisadora

A análise está organizada em dois eixos:

(i) aspectos gramaticais, de natureza morfofonológica e sintática, apresentados no capítulo 4 desta tese, visando identificar o uso (ou não) de conectivos manuais e das expressões não-manuais nas orações complexas que expressam relações de causalidade em Libras;

(ii) aspectos semânticos, apresentados no capítulo 5, especificamente a classificação semântica das construções causais usualmente encontrada na literatura, qual seja: causalidade de conteúdo (real), causalidade epistêmica e causalidade de atos de fala.

Esses aspectos são analisados com base nas perspectivas teóricas que fundamentam este trabalho, apresentadas no capítulo 1 e desenvolvidas nos próximos capítulos. Trata-se, portanto, de uma análise descritiva e explicativa sobre o fenômeno da causalidade na Língua Brasileira de Sinais.

2.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos envolvidos na constituição do *corpus* desta pesquisa. Na primeira seção, especificamos os procedimentos para a coleta de dados. Nesse contexto, foram detalhados os passos sobre: (1) os instrumentos da coleta, organizados em quatro tipos: o questionário semiestruturado, a eliciação de sentenças a partir de imagens, as narrativas e os diálogos em Libras; (2) a seleção de nossos oito colaboradores surdos da cidade de Goiânia e região metropolitana; e (3) os procedimentos de filmagem dos colaboradores.

Na segunda seção, explicitamos os processos de transcrição de dados – depois de apresentar os sistemas de escritas conhecidos no Brasil. A etapa da transcrição dos dados, certamente, constituiu a parte mais intensa da pesquisa, tendo em vista a complexidade proveniente, de um lado, de dados coletados em línguas de sinais e, de outro lado, da falta de um sistema de registro escrito amplamente aceito, conhecido e utilizado. Assim sendo, decidimos pelo uso do ELAN por ser o mais recomendado pelos pesquisadores da área no Brasil, em conjunto com o Identificador de Sinais da UFSC para a anotação das glosas dos sinais da Libras.

A terceira seção apresentou os procedimentos para a constituição do *corpus* e as categorias de análise gramatical e semântica, propostas para esta pesquisa.

CAPÍTULO 3 - ASPECTOS MORFOFONOLÓGICOS E SINTÁTICOS DA LIBRAS

Este capítulo examina alguns aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos da Libras. Iniciamos a apresentação com a premissa de que as línguas de sinais são línguas naturais das comunidades surdas e, assim como as línguas orais, são uma evidência da capacidade humana para a linguagem e uma expressão da Faculdade da Linguagem, pois ambas as modalidades de línguas “são produtos do mesmo sistema cognitivo” (SANDLER e LILLO-MARTIN, 2006, p. 4).²²

Como explicitado no Capítulo 1, as pesquisas voltadas para a descrição linguística das línguas de sinais iniciaram-se com o trabalho seminal do pesquisador norte-americano William Stokoe (1960), cujo eixo central de análise concentrou-se na descrição da Língua de Sinais Americana (*American Sign Language – ASL*). Com base nas pesquisas em ASL, deu-se início à descrição linguística da Libras, por meio do trabalho pioneiro de Lucinda Ferreira Brito a partir da década de 1980 (1984; 1990; 2010 [1995]), sob as perspectivas fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática.

Neste capítulo, destacamos os aspectos gramaticais da Libras. Na seção 3.1, apresentamos os aspectos morfofonológicos, com foco nas expressões não-manuais e nos conectivos manuais. Na seção 3.2, apresentamos os aspectos de natureza sintática, com foco na coordenação e subordinação e na articulação de orações complexas. Por fim, na seção 3.3, apresentamos nossas conclusões.

3.1 ASPECTOS MORFOFONOLÓGICOS DA LIBRAS

Nesta seção, apontamos alguns dos estudos centrais sobre dois aspectos da morfofonologia da Libras que se destacam na análise da causalidade, partindo do pressuposto defendido por Battison (1978) e outros pesquisadores (WILBUR, 1987; LIDDELL e JOHNSON, 2000 [1989]; SANDLER e LILLO-MARTIN, 2006) de que,

²² Tradução nossa. Original: “(...) are the product of the same cognitive system (...)”. (SANDLER e LILLO-MARTIN, 2006, p. 4).

apesar das diferenças de modalidades quanto à produção e à recepção, as línguas de sinais seguem princípios de organização linguística semelhantes às línguas orais.²³

3.1.1 Expressões não-manuais

As expressões não-manuais (ENMs, daqui em diante) são um aspecto fundamental na constituição da estrutura interna dos sinais. Inicialmente, nos estudos de Stokoe (1960), o autor não considerou as ENMs como um componente estrutural dos sinais da ASL. Posteriormente, porém, Stokoe, Casterline e Croneberg (2000 [1965]) evidenciaram o papel da expressão facial e do aceno de cabeça em sinais que envolviam sim/não. Contudo, os autores não aprofundaram os contextos em que tais ENMs ocorriam. Pesquisas posteriores defenderam o papel linguístico dessas expressões na gramática das línguas de sinais (LIDDELL, 1977; BAKER-SHENK, 1983).

Nesta subseção, destacamos, brevemente, os estudos centrais sobre as ENMs realizados em Libras, notadamente: Ferreira Brito e Langevin (2010 [1995]), Quadros (1997; 1999), Quadros e Karnopp (2004), Capovilla e Raphael (2001), Arrotéia (2005), Quadros, Pizzio e Rezende (2008), Faria-Nascimento (2009), Araujo (2013), Lourenço (2018) e Figueiredo e Lourenço (2019). De um modo geral, esses estudos indicam diferentes modos de categorizar as ENMs. De um lado, há trabalhos que partem da classificação em nível gramatical; de outro, há os que partem de aspectos anatômicos, com ênfase nas divisões dos movimentos da face e do tronco.

Ferreira Brito e Langevin (2010 [1995], p. 240) identificaram as ENMs na Libras com base no trabalho de Baker-Shenk (1983), conforme se verifica na Figura 14 (na página seguinte). Baker-Shenk (1983)²⁴, a partir de dados da ASL, apresenta um estudo detalhado dos tipos e das funções gramaticais desempenhadas pelas ENMs. Segundo a autora, citada por Ferreira Brito e Langevin, as ENMs são identificadas pelos “movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco”. Essas expressões, além disso, cumprem dois papéis nas línguas de sinais: “marcação de formas sintáticas e atuação

²³ As línguas de sinais são produzidas pelas mãos no espaço e recebidas pela visão. Já as línguas orais são produzidas pelos órgãos do aparelho fonador e recebidas pela audição.

²⁴ Baker-Shenk (1983) distingue as expressões não-manuais que possuem função gramatical das que possuem função afetiva, ou seja, que não apresentam função gramatical, mas contribuem para o estabelecimento da comunicação. Para um aprofundamento dessa distinção, conferir Reily, McIntire e Bellugi (1990, 1991), Wilbur (2000) e Pfau e Quer (2010).

como componente lexical”. As formas sintáticas são encontradas nas ENMs que indicam sim/não, as interrogativas, perguntas retóricas, condicionais, construções relativas e topicalizações. Quanto aos componentes lexicais, as ENMs aparecem em referências específicas e pronominais, partícula negativa, advérbio, modificador ou marca de aspecto.

Figura 14 – Expressões não-manuais da Libras

ROSTO	
PARTE SUPERIOR	
	Sobrelhas franzidas
	Olhos arregalados
	Lance de olhos
	Sobrelhas levantadas
PARTE INFERIOR	
	Bochechas infladas
	Bochechas contraídas
	Lábios contraídos e projetados e sobrelhas franzidas
	Correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha
	Apenas a bochecha direita inflada
	Contração do lábio inferior
	Franzir do nariz
CABEÇA	
	Balançamento para a frente e para trás (sim)
	Balançamento para os lados (não)
	Inclinação para frente
	Inclinação para o lado
	Inclinação para trás
ROSTO E CABEÇA	
	Cabeça projetada para frente, olhos levemente cerrados, sobrelhas franzidas (ex.: o quê?, quando?, como?, quando?, por quê?)
	Cabeça projetada para trás, e olhos arregalados (ex.: quem?)
TRONCO	
	Para frente
	Para trás
	Balançamento alternado dos ombros
	Balançamento simultâneo dos ombros.
	Balançamento de um único ombro

Fonte: Ferreira Brito e Langevin (2010 [1995], p. 240-241)

Na Figura 14, Ferreira Brito e Langevin implementam uma especificação das ENMs em Libras de caráter descritivo, as quais se dividem em quatro partes: rosto, cabeça, rosto e cabeça, e tronco. Os autores esclarecem que isso se dá porque o foco da descrição das ENMs por eles desenvolvida tem o objetivo de compor um dicionário e, por isso, eles se limitam às expressões que constituem componentes lexicais.

Ferreira Brito e Langevin (2010 [1995], p. 242) destacam ainda que é possível que duas ENMs ocorram simultaneamente: “por exemplo, em Libras, a interrogação e a negação podem ser expressas juntas, balançando-se a cabeça para os lados (não), franzindo-se as sobrancelhas e movendo-se o tronco à frente, e inclinando-se finalmente a cabeça para trás”. Essas ocorrências simultâneas, no entanto, apresentam restrições, uma vez que, nas palavras dos autores, “algumas combinações são impraticáveis, como balançar a cabeça para frente e para os lados”.

Quadros (1997, p. 50), por sua vez, explicita que o tipo de oração (interrogativa, expressão de ironia, afirmativa, negativa e assim por diante) na Libras é determinado não pelo uso da expressão manual (EM), antes, porém, pelas ENMs, como se verifica no seguinte exemplo fornecido pela autora: PRONOME_c ENCONTRAR AMIGO. Nesse caso, a autora aponta que, a partir das diferentes ENMs, é possível identificar diferentes contextos, tais como:

- (i) – ‘Tu encontraste teu amigo?’: se o emissor usar expressão facial interrogativa;
- (ii) – ‘Tu encontraste O TEU AMIGO.’: se o emissor salientar apenas o final por meio de uma expressão facial enfática, indica-se ironia;
- (iii) – ‘Tu encontraste teu amigo.’: uso de expressão facial natural indica uma afirmação;
- (iv) – ‘Tu não encontraste teu amigo.’: o uso de movimento da face balançando-a de um lado para o outro indica negação.

Por outro lado, quanto às funções gramaticais das ENMs na estrutura sentencial, Quadros (1999) apresenta notadamente a direção do olhar e a inclinação do tronco como marcadoras de concordância entre sujeito e objeto na Libras. Além disso, a autora aponta que, no caso de sentenças que apresentam as ordens S(sujeito) O(objeto) V(verbo) ou OSV, elas só serão gramaticais se apresentarem as marcas não-manuais.

Uma análise similar é apresentada por Quadros e Karnopp (2004). As autoras explicitam que a direção do olhar e a posição do corpo são ENMs que servem para estabelecer referentes em Libras, como se nota na Figura 15, com os sinais CASA e PAGAR:

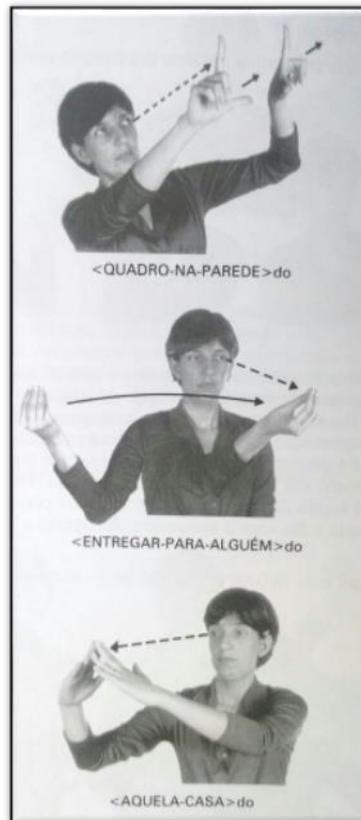
Figura 15 – Sinais CASA e PAGAR em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 115)

Em particular, Quadros e Karnopp apontam que a direção do olhar (do) é um modo produtivo na Libras de manifestação da concordância, a qual acompanha a flexão do verbo, como se verifica na Figura 16:

Figura 16 – Marcação da direção do olhar em Libras

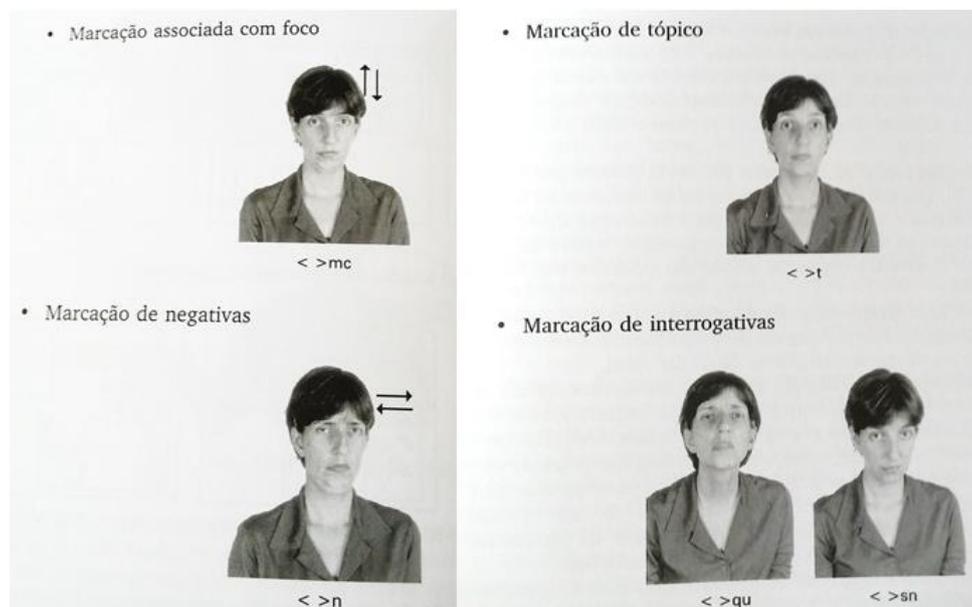


Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 116)

As autoras indicam também que, além da marcação da concordância gramatical por meio da direção dos olhos, são identificadas outras ENMs como marcas gramaticais em Libras: marcação associada com foco, marcação de negativas, marcação de tópico e

marcação de interrogativas. Na Figura 17 a seguir, são ilustradas tais possibilidades exemplificadas por Quadros e Karnopp:

Figura 17 – Marcação das ENMs em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 132-133)

Diferentemente de Quadros e Karnopp (2004), Capovilla e Raphael (2001) apontam as expressões faciais encontradas em seu dicionário apenas em caráter descritivo, o que já era esperado, dada a natureza da obra. Assim, não há explicações sobre quaisquer outras funções por elas desempenhadas. Eis as expressões faciais descritas por eles:

alegre, alegria, boca aberta, boca semi-aberta, bochechas infladas, bochechas sugadas, brava, contraída, dentes cerrados, lábios cerrados, lábios protusos, lábios protuberantes, língua para fora, mostrando a ponta da língua, mostrando os dentes, olhos arregalados, olhos fechados, olhos semi-abertos, sobrancelhas arqueadas, sorriso, sorrindo, testa franzida, triste ou tristeza, etc. (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001, p. 50).

Note-se que Capovilla e Raphael (2001) não explicitam as ENMs ligadas ao corpo (cabeça, rosto e cabeça, e tronco), conforme propostas por Ferreira Brito e Langevin (2010 [1995]) para a composição de dicionários de Libras, embora na descrição de alguns verbetes estes estejam elencados.

Ainda sobre as funções gramaticais das ENMs nas línguas de sinais, Arrotéia (2005) explica que a marcação não-manual expressa informações que não se encontram nos sinais manuais da sentença, as quais podem ser de natureza sintática, semântica,

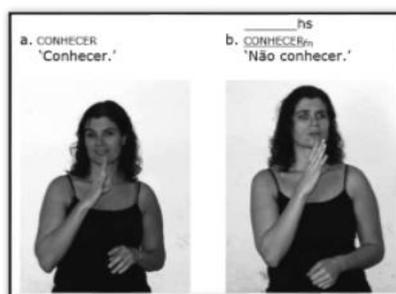
morfológica ou fonológica. A autora fornece os seguintes exemplos para ilustrar as informações sintáticas fornecidas pelas ENMs:

- (1) a. $\overline{\text{BICICLETA}} | \text{IX}^a \text{ CAIR}$
 ‘Ela caiu da bicicleta.’
 b. $\overline{\text{BICICLETA}} | \text{IX}^a \text{ CAIR}$ $\overline{\text{y/n}}$
 ‘Ela caiu da bicicleta?’
- (2) a. $\text{IX}^1 \text{ CONHECER } \text{IX}^2$
 ‘Eu conheço você.’
 b. $\text{IX}^1 \overline{\text{CONHECER}} \text{IX}^2_{\text{fn}}$ $\overline{\text{hs}}$
 ‘Eu não conheço você.’
- (ARROTÉIA, 2005, p. 61)

Arrotéia aponta que, em (1), as sentenças são iguais quanto aos sinais manuais empregados. Porém, com a adição da marcação não-manual de perguntas sim/não (representada por $\overline{\text{y/n}}$), há alteração do tipo de sentença para interrogativa em (1b). Semelhantemente, em (2), a dupla adição da negação facial e do movimento lateral de cabeça (*headshake* – *hs*) altera a sentença (2b) para negativa.

Em particular, Arrotéia (2005) analisa as sentenças negativas em Libras sob dois primas: as marcas manuais (sinais NADA e NÃO, por exemplo) e a não-manual (anotada como $\overline{\text{neg}}$). A respeito da marca não-manual, a autora a subdivide em *headshake* e em expressões faciais de negação cujas alterações ocorrem ao redor da boca (abaixamento dos cantos da boca ou arredondamento dos lábios), associada ao abaixamento das sobrancelhas e ao leve abaixamento da cabeça. O primeiro subtipo não é um movimento obrigatório na língua de sinais por estar ligado a construções discursivas ou do tipo afetivas; já as expressões faciais são obrigatórias para marcar a negação, pois se relacionam a questões sintáticas. A Figura 18 apresenta uma reprodução de um exemplo fornecido por Arrotéia para ilustrar a marcação não-manual do tipo *headshake*, identificada no verbo CONHECER em Libras.

Figura 18 – Marcação não-manual do sinal CONHECER em Libras



Fonte: Arrotéia (2005, p. 11)

A parte (a) da Figura 18 representa o verbo CONHECER em seu formato base. Já na parte (b), há o mesmo verbo acompanhado do movimento *headshake* e da negação facial. A Figura 19, por sua vez, é o exemplo dado por Arrotéia para exemplificar os dois tipos de negação facial:

Figura 19 – Dois tipos de negação facial em Libras



Arrotéia (2005, p. 10)

Assim, Arrotéia defende que a negação facial, conforme representada na Figura 19, é o principal marcador da concordância negativa em Libras, pois ela licencia a coocorrência em todo o sintagma verbal (cf. exemplo (2b)).

Semelhantemente ao que propõe Arrotéia, Quadros, Pizzio e Rezende (2008) identificam as categorias gramaticais cujas ENMs estão presentes. No entanto, elas mencionam também que, para além das ENMs em nível gramatical, há as ENMs do tipo afetivas, as quais são identificadas na expressão de sentimentos, como alegria, tristeza, raiva e assim por diante. No caso das ENMs gramaticais, as autoras as categorizam segundo os níveis morfológico e sintático. Destacamos aqui apenas o nível sintático.

Quadros, Pizzio e Rezende (2008) assinalam que as ENMs são responsáveis por indicar as seguintes construções: sentenças negativas, interrogativas, afirmativas, condicionais, relativas, construções com tópico e com foco. As ENMs por elas descritas são: os movimentos de cabeça (do tipo sim/não), a direção do olhar, a elevação das sobrancelhas, a elevação ou o abaixamento da cabeça, o franzir da testa e os movimentos com os lábios. Sintetizamos, no Quadro 9, todas essas possibilidades apontadas pelas autoras:

Quadro 9- Expressões não-manuais na estrutura sintática

ESTRUTURA SINTÁTICA	ENM	EXEMPLOS
Negação	Contorno da boca (abaixamento dos cantos da boca ou arredondamento dos lábios), sempre associada ao abaixamento das sobrancelhas e ao leve abaixamento da cabeça.	IX<1> NÃO IENCONTRARa JOÃOa IX<joão>aef
Afirmação	Movimentos para cima e para baixo com a cabeça indicando afirmação	JOÃO VIAJAR <PODER>afirm JOÃO LIVRO <CONHECER>afim
Interrogativa QU	Pequena elevação da cabeça, acompanhada do franzir da testa.	<O QUE JOÃO PAGAR>qu <QUEM JOÃO CONHECER>qu <O QUE JOÃO SABER>qu
Interrogativa sim/não	Leve abaixamento da cabeça, acompanhado elevação das sobrancelhas.	<JOÃO COMPRAR CARRO>sn <JOÃO GOSTAR VÔLEI>sn <JOÃO TRABALHAR FÁBRICA>sn
Interrogativa que expressa dúvida e desconfiança	Lábios comprimidos ou em protrusão, olhos mais fechados e testa franzida, leve inclinação dos ombros para um lado ou para trás.	[JOÃO BANHEIRO TRANCADO Q-e]dúvida [ESCOLA PROFESSOR ENSINAR LÍNGUA DE SINAIS Q-e]dúvida
QU que aparece em sentenças subordinadas sem a marcação não-manual interrogativa	Sinais O-QUE e QUEM dentro da sentença são realizados com a marcação não manual da própria sentença, ou seja, será afirmativa ou negativa	<EU SEI QUEM ROUBOU>afirmativa <EU NÃO SEI QUEM ROUBOU>negativa
Concordância	Direção do olhar	<TVb>do <ELEa>do <aASSISTIRb>do
Tópico	Elevação das sobrancelhas	<ANIMAIS>top EU GOSTAR GATO <PARIS>top EU VO/U

Fonte: Quadros, Pizzio e Rezende (2008, p. 7-11).

Além das ENMs representadas no Quadro 9, Quadros, Pizzio e Rezende (2008) esclarecem que as marcações não-manuais também podem ser utilizadas como marcas do discurso, indicando as trocas entre os interlocutores, o fluxo da conversação, numa

espécie de entonação. Porém, as autoras não desenvolvem o tema da natureza dessas ENMs.

Uma outra pesquisadora que aborda as ENMs é Faria-Nascimento (2009). Para a sua proposta de um dicionário de Libras, a autora engloba as ENMs em dois parâmetros distintos, a saber: as expressões faciais (EF) e as expressões corporais (EC). Além disso, Faria-Nascimento propõe uma ordenação para cada um desses dois tipos de ENMs.

No caso das EF, Faria-Nascimento estabelece a seguinte sequência: *sem-expressão facial* > *com-expressão facial*. Na sequência *com-expressão facial*, há uma nova subdivisão: com expressões faciais mais fechadas > com expressões faciais mais abertas. O primeiro subtipo é descrito como expressões associadas a sentimentos mais negativos, do tipo: braveza, tristeza, desconforto, preocupação. O segundo tipo, por sua vez, está associado a sentimentos positivos, tais como: alegria, tranquilidade, prazer.

Quanto às EC, Faria-Nascimento baseia-se em Stumpf (2008) e as identifica a partir da posição e do movimento da cabeça, dos ombros, do tronco e da cintura. Além disso, a autora esclarece que as EC estão associadas ao parâmetro ponto de articulação. Assim como Capovilla e Raphael (2001), Faria-Nascimento não analisa as funções gramaticais das ENMs.

Araujo (2013) propõe uma classificação bastante pormenorizada das ENMs em Libras. Para isso, a autora apresenta um inventário das expressões identificadas em seu *corpus*, cuja visualização encontra-se na Figura 20 (próxima página):

Figura 20 – Inventário de ENMs proposto por Araujo (2013)

INDEPENDENTES	Expressões que se realizam sem a EM (como ocorre em MASTIGAR)					
	COMBINADAS: EM+ENM	GLOBAIS	Envolvem face + cabeça + corpo [ASSUSTADO]			
EXCLUSIVAS			CABEÇA	Movimento negativo [NÃO] Movimento positivo [SIM] Breve levantamento [O QUÊ?]		
		FACE	Parciais	Simples	Superior	Olhos [CORUJA] Testa e sobrancelhas [MAU] Cabeça [O QUÊ?]
					Inferior	Boca [BEIJAR] Língua [SORVETE] Bochechas [GORDO]
			Compostas	Mais de uma ENM facial [OBA]		
	Totais	Realizadas em bloco [ARRANHAR]				
	CORPO	[CARNAVAL] Mudança de posição [CUNHO ANAFÓRICO] Inclinação do corpo [CAIR DA BICICLETA]				

Fonte: Araujo (2013, p. 71)

Inicialmente, Araujo nota que, em seus dados, as ENMs mais numerosas estão situadas no rosto, seguidas das encontradas na cabeça e no restante do corpo. Além da classificação no que se refere à parte do corpo, a autora também analisa as ENMs quanto: (i) às funções linguísticas nos níveis fonológico, morfológico e sintático; e (ii) à simultaneidade entre ENMs e EMs. No nível fonológico, Araujo explica que a ENM evidencia pares mínimos, como no caso dos sinais CANTOR (boca aberta) e SORVETE (língua para fora), cuja EM é a mesma. Já no nível morfológico, a autora aponta que as ENMs são morfemas gramaticais que desempenham funções de pronome, de adjetivo, e de localização. No nível sintático, por sua vez, a pesquisadora descreve que a cabeça e a direção do olhar apresentam funções sintáticas, bem como os movimentos de cabeça indicam orações interrogativas e negativas.

Um diferencial na pesquisa de Araujo diz respeito à indicação da possibilidade de variação e de alomorfia em algumas ENMs. Porém, a autora não aprofunda esses aspectos, deixando-os para trabalhos futuros.

Lourenço (2018) salienta o papel da testa, olhos e sobrancelhas como articuladores que estão associados a estruturas sintáticas específicas. Segundo o autor, a sobrancelha, por exemplo, ocorre na topicalização e em orações relativas e condicionais. Um exemplo de oração condicional em Libras dado pelo pesquisador está reproduzido em (3). Nesse exemplo, como salienta Lourenço, a sobrancelha se espalha sobre toda a condição *Se eu te pegar nas minhas costas*, mas não sobre a oração que traz o resultado ou a consequência *você vai me picar*.

- _____er
 (3) IF IX₁ <TAKE-ON-BACK> IX₂ WILL STING₁.
 ‘If I take you on my back, you will sting me.’
 ‘Se eu te pegar nas minhas costas, você vai me picar.’



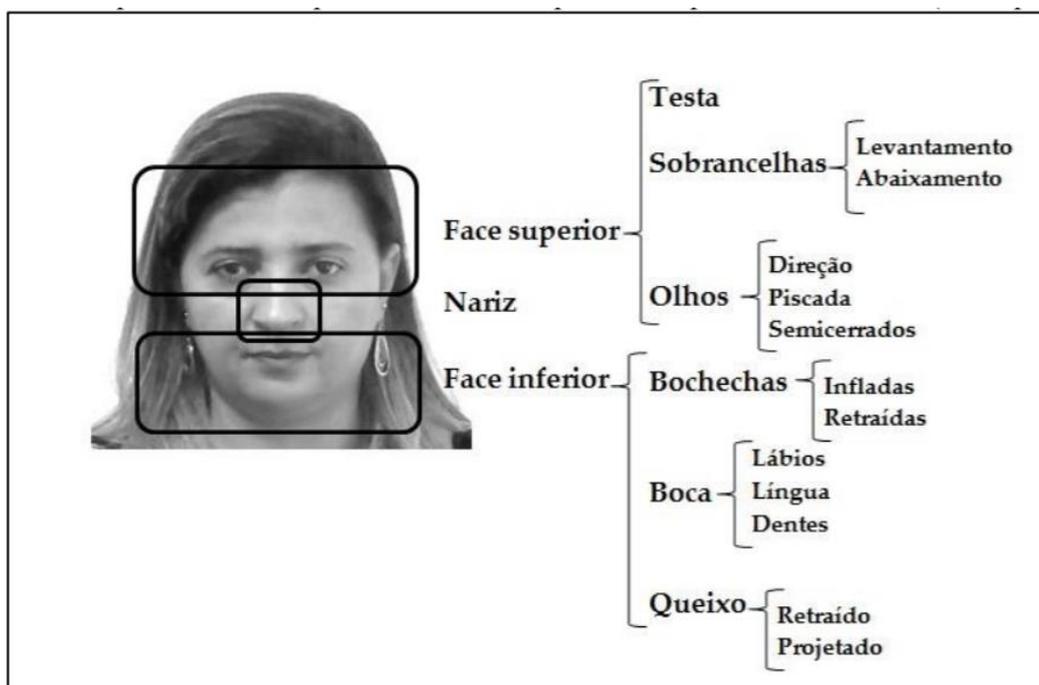
Fonte: Lourenço (2018, p. 249-250)

Essa análise está em consonância com a de Figueiredo e Lourenço (2019), que, com base em Pfau e Quer (2010), ressaltam a diferença entre as ENMs consideradas linguísticas, as gramaticais, e as ENMs afetivas:

Marcadores não-manuais linguisticamente relevantes devem ser distinguidos dos marcadores puramente afetivos, como expressões faciais ou movimentos de cabeça que expressam desgosto, descrença ou surpresa, que são usados por sinalizadores bem como por falantes. A diferença entre os dois tipos de marcadores nem sempre é clara, mas alguns critérios têm sido propostos. (PFAU; QUER, 2010, p. 381 *apud* FIGUEIREDO; LOURENÇO, 2019, p. 80 – tradução dos autores).

Os autores explicam que as expressões faciais se dividem entre as realizadas na parte superior do rosto, que transmitem informações sintáticas, e as realizadas com a parte inferior do rosto, que transmitem informações lexicais. O mapeamento das ENMs localizadas na face é ilustrado pelos autores conforme reproduzido na Figura 21:

Figura 21 – Mapeamento das expressões faciais

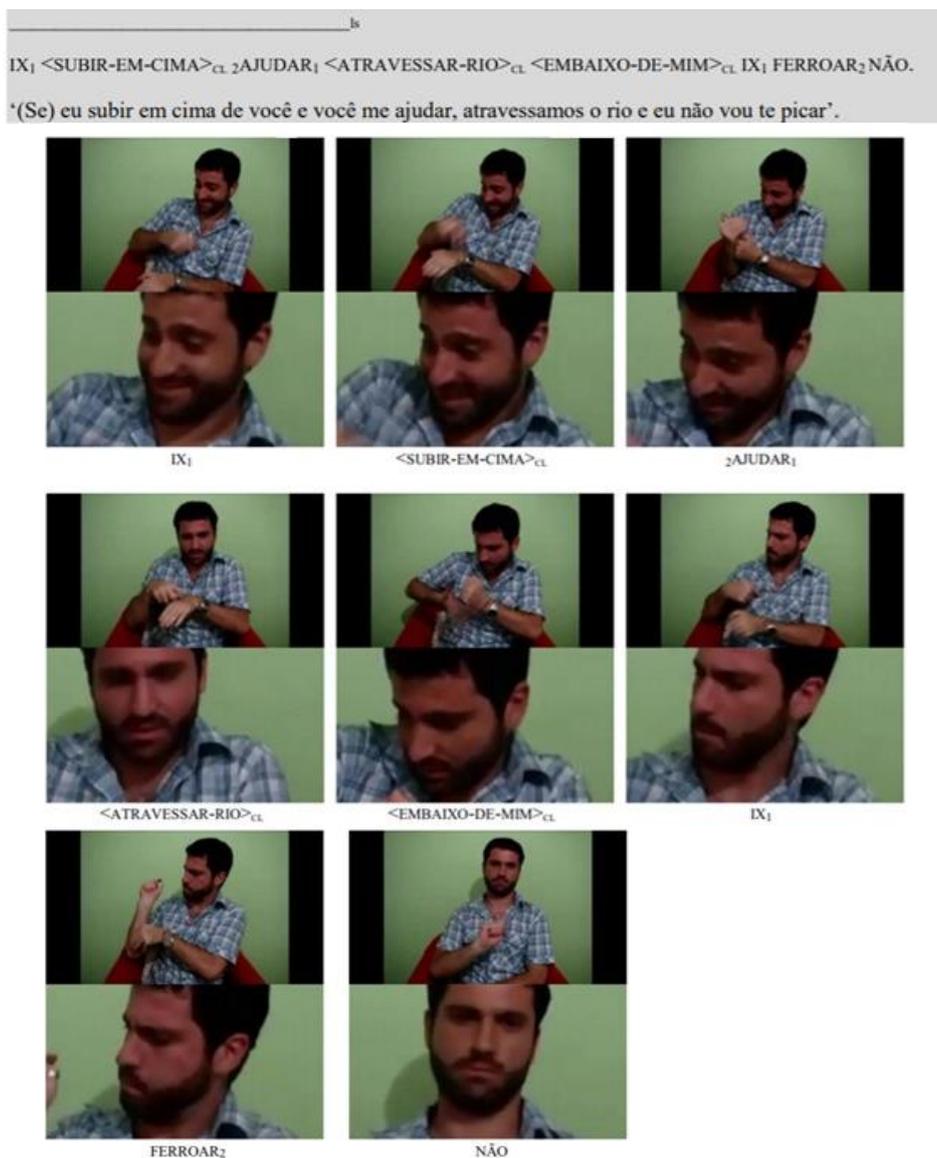


Fonte: Figueiredo e Lourenço (2019, p. 81)

Os autores evidenciam as expressões faciais que exercem função sintática nas línguas de sinais, cujos articuladores estão localizados na face superior, notadamente o movimento de sobrancelhas. Ressaltam que, na literatura, são identificadas as

ocorrências dessa marcação não manual em quatro construções: tópico, pergunta, condicional e relativas. Além desses quatro usos, os autores identificam o uso do movimento de sobrancelhas em construções do tipo sintagmas nominais/sintagmas determinantes, enumerações, orações subordinadas adverbiais temporais e apostos.

Dentre essas construções, destacamos a condicional e a temporal como correlatas às construções causais, que são o nosso objeto de estudo. Figueiredo e Lourenço apontam que a sobrancelha permanece levantada durante toda a proposição que expressa a condição, enquanto, na consequência, a expressão se torna neutra. Ressaltam que o uso do conectivo manual SE se mostra opcional, como no exemplo fornecido por eles e reproduzido a seguir:



Fonte: Figueiredo e Lourenço (2019, p. 96)

Nesse exemplo, os autores explicam que não há o uso do conectivo manual SE, porém a relação de condicionalidade se mantém. A oração condicional é marcada pelo movimento de levantamento de sobrancelhas, que se espraia sobre toda a oração que expressa a condição e apenas sobre ela.

Figueiredo e Lourenço também identificam ocorrências do movimento de sobrancelhas para marcar orações temporais, como se nota no exemplo dos autores, reproduzido a seguir:

<CHEGAR-NA-MARGEM-DO-RIO>_{CL+DEVAGAR} ESCORPIÃO PICAR_A
'Quando finalmente chegaram à margem do rio, o escorpião picou (a tartaruga).'

Levantamento de sobrancelha com a construção <CHEGAR-NA-MARGEM-DO-RIO>.



Fonte: Figueiredo e Lourenço (2019, p. 100)

Nesse exemplo, Figueiredo e Lourenço apontam que o levantamento de sobrancelhas espraia-se somente sobre a oração temporal *Quando finalmente chegaram à margem do rio*. Desse modo, os pesquisadores conseguem atestar o papel do movimento de sobrancelhas como delimitador de domínios sintáticos em níveis oracionais, bem como em outros contextos.

Esta subseção apresentou o estado da arte sobre as ENMs como um componente essencial na estrutura dos sinais. Para a análise dos dados da nossa pesquisa, dos trabalhos aqui apresentados, destacamos as ENMs que desempenham função sintática, notadamente as que se relacionam como articuladores das orações complexas, tais como: direção do olhar, movimento de sobrancelhas, levantamento do queixo.

3.1.2 Conectivos manuais

Os conectivos oracionais acentuam explicitamente as relações semânticas e pragmáticas entre as orações e essa conexão pode ser estabelecida por meio de conjunções, de advérbios ou de outras palavras de ligação. No caso das línguas de sinais, porém, o uso dos conectivos parece ser mais restrito. De fato, Baker e Pfau (2016) assinalam, em relação às conjunções, que elas são empregadas em menor quantidade nas línguas de sinais. Os autores indicam que o conectivo *that* em inglês ('que', em português), encontrado em exemplos como *I assume that she will sign the contract* 'Eu suponho que ela assinará o contrato', não possui um equivalente em nenhuma língua de sinais por eles estudada. No entanto, eles explicam que conjunções que introduzem orações subordinadas são identificadas nos sinais manuais correspondentes a QUANDO e PORQUE na Língua de Sinais Britânica e PORQUE e SE na Língua de Sinais Holandesa (NGT). Também, Baker e Pfau apontam que o uso do sinal MAS para ligar duas orações principais é comum na NGT, contudo, a conjunção *e* não é normalmente usada e é considerada como uma influência da língua falada holandesa.

Na Libras, por sua vez, há pouquíssimos trabalhos que abordam a temática do uso dos conectivos. De um modo geral, as pesquisas identificadas tratam de análise translinguística, com foco no processo de aprendizagem da escrita de conectivos do português pelo surdo, as quais mencionam superficialmente a presença ou a ausência desses elementos na Língua Brasileira de Sinais.

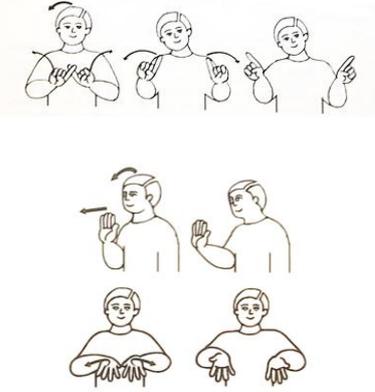
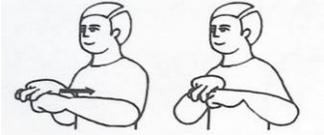
Por um lado, Fernandes (1990; 1999) defende que o uso inadequado ou a ausência de conectivos é algo frequente na escrita em português dos surdos, pois, segundo ela, esses elementos são inexistentes em Libras. Por outro lado, Nascimento e Sartori (2011) justificam os poucos usos dos conectivos em português nos textos escritos de surdos ao relacionarem sobre a presença de tais elementos na Libras:

Quanto aos conectores (preposições e conjunções), estes existem em pequeno número e os conectores que existem não têm a plasticidade semântica de alguns que lhes são equivalentes em português. O 'e', por exemplo, na LIBRAS, só é usado para indicar adição. Não há usos observados desse conector indicando oposição (NASCIMENTO; SARTORI, 2011, p. 293).

Recentemente, Capovilla *et al.* (2017) lançaram o dicionário de Libras intitulado "Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos". Nesse dicionário,

há um total de quatro verbetes de sinais manuais lematizados, que remetem à função de conectivos em Libras, os quais reunimos no Quadro 10:

Quadro 10 – Conectivos do Dicionário de Capovilla et al. (2017)

CONECTIVOS	VALORES SEMÂNTICOS
 <p>Capovilla et al (2017, p.1783)</p>	<p>MAS</p>
 <p>Capovilla et al (2017, p.1896, 2228)</p>	<p>POR-CAUSA MOTIVO RAZÃO</p>
 <p>Capovilla et al (2017, p.1896, 2234)</p>	<p>PORQUE</p>
 <p>Capovilla et al (2017, p.1896, 2542)</p>	<p>SE</p>

Fonte: a autora, com base em Capovilla *et al.* (2017)

O Quadro 10 revela que, para Capovilla *et al.* (2017), há somente quatro sinais manuais que exprimem os valores semânticos de conectivos: MAS, POR-CAUSA, PORQUE e SE. Uma explicação para esse fato é fornecida por Baker e Pfau (2016), os quais indicam

que as ligações por conectivos entre orações complexas nas línguas de sinais parecem ser opcionais e, por isso, são omitidas. Desse modo, marcas não-manuais podem acompanhar essas orações.

No que diz respeito às relações de causalidade, Koch e Elias (2016) pontuam que o emprego de conectivos tem a função de explicitar a relação de causa, a fim de orientar a compreensão. As autoras afirmam que o conectivo mais usado para indicar essa relação é *porque*, como em (4):

(4) Ela está com olhos vermelhos porque chorou bastante. Koch e Elias (2016, p. 126)

Segundo esse ponto de vista, ao analisar três conjunções causais do português, a saber, *porque*, *pois* e *já que*, Vogt (2015 [1978]) argumenta em favor do caráter privilegiado (nas palavras do autor) do conectivo *porque* frente às outras conjunções causais:

porque goza de uma ambiguidade fundamental. Por um lado, é a única conjunção capaz de explicar, pelo elo de causalidade que estabelece entre os conteúdos de duas proposições, o conteúdo da primeira pelo conteúdo da segunda; por outro lado, tem um comportamento que a aproxima da conjunção *pois*, quando a explicação desliza para uma espécie de justificação do que se diz na primeira proposição (VOGT, 2015 [1978], p. 57).

Especificamente sobre os conectivos com valor causal em Libras, identificamos apenas duas pesquisas que os mencionam: Lima (2010), nossa dissertação de mestrado, a qual apresentamos no capítulo 1, e Andrade (2015).

Andrade (2015), em um estudo sobre a causatividade em Libras, indica a presença dos conectivos POR-CAUSA e ENTÃO nas construções usadas por seus colaboradores para indicar a causa e consequência.²⁵ A pesquisadora utilizou registros ilustrados e também escritos em português, além de vídeos produzidos por surdos e coletados em redes sociais, a fim de identificar esses usos. No caso do enunciado “A chuva fez a menina ficar triste”, apresentado em português e usado por Andrade para identificar a tradução correspondente em Libras, um dos colaboradores realizou a seguinte produção:

²⁵ “A causatividade é uma situação composta de dois eventos em que há um causador [causa] e um causado [efeito]” (ANDRADE, 2015, viii).

Figura 22 – Uso do sinal POR-CAUSA em sentenças na Libras



“Chuva, a menina entristeceu por causa da chuva”

Fonte: Andrade (2015, p. 91)

Andrade aponta que os seus colaboradores, de maneira semelhante, inseriram na cena o sinal POR-CAUSA, ao lerem a construção “A chuva fez a menina entristecer”. A pesquisadora esclarece que, apesar de ela não observar o uso desse sinal em outros roteiros analisados com construções causativas, o emprego do sinal foi quase unânime, entre os seus colaboradores.

Outro conectivo identificado nos dados de Andrade foi o sinal ENTÃO. A pesquisadora explicou que à época de seu estudo um assunto que causou muita repercussão especialmente junto ao público surdo em uma rede social foi a falta de uma prova em Libras, durante o último Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Diante disso, ela apresentou trechos de vídeos previamente selecionados a alguns de seus colaboradores e, na sequência, fez a seguinte pergunta: “Por que os surdos não conseguem boas notas no ENEM?”. Um de seus colaboradores deu a seguinte resposta, reproduzida na Figura 23, utilizando o conectivo ENTÃO em Libras para explicitar a relação de causalidade:

Figura 23 – Uso do sinal ENTÃO em sentenças na Libras



“Enem é problema. A falta de uma prova traduzida em Libras faz os surdos reproverem.”

Fonte: Andrade (2015, p. 96)

Como é possível perceber nos dados apresentados por Andrade (2015) e aqui reproduzidos, o uso de conectivos para indicar a causalidade, em específico, faz parte do discurso sinalizado em Libras. Indicamos também, no próximo capítulo, outras formas em que a causalidade pode ser expressa nessa língua de sinais e em quais contextos.

Nesta seção, apresentamos os tópicos na área da morfofonologia que estão diretamente relacionados à constituição das relações de causalidade da Libras, os quais norteiam a análise proposta para esta tese. Nosso olhar para os dados considera: (i) a presença de conectivos manuais como introdutores de orações complexas e que explicitam o nexo de causalidade entre os eventos em Libras e (ii) a presença de expressões não-manuais como articuladores sintáticos dessas orações complexas.

3.2 ASPECTOS SINTÁTICOS DA LIBRAS

Nesta seção, apresentamos pesquisas sobre orações complexas em Libras. Salientamos que a distinção tradicional de orações complexas do tipo coordenadas e subordinadas ainda não é clara na literatura de línguas de sinais. Por exemplo, Ferreira Brito (2010 [1995]) apresenta, em sua gramática da Libras, uma subseção que discute esses processos à luz de pesquisas cujo foco é a Língua de Sinais Americana (ASL). Contudo, segundo a autora, naquele momento ela ainda não dispunha de dados e análises sobre esses processos em Libras. Por isso, a seguir, explicitamos pesquisas realizadas sobre esses aspectos linguísticos em outras línguas de sinais, notadamente na ASL, na Língua de Sinais Italiana (LIS), na Língua de Sinais Flamenga (VGT), na Língua de Sinais Turca (TİD), na Língua de Sinais Holandesa (NGT), na Língua de Sinais Alemã (DGS), dentre outras, tomando como referência Padden (1988), Tang e Lau (2012) e Pfau (2016). Posteriormente, apresentamos a análise de Carneiro e Ludwig (a sair) sobre a articulação de orações em Libras.

Padden (1988), ao tratar de orações complexas em ASL, defende a existência das orações encaixadas ou subordinadas. A autora apresenta quatro argumentos, os quais diferenciam, segundo ela, orações coordenadas de subordinadas a saber:

(i) *Cópia do pronome sujeito:*

Uma cópia do pronome sujeito é marcada no final da oração como uma confirmação do falante ou para adicionar um significado enfático. Padden (1988, p. 87) postula a seguinte regra: “Um pronome cópia de sujeito i aparece no final de uma oração em que i é sujeito”.²⁶ A autora explica que, em estruturas nas quais uma cópia (INDEX) de pronome sujeito de uma oração a aparecem no final de oração em que i não é sujeito, ou seja, uma oração não-subordinada b, as sentenças são agramaticais em ASL:

- (5) *_iGIVE₁ MONEY, _jGIVE₁ FLOWER _iINDEX.
'He gave me money, but she gave me flowers, he did'.
'Ele me deu dinheiro, mas ela me deu flores, ele fez'. (PADDEN, 1988, p. 87)

Por outro lado, se cópias de pronomes sujeitos de uma oração a e de uma oração b aparecerem depois de suas respectivas orações, a sentença é gramatical:

- (6) GIVE₁ MONEY _iINDEX, _jGIVE₁ FLOWER _iINDEX.
'He gave me money, he did, but she gave me flowers, she did'.
'Ele me deu dinheiro, ele fez, mas ela me deu flores, ela fez'. (PADDEN, 1988, p. 88)

Porém, Padden explica que, em estruturas nas quais a oração b é subordinada à oração a, um pronome cópia do sujeito da oração a pode aparecer depois da oração b:

- (7) _iFORCE_i MAN _iGIVE_j BOY _jPOSS BOOK _iINDEX.
'I forced the man to give the boy his book, I did.'
'Eu forcei o homem a dar ao garoto o seu livro, eu fiz'. (PADDEN, 1988, p. 88)

Padden, então, indica que essa regra da cópia do pronome fornece evidência para a distinção entre orações coordenadas e subordinadas na ASL.

(ii) *Marcação negativa*

Padden (1988, p. 87) postula que “a marcação negativa ocorre em toda a oração”.²⁷ A pesquisadora explica que se a oração b nas sentenças seguintes (exemplos 8 e 9) é um

²⁶ Tradução nossa. Original: “A pronoun copy of subject i appears at the end of the clause of which i is subject” (PADDEN, 1988, p. 87).

²⁷ Tradução nossa. Original: “The negative marking occurs throughout the negated clause” (PADDEN, 1988, p. 89).

membro da oração a, a oração negativa (----n----) a resultará em uma marcação negativa que aparece ao longo da oração b, bem como da oração a:

-----n-----
 (8) ₁INDEX WANT _iINDEX GO-AWAY
 'I didn't want him to leave.'
 'Eu não quero que ele vá embora.'

----- n -----
 (9) ₂TELL₁ STAY ALL-DAY.
 'You didn't tell me to stay for the entire day.'
 'Você não me disse para ficar o dia todo.'

(PADDEN, 1988, p. 90)

Por outro lado, Padden esclarece que se a oração b não está subordinada à oração a, uma marcação negativa aplicada à oração negada a também não pode se estender sobre a oração b (cf. exemplos 10 e 11). Se a marcação se estendesse sobre ambas as orações, o significado seria diferente, em outras palavras, as orações conteriam marcações negativas e, dessa forma, não seriam equivalentes aos exemplos em (8) e (9):

-----n----- -----hn-----
 (10) _iINDEX TELEPHONE, _iINDEX MAIL LETTER.
 'I didn't telephone but she sent a letter.'
 'Eu não telefonei, mas ela enviou uma carta'.

-----n----- -----hn-----
 (11) _iINDEX SEE, _jINDEX UNDERSTAND
 'He didn't see it but she understood.'
 'Ele não viu isto, mas ela entendeu.'

(PADDEN, 1988, p. 91)

(iii) *Topicalização*

A topicalização, segundo Padden, fornece ainda outro argumento para a distinção entre estruturas subordinadas e coordenadas na ASL: um sujeito topicalizado ou o objeto direto de uma oração subordinada pode aparecer na posição inicial (cf. exemplos de 12 a 14), porém em orações coordenadas não é possível mudar os constituintes (cf. exemplos de 15 a 17). A marcação do tópico (----t----) envolve sobancelhas levantadas usadas simultaneamente com o sinal manual em todo o constituinte topicalizado (PADDEN, 1988):

- t -----
- (12) EXERCISE CLASS, ₁INDEX HOPE SISTER SUCCEED PERSUADE MOTHER TAKE-UP.
 ‘The exercise class, I hope my sister manages to persuade my mother to take it.’
 ‘A aula de exercícios, eu espero que a minha irmã consiga persuadir a minha mãe a aceitá-la’
- t----
- (13) MOTHER, ₁INDEX HOPE SISTER SUCCEED PERSUADE TAKE-UP EXERCISE CLASS.
 ‘My mother, I hope my sister manages to persuade her to take the exercise class.’
 ‘Minha mãe, eu espero que a minha irmã consiga persuadi-la a aceitar a aula de exercícios.’
- t---
- (14) SISTER, ₁INDEX HOPE SUCCEED PERSUADE MOTHER TAKE-UP EXERCISE CLASS.
 ‘My sister, I hope she manages to persuade my mother to take the exercise class.’
 ‘Minha irmã, eu espero que ela consiga persuadir minha mãe a aceitar a aula de exercícios.’
- t----
- (15) *FLOWER, ₂GIVE₁ MONEY, _jGIVE₁.
 ‘Flowers, he gave me money but she gave me.’
 ‘Flores, ele me deu dinheiro, mas ela me deu.’
- t-----
- (16) *MOTHER, ₁HIT_i SISTER, _jINDEX TATTLE_k.
 ‘His mother, I hit my sister and he told.’
 ‘A mãe dele, eu bati em minha irmã e ele contou.’
- t----
- (17) *MONEY, C-0 _iGIFT_j TROPHY, OTHER C-0 _kGIFT_j.
 ‘Money, one company gave him a trophy and another gave him.’
 ‘Dinheiro, uma empresa deu-lhe um troféu e outro lhe deu’. (PADDEN, 1988, p. 92-93)

Desse modo, se os exemplos de (15) a (17) fossem considerados estruturas coordenadas, Padden aponta que eles violariam uma restrição universal proposta por Ross (1967, p. 89 apud PADDEN, 1988, p. 93), em que constituintes não podem ser movidos em estruturas coordenadas: “Em uma estrutura coordenada, nenhum conjunto pode ser movido, nem qualquer elemento contido em um conjunto pode ser deslocado para fora desse conjunto”.²⁸ Assim, Padden comprova que a ASL também obedece a essa restrição.

(iv) *Conjunções/marcas discursivas*

Padden explica que alguns sinais manuais na ASL, tais como BUT ‘mas’, AND ‘e’, FINISH ‘acabar’, THEN ‘então’, WELL ‘bem’, SO ‘então’, PLUS ‘mais’ e outras marcas não-manuais, como a inclinação da cabeça (*---head nod---*), não podem aparecer entre uma oração principal e uma oração subordinada:

²⁸ Tradução nossa. Original: “*In a coordinate structure, no conjunct may be moved, nor may any element contained in a conjunct be moved out of that conjunct.*” (PADDEN, 1988, p. 93).

(18) *_iPERSUADE_i BUT CHANGE MIND.
'I persuaded her but to change her mind.'
'Eu a persuadi, mas ela não mudou sua ideia.'

(19) *PERMIT_i FINISH WASH CAR.
'I let her then wash the car.'
'Deixei-a então lavar o carro.'

(PADDEN, 1988, p. 94)

Diante disso, a autora apresenta o seguinte argumento: “Enquanto muitos desses sinais se traduzem em conjunções em inglês, evidências adicionais que distinguem estruturas coordenadas de polissentenciais determinarão se eles são mais adequadamente chamadas de conjunções ou de marcadores do discurso” (*op. cit.*, p. 94).²⁹

No entanto, Padden esclarece que há sentenças com construções semelhantes às apresentadas em (18) e (19) que são consideradas gramaticais, como no exemplo em (20), fornecido pela autora:

(20) _iPERSUADE_i, BUT CHANGE MIND.
'I persuaded her to do it but then I/she/he changed my mind.'
'Eu a persuadi a fazer isso, mas então Eu/ela/ele mudou minha ideia'.

(PADDEN, 1988, p. 95)

No caso de sentenças como a retratada em (20), Padden explica que essas orações têm diferentes marcadores não-manuais, pois uma pausa aparece entre elas e a segunda oração pode ser precedida por um acentuado movimento de cabeça. Contudo, a pesquisadora não fornece maiores detalhes sobre o fato de pausas e outras marcas não-manuais poderem diferenciar estruturas subordinadas de coordenadas, bem como em quais contextos ocorrem as conjunções e as marcas discursivas. Ainda assim, por meio desses testes, Padden comprova que, de fato, há sentenças complexas na ASL.

Tang e Lau (2012), por sua vez, apontaram que as diferenças morfossintáticas em geral identificadas em orações coordenadas e subordinadas nas línguas orais não costumam aparecer nas línguas de sinais pesquisadas até o momento. Sendo assim, os autores adotaram outras propostas de análise em termos de restrições em operações gramaticais.

²⁹ Tradução nossa. Original: “While many of these signs translate as conjunctions in English, additional evidence distinguishing between coordinate and polysentential structures will determine whether these are more appropriately termed conjunctions or discourse markers” (PADDEN, 1988, p. 94).

Em orações ligadas por coordenação, os autores sugerem que as expressões não-manuais do tipo acenos de cabeça e os giros do corpo são pistas cruciais para os diferentes tipos de coordenação, se não houver conjunções manuais presentes. Em contraste com as estruturas coordenadas, as expressões não-manuais nas orações subordinadas podem se disseminar da oração principal para a oração incorporada.

Uma outra diferença apontada por eles entre orações coordenadas e subordinadas diz respeito ao uso das pausas. Eles indicam que, nas orações subordinadas, as pausas não são necessárias entre a oração principal e a oração encaixada, diferentemente da coordenação, em que uma pausa é normalmente observada entre as duas orações. Os autores ressaltam, no entanto, a necessidade de mais pesquisas sobre essas diferenças. Em nossa tese, apesar de não trabalharmos com a comparação tradicionalmente feita na literatura linguística entre orações coordenadas explicativas e subordinadas causais, optamos por mencionar o trabalho de Tang e Lau (2012) por considerarmos relevante ressaltar as diferenças encontradas entre orações coordenadas e subordinadas em línguas de sinais, cujas realizações se distinguem das encontradas em línguas orais.

Pfau (2016) distingue as sentenças complexas nas línguas de sinais em: (1) subordinadas, que envolvem a combinação de uma oração principal e uma oração encaixada ou subordinada; e (2) coordenadas, em que duas orações principais são combinadas. O autor esclarece que, no caso das línguas orais, as orações subordinadas são comumente marcadas por conjunções e/ou mudanças na ordem dos constituintes; não obstante, nas línguas de sinais, tais pistas são raras, o que dificulta determinar quando uma oração é coordenada ou subordinada.

Em relação às orações subordinadas, Pfau apresenta três tipos: (i) orações complemento; (ii) orações adverbiais; e (iii) orações relativas. Dentre esses três tipos, destacamos o segundo – as orações adverbiais –, por incluírem o nosso objeto de pesquisa.

As orações adverbiais são consideradas por Pfau como opcionais, pois elas não são exigidas pelo verbo da oração principal, o predicado matriz, e especificam determinadas circunstâncias, tais como tempo, causa e condição (PFAU, 2016, p. 153).

Sobre as orações adverbiais temporais, Pfau explica que elas especificam o tempo de um evento e apresenta alguns exemplos de diferentes línguas de sinais, argumentando que são necessárias mais pesquisas que especifiquem quais são as possibilidades e as restrições encontradas nesse tipo de oração. A Língua de Sinais Flamengo (VGT), por

exemplo, segundo Pfau, sempre utiliza uma marca aspectual (DONE ‘terminar’), a qual ocupa a posição final da oração subordinada. Além disso, a oração subordinada possui uma marcação não-manual, o levantamento das sobrancelhas (*raising eyebrow – re*) e, entre a subordinada e a oração principal, há uma breve pausa, acompanhada de um aceno de cabeça. Opcionalmente, a oração principal pode incluir o sinal manual THEN ‘então’ para marcar claramente a relação temporal entre os dois eventos, como é possível verificar no exemplo (21a) a seguir, fornecido pelo autor:

Língua de Sinais Flamenga

- (21) a. _____^{re}
 [INDEX₂ EAT DONE], (THEN) WE-TOO SHOP.
 ‘When you’re done eating, we (the two of us) will go shopping.’
 ‘Quando você terminar de comer, nós (os dois de nós) iremos às compras.’
- b. * _____^{re}
 WE-TOO SHOP, [INDEX₂ EAT DONE]
 ‘We (the two of us) will go shopping, when you’re done eating.’
 ‘Nós (os dois de nós) iremos às compras, quando você terminar de comer.’
 (PFAU, 2016, p. 154)

No caso de (21b), a alteração da ordem dos termos não é possível em VGT, uma vez que a oração subordinada temporal sempre precederá a oração principal. Por outro lado, Pfau explica que, na Língua de Sinais Alemã (DGS), quando o evento da oração subordinada toma o lugar após o evento da oração principal, a oração subordinada aparece na posição inicial da sentença e é marcada pelo levantamento de sobrancelhas:

Língua de Sinais Alemã

- (22) a. _____^{re}
 [INDEX₃ STUDY BEGIN], BEFORE INDEX₃ WORLD^TRIP GO.
 ‘Before he begins with his studies, he will go on a world trip.’
 ‘Antes que ele comece com seus estudos, ele irá numa viagem mundial.’
- b. _____^{re}
 [INDEX₃ STUDY BEGIN BEFORE], INDEX₃ WORLD^TRIP GO.
 ‘Before he begins with his studies, he will go on a world trip.’
 (PFAU, 2016, p. 155)

Conforme (22), em cada construção, a DGS utiliza a conjunção temporal BEFORE ‘antes’. Essa conjunção pode ocorrer no começo da oração principal (22a) ou no final da oração subordinada (22b). Pfau aponta que, nesse caso, a marca não-manual é sempre a

única indicadora da relação entre uma oração principal e uma subordinada, pois, sem essa marca, a sequência em (22) poderia ser interpretada como uma sequência de duas orações principais.

Outra possibilidade apresentada por Pfau, na DGS, é que as orações temporais, as quais descrevem um evento que ocorre simultaneamente com um outro evento expresso na oração principal, são também acompanhadas pelo levantamento de sobrancelhas, como se verifica a seguir:

Língua de Sinais Alemã

- (23) a. _____^{re}
[PERSON RING], DOG ALWAYS BE-SCARED.
'When someone rings [the bell], the dog is always scared.'
'Quando alguém toca [a campainha], o cachorro sempre está com medo.'
- b. _____^{re} _____^{aff}
[INDEX₂ (NOW) WAIT], PICTURE DEVELOP.
'The pictures are developed, while you wait.'
'As figuras são desenvolvidas, enquanto você espera.'

(PFAU, 2016, p. 155)

O exemplo (23a) descreve dois pequenos e pontuais eventos que ocorrem simultaneamente. No caso de (23b), trata-se de dois eventos simultâneos também, porém com uma maior duração, tendo o sinal manual NOW 'agora' como opcional e o predicado da oração principal acompanhado pelo aceno de cabeça (*repeated head nods - aff*). No entanto, Pfau aponta que nem sempre é fácil determinar qual das duas orações é a principal e qual é a subordinada, especialmente nesses casos em que dois eventos acontecem simultaneamente. Diante disso, como se observa nos exemplos (21), (22) e (23), a oração temporal na DGS sempre aparece na sentença inicial e é acompanhada pelo levantamento das sobrancelhas (PFAU, 2016).

As orações causais, por sua vez, segundo Pfau, especificam a causa do evento expresso na oração principal. O autor aponta que, em algumas línguas de sinais, para introduzir a oração causal, há o uso de conjunções causais. Em NGT, por exemplo, utiliza-se o sinal manual BECAUSE 'porque':

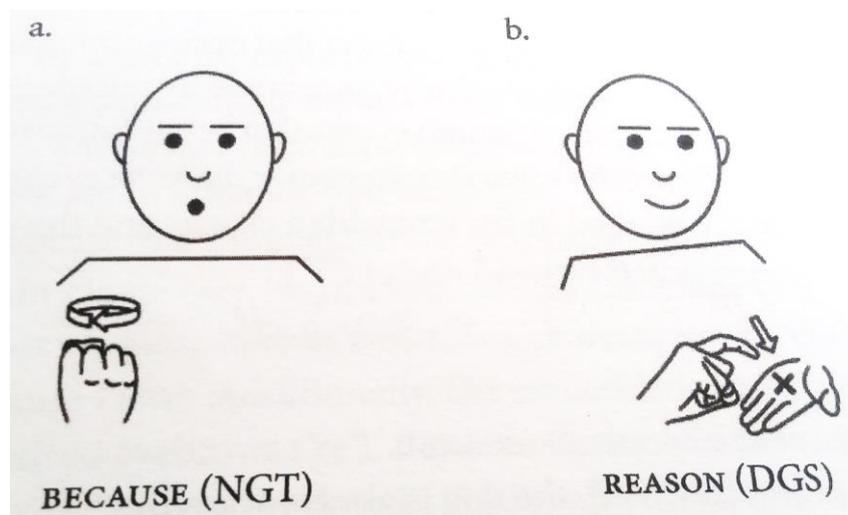
Língua de Sinais Holandesa (NGT)

- (24) INDEX₁ ANGRY [BECAUSE INDEX_{3a} ALWAYS LATE COME]
'I am angry, because s/he always comes late.'
'Eu estou com raiva, porque ela/ele sempre vem atrasada(o).'

(PFAU, 2016, p. 156)

No exemplo em (24), a estrutura utilizada em NGT, com o sinal manual BECAUSE ‘porque’, é muito semelhante à estrutura de muitas línguas orais, como aponta Pfau (2016). Na Figura 24 a seguir, há a ilustração de sinais de conjunções causais que introduzem a oração causal na NGT e na DGS:

Figura 24 – Conjunções causais em NGT e DGS



Fonte: Pfau (2016, p. 156).

Na DGS, a oração causal é introduzida pelo sinal manual REASON ‘razão/causa’, conforme ilustrado na Figura 24b. Desse modo, a oração causal introduzida por REASON especifica qual é a causa do evento expresso na oração principal (25a) (PFAU, 2016):

Língua de Sinais Alemã (DGS)

- (25) a. INDEX₁ TIRED [REASON NIGHT LITTLE SLEEP].
 ‘I am tired, because last night I got little sleep.’
 ‘Eu estou cansado(a), porque ontem à noite eu dormi pouco.’
- b. INDEX_{3a} ^{int}WORK++ [REASON NEXT TIME EXAM SUCESS].
 ‘He is working hard in order to be successful in his next exam.’
 ‘Ele está trabalhando duro para ter sucesso em seu próximo exame.’
- c. NIGHT (INDEX₁) LITTLE SLEEP. (NOW) INDEX₁ TIRED.
 ‘Last night, I got little sleep. Now I am tired.’
 ‘Noite passada, eu dormi pouco. Agora, eu estou cansado(a).’

(PFAU, 2016, p. 157)

Segundo Pfau, a oração causal retratada em (25b) utiliza a mesma conjunção do exemplo em (25a). No entanto, a interpretação se diferencia, uma vez que REASON introduz uma oração final (*purpose clause*), a qual especifica o objetivo da ação na oração principal, além do uso de uma expressão facial indicadora da intensidade da ação (*int*). O autor nota ainda que as orações causais e de propósito em NGT e em DGS aparecem na posição final da sentença, diferentemente das orações temporais, que ocorrem no início da sentença. A mudança de ordem entre as orações causais/de propósito e a oração principal leva à agramaticalidade da sentença nessas línguas de sinais, o que as diferencia das línguas orais, cuja mudança de ordem é possível. No caso de (25c), em que não há o sinal REASON, apesar de gramatical em DGS, o autor considera que não se trata de uma estrutura subordinada, pois apresenta duas orações principais, as orações causais/de propósito não poder ser substituídas por uma única palavra, como salienta Pfau.

Um último tipo de oração causal descrito por Pfau pode ser identificado no exemplo a seguir da NGT:

Língua de Sinais Holandesa (NGT)

- _____re
 (26) INDEX_{3a} SAD WHY, INDEX_{3a} CAT DIE.
 ‘He is sad because his cat died.’
 ‘Ele está triste porque o gato dele morreu.’
 ‘Why he is sad, is (because) his cat died.’
 ‘Por que ele está triste, é (porque) o gato dele morreu.’

(PFAU, 2016, p. 157)

Como se nota em (26), na NGT, o sinalizador parece, a princípio, fazer uma pergunta retórica, a qual em geral vem marcada pela sobrancelha franzida. No entanto, Pfau aponta que, nesse caso, há uma marca de foco, pois a primeira parte da sentença vem acompanhada de um levantamento das sobrancelhas e sentenças como essa têm sido analisadas pelos pesquisadores de línguas de sinais como *wh*-clivadas, uma vez que elas expressam foco (PFAU, 2016).

As orações condicionais, por fim, são definidas por Pfau como as especificadoras de eventos, atividades, ou situações que formam uma condição para as situações expressas na oração principal. Desse modo, para que a proposição da oração subordinada seja considerada verdadeira, necessariamente a proposição da oração principal também

deverá ser verdadeira; por outro lado, se a proposição da oração principal é falsa, logo a proposição da oração subordinada também será falsa.

Segundo Pfau, na ASL, há conjunções subordinadas manuais (IF ‘se’), porém o seu uso é opcional, visto que, na maioria das vezes, tais conjunções são omitidas. O autor defende que o que é mais importante para marcar esse tipo de oração subordinada é a expressão não-manual. Na ASL, são usados dois tipos de marcações não-manuais: levantamento das sobrancelhas (*re*) e um leve movimento do queixo para cima (*chin-up*), como se verifica no exemplo a seguir, fornecido por Pfau:

Língua de Sinais Americana (ASL)

- (27) a. ^{re e chin-up} (IF) TOMORROW RAIN, REFUSE GO PICNIC.
‘If it rains tomorrow, I won’t go on the picnic.’
‘Se chover amanhã, eu não irei ao piquenique.’
- b. ^{re e chin-up} *REFUSE GO PICNIC (IF) TOMORROW RAIN.
‘I won’t go to the picnic, if it rains tomorrow.’
‘Eu não irei ao piquenique, se chover amanhã.’ (PFAU, 2016, p. 158)

Na ASL, o exemplo (27b) é agramatical, pois orações condicionais devem sempre ocorrer na posição inicial da sentença, ou seja, antes da principal. Pfau explica que tal ordenação rígida tem sido identificada em outras línguas de sinais: DGS, NGT e Língua de Sinais Italiana (LIS). No entanto, Pfau chama atenção para a ambiguidade encontrada nas orações adverbiais a partir da ausência de sinais manuais e marcação apenas pelo levantamento de sobrancelhas. Pfau indica que, em (28), a oração adverbial pode receber uma leitura condicional ou temporal:

Língua de Sinais Americana (ASL)

- (28) ^{re} JOHN ARRIVE, CAN GO.
‘If John arrives, we can go.’
‘Se John chegar, nós podemos ir.’ (PFAU, 2016, p. 159)

Além disso, o autor apresenta outra distinção identificada nas orações condicionais: orações factuais e orações contrafactuais. No caso das orações condicionais factuais, os exemplos (27) e (28) ilustram tais orações, o que, segundo Pfau (2016, p. 159), “significa que é possível, conforme o nosso conhecimento de mundo, que o evento

expresso na oração subordinada realmente ocorra (e, portanto, também o evento da oração principal)”³⁰

Contrastivamente, Pfau explicita que as orações condicionais contrafactuais descrevem eventos do tipo hipotéticos. No caso da Língua de Sinais Israelense, o autor indica que a diferença entre as orações factuais e contrafactuais se dá por meio do uso de expressões não-manuais distintas:

Língua de Sinais Israelense

- (29) a. $\overline{\text{IF INDEX}_3 \text{ INVITE}_1 \text{ BIRTHDAY}^{\text{PARTY OF-HIM}} \text{ INDEX}_1 \text{ GO.}}$
‘If he invites me to his birthday party, I will go.’
‘Se ele me convidar para a festa de aniversário dele, eu irei.’

- b. $\overline{\text{IF INDEX}_3 \text{ STOP SMOKE, INDEX}_3 \text{ LIVE.}}$
‘If he had quit smoking, he would be alive.’
‘Se ele tivesse parado de fumar, ele estaria vivo.’

(PFAU, 2016, p. 159)

Em (29a), uma oração condicional factual, há apenas marcação do levantamento das sobrancelhas, como já ilustrado em outras línguas de sinais. Por outro lado, em (29b), uma oração contrafactual, há além do levantamento das sobrancelhas, o aperto de olhos (*squint*).

Assim, de um modo geral, Pfau aponta que, as orações adverbiais em línguas de sinais são marcadas sempre por expressões não-manuais, notadamente pelo levantamento das sobrancelhas. No caso da ordem das proposições, a maioria das orações adverbiais ocorre no início da sentença, com exceção apenas das orações causais e de propósito na NGT e na DGS, as quais ocupam a posição final da sentença.

Pfau (2016) traz uma descrição mais abrangente sobre a realização de orações complexas em diferentes línguas de sinais. Destacamos, sobretudo, a análise do autor quanto às orações subordinadas adverbiais, cujos três tipos indicam o pouco uso de conectivos e a presença expressiva de expressões não-manuais na relação entre a oração principal e a subordinada, conforme representamos no esquema da Quadro 11 seguir:

³⁰ Tradução nossa. Original: “*This means that is possible, on the basis of four world knowledge, that the event in the main clause expressed in the embedded clause will actually occur (and therefore also the event in the main clause)*” (PFAU, 2016, p. 159).

Quadro 11: Orações complexas temporais, causais e adverbiais segundo Pfau (2016)

ORAÇÕES TEMPORAIS	<p style="text-align: center;">VGT</p> <p>DONE + levantamento de sobrancelhas - Entre as orações principal e subordinada: pausa + aceno de cabeça</p> <p style="text-align: center;">DGS</p> <p>BEFORE + levantamento de sobrancelhas [NOW] simultâneos: levantamento de sobrancelhas e aceno de cabeça</p>
ORAÇÕES CAUSAIS	<p style="text-align: center;">NGT</p> <p>BECAUSE Levantamento de sobrancelhas em wh-clivadas.</p> <p style="text-align: center;">DGS</p> <p>REASON</p>
ORAÇÕES CONDICIONAIS	<p style="text-align: center;">ASL</p> <p>IF (opcional) + levantamento de sobrancelhas e de queixo</p> <p style="text-align: center;">ASL, DGS, NGT, LIS</p> <p>Ordem rígida (1º condicional)</p> <p style="text-align: center;">LIS</p> <p>Factuais: levantamento de sobrancelhas Contrafactuais: levantamento de sobrancelhas + aperto de olhos</p>

Fonte: a pesquisadora, com base em Pfau (2016)

No que se refere à articulação de orações complexas em Libras, Carneiro e Ludwig (a sair) defendem que a justaposição de orações é uma estratégia bastante usada em Libras, em lugar da presença de uma conjunção manual explícita. Ressaltam, ainda, que há outras estratégias próprias da modalidade gestual visual, as quais são utilizadas nesse processo, tais como: o uso alternado dos articuladores manuais (cada evento é articulado em uma das mãos), o uso do espaço de sinalização, o deslocamento do corpo e o aceno de cabeça.

Sobre o aceno de cabeça, os autores indicam que esse recurso parece cumprir a função de um conectivo na articulação de orações nas línguas de sinais. Defendem que “essa marcação acontece com um aceno forte e estendido, a acompanhar a segunda oração, numa maneira de afirmar uma proposição entre as orações” (CARNEIRO e LUDWIG, a sair, p. 4). Eles ilustram essa hipótese no exemplo a seguir, reproduzido em (30):

(30) ‘Caso tenha escola bilíngue e tenha professor surdo sinalizante, a criança surda pode desde cedo ter acesso à Libras’.

ESCOLA

TER

BILÍNGUE



(i)

(ii)

(iii)

TER

PROFESSOR

SURDO



(iv)

(v)

(vi)

LIBRAS

ACENO CABEÇA + IX

ACENO CABEÇA + IX



(vii)

(viii)

(ix)

BEBÊ

COMEÇAR

CEDO



(x)

(xi)

(xii)

ENSINAR

LIBRAS



(xiii)

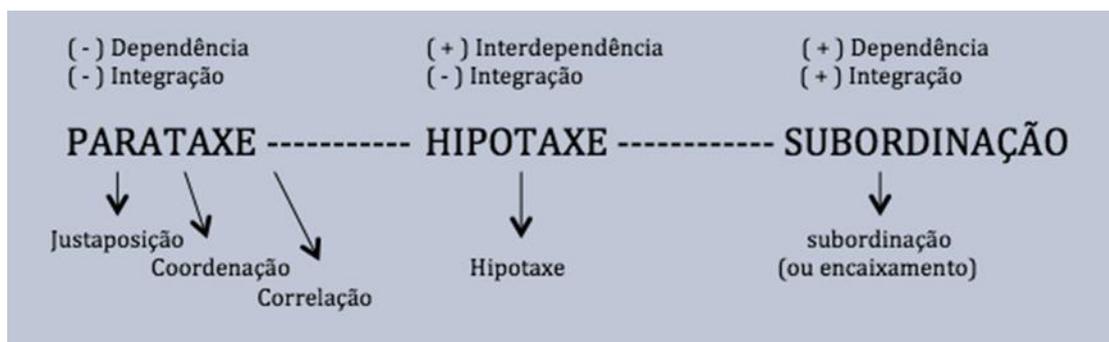
(xiv)

(CARNEIRO e LUDWIG, a sair, p. 5-6)

A construção em (30) possui duas orações justapostas: a primeira de I a VI e a segunda de VII a XIV, que são seguidas pelo aceno de cabeça prolongado, identificado em VIII e IX. Os autores defendem que esse aceno de cabeça funciona como conjunção, que confirma uma condição, a fim de que a construção seguinte seja produzida.

Em uma análise inicial, Carneiro e Ludwig (a sair, p. 12) propõem que as orações complexas em Libras sejam analisadas como um “contínuo de articulação de orações” e se baseiam na proposta de A. Lima (2002) para o português, ilustrada na Figura 25:

Figura 25 – Articulação de orações complexas



Fonte: A. Lima (2002, p. 88 *apud* CARNEIRO e LUDWIG, a sair, p. 4)

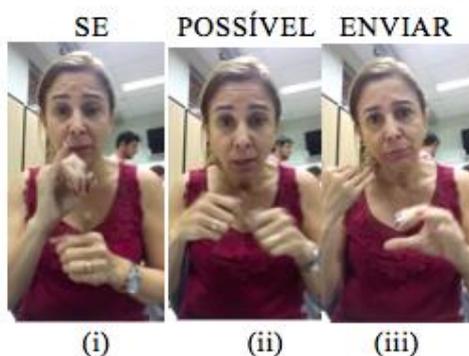
Na Figura (25), as orações no nível da parataxe são independentes e podem envolver processos de correlação, de justaposição (sem conectivos) e de coordenação (com conectivos). Por outro lado, as orações no nível da hipotaxe apresentam interdependência e podem abranger orações adverbiais e adjetivas explicativas, as quais, segundo Carneiro e Ludwig (a sair, p. 3), “não funcionam como argumento da oração principal, mas fazem parte da organização discursiva do falante (informação à parte)”. Já as orações subordinadas apresentam uma relação de dependência, uma vez que funcionam como argumento em relação à oração principal.

Os autores apresentam dados que ilustram esse “contínuo de articulação de orações” em Libras de orações paratáticas, hipotáticas e subordinadas, os quais são reproduzidos, respectivamente, nos exemplos de (31) a (33) a seguir:

(31) ‘Vocês vão perceber e aprender’.



(32) ‘Se (você) conseguir, me envie’.



(33) ‘Por favor, não esqueçam de trazer os computadores de vocês’.



(CARNEIRO e LUDWIG, *a sair*, p. 7-14)

O exemplo em (31), segundo Carneiro e Ludwig, indica uma construção complexa paratática, cujas orações se conectam por uma noção de adição. Porém, a construção é justaposta, pois não envolve o uso de qualquer conectivo. Já em (32), tem-se um

exemplo de uma construção hipotática adverbial de condição. Nas imagens (i) e (ii), segundo os autores, há uma oração dependente, indicada pelo sinal SE – imagem (i) – sendo possível identificar uma expressão facial característica, qual seja, um levantamento das sobrancelhas, conforme as imagens (i) e (ii). No caso de (33), há uma oração complexa subordinada, cuja articulação ocorre por encaixamento. Nessa situação, a oração principal é identificada por eles nas imagens de (i) a (iii) e a oração subordinada, a qual é objeto direto da principal, é identificada nas imagens de (iv) a (vii). A oração subordinada apresenta um grau de dependência e faz parte da estrutura argumental da principal. Toda essa articulação é realizada por justaposição.

Carneiro e Ludwig ressaltam que, com base no *corpus* analisado, a estratégia de justaposição tem sido identificada como uma forma produtiva de articulação de orações complexas em Libras, mas também é possível estabelecer essa relação por meio de conectivos, como o exemplo (32) ilustra. A pesquisa dos autores comprovou que em Libras são identificadas relações de encaixamento por parataxe, hipotaxe e subordinada (encaixamento). Esse trabalho contribui para nossa análise no sentido de nos auxiliar a identificar as funções dos articuladores manuais, os conectivos manuais, e dos articuladores não-manuais, sobretudo o levantamento de sobrancelhas, o aceno de cabeça ou levantamento de queixo e o uso do espaço de sinalização, presentes nas orações que expressam relações de causalidade em Libras.

3.3 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos aspectos gramaticais relacionados à causalidade ou às orações complexas em Libras, os quais serão retomados nos próximos capítulos de análise.

Inicialmente, com relação aos aspectos morfofonológicos, explicitamos as principais pesquisas em torno do uso das expressões não-manuais (ENMs) em Libras. Elas cumprem um papel linguístico importante, acentuadamente no que se refere à marcação de gramaticalidade das sentenças, como no caso da presença da direção do olhar e do levantamento das sobrancelhas.

O outro aspecto morfofonológico que examinamos no capítulo foi o uso de conectivos na Libras. De um modo geral, conforme as pesquisas que apresentamos, os

conectivos têm um uso mais restrito nas línguas de sinais do que nas línguas orais, visto que outras estratégias podem também ser utilizadas para expressar a conectividade.

No tocante aos aspectos sintáticos, atestamos que as sentenças complexas em Libras ainda são pouco investigadas e, recorreremos a pesquisas realizadas em outras línguas de sinais para contextualizar o fenômeno. Nessas pesquisas, ficou evidente que não é tão trivial a diferenciação entre sentenças coordenadas e subordinadas, tal como ocorre nas línguas orais. Em relação às sentenças de natureza causal particularmente, os estudos apresentados demonstram que é possível expressar a causalidade por meio de marcas manuais e não-manuais.

Como indicamos na introdução do capítulo, não há análises profundas sobre os processos de articulação de orações em Libras, notadamente com foco em orações complexas que expressem as relações de causalidade, de maneira que esta tese contribui para a descrição, explicação e análise linguística dessas orações.

A partir dos trabalhos expostos neste capítulo, ressaltamos que a nossa análise sobre as relações de causalidade em orações complexas da Libras focaliza os seguintes aspectos, que serão retomados nos próximos capítulos:

- presença de conectivos manuais na introdução das orações complexas;
- justaposição de orações (sem conectivos manuais);
- expressões não-manuais tais como movimento de sobancelha e levantamento de queixo como articuladores sintáticos,
- ordem dos eventos.

CAPÍTULO 4 - PROPRIEDADES GRAMATICAS DAS RELAÇÕES DE CAUSALIDADE EM LIBRAS

Retomando o objetivo geral de nosso trabalho, qual seja, descrever as relações de causalidade na Libras e analisar a realização dessas relações pelos usuários, este capítulo apresenta nossa proposta de investigação das propriedades morfofonológicas e sintáticas das orações complexas que expressam causalidade nessa língua de sinais, identificadas em nossos dados. Para isso, selecionamos em nossos dados construções que apontam a ideia de uma causa, a qual gera um efeito, consequência ou conclusão, que são nomeadas tradicionalmente como orações adverbiais do tipo temporais, condicionais ou causais. Apresentamos, assim, uma visão ampla das relações de causalidade em Libras em suas diversas realizações. Trata-se de um primeiro olhar para esses tipos de orações complexas em Libras.

Nesta proposta, baseamo-nos nos trabalhos de Padden (1988), Tang e Lau (2012), Andrade (2015), Pfau (2016), Lourenço (2018), Figueiredo e Lourenço (2019) e Carneiro e Ludwig (a sair), apresentados no capítulo anterior. Esses trabalhos indicam que as orações complexas em línguas de sinais podem ser introduzidas opcionalmente por conectivos manuais do tipo conjunções e/ou marcadas por expressões não-manuais.

Este capítulo apresenta as propriedades gramaticais encontradas em nossos dados, subdivididas em duas categorias – (i) propriedades morfofonológicas: ausência/presença de conectivos manuais e marcas não-manuais e (ii) propriedades sintáticas: ordem causa-consequência ou consequência-causa – e encontra-se organizado em três partes: orações com conectivos manuais (seção 4.1); orações sem conectivos manuais (seção 4.2); e conclusões do capítulo (seção 4.3).

4.1 ORAÇÕES COM CONECTIVOS MANUAIS

Nesta seção, analisamos as orações em Libras, que compõem o nosso *corpus* e apresentam relações de causalidade, provenientes de estruturas temporais (em 4.1.1), de estruturas condicionais (em 4.1.2), e de estruturas causais propriamente ditas (em 4.1.3),

as quais ocorrem mediante o nexos semântico construído por meio de conectivos manuais manifestos.

Os dados analisados nesta seção, com foco no uso de conectivos manuais, foram extraídos dos testes de eliciação de sentenças a partir de imagens e dos diálogos, pois não identificamos a presença desses conectivos nos dados provenientes da narração do filme da “História da Pêra”. Em especial, nos diálogos de teor argumentativo, cujo objetivo foi defender uma tese, identificamos maior ocorrência de conectivos que expressavam relações de causalidade em Libras. Neste trabalho, os eventos estão apresentados pela indicação das proposições *P* e *Q*, em que *P* é o antecedente e *Q* é o consequente. Desse modo, a oração representada em *P* apresenta a causa e a oração em *Q*, por sua vez, apresenta a consequência, como exemplificamos nas sequências a seguir:

(a) [*Q*Estou com dor de barriga] [*P*porque comi muito.]

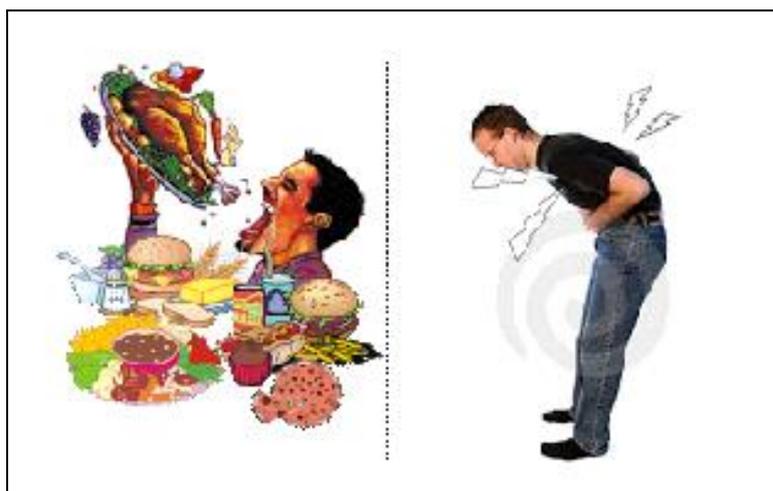
(b) [*P*Por causa do engarramento no centro da cidade,] [*Q*cheguei atrasada ao trabalho.]

4.1.1 Tipo: temporais

Conforme explicitamos no capítulo anterior, Pfau (2016) aponta que as orações temporais especificam o tempo de um evento e, em línguas de sinais, podem ser introduzidas por meio de conectivos manuais e apresentam levantamento de sobancelhas.

Em nosso *corpus*, identificamos em quatro sequências relações de causalidade em orações com conectivos temporais tradicionalmente classificados como sendo do tipo temporais. Em três delas, temos a presença do conectivo manual DEPOIS e do movimento de sobancelhas. Essas sequências foram construídas para descrever as imagens retratadas na Figura 26 (próxima página):

Figura 26 – Imagem: Comidas



(1) [pHOMEM COMER-MUITO DIFERENTE FRANGO SANDUÍCHE COMER DIFERENTE
 CHEIO COMER] [qDEPOIS ESTÔMAGO DOR-MUITO]

‘O homem comeu muito várias coisas diferentes - frango, sanduíche, comidas diferentes - depois ficou com muita dor de estômago’.

Em (1), o conectivo temporal manual DEPOIS marca explicitamente a relação entre os dois eventos: *comer muito* e *dor de estômago*. Nesse exemplo, a relação de causalidade é construída cronologicamente, por meio do conectivo manual DEPOIS, que marca a temporalidade dos eventos em P e Q, em que P precede o fato ocorrido em Q. Além disso, na estrutura é possível identificarmos o movimento de sobrancelhas, de dois tipos: sobrancelha levantada (*sl*) e sobrancelha franzida (*sf*), expressando intensidade.

Desse modo, o dado (1) em Libras corrobora com a análise de Pfau (2016), em que orações temporais podem ser introduzidas por conectivos manuais.

Em (2), a realização dos eventos bastante semelhante à do primeiro exemplo:



_____sf _____sl _____sf
 (2) [pCOMER-MUITO] [q**DEPOIS** HORAS DOR-MUITO ESTÔMAGO]
 ‘[Pessoa] comeu muito depois de horas ficou com dor de estômago’.

Nesse exemplo, a relação de causalidade é construída mediante o uso do conectivo temporal DEPOIS, que relaciona a causa P, *comeu muito*, à consequência Q, *ficou com dor de estômago*. Mais uma vez, a ordem de apresentação dos eventos é feita de forma icônica, ou seja, com a temporalidade apresentada cronologicamente. O sinal DEPOIS vem acompanhado da marca não-manual levantamento de sobrancelhas. Estão presentes também a marca não-manual de sobrancelhas franzidas na extensão dos eventos em P e Q. Esse dado em Libras também ratifica a análise de Pfau (2016) para as orações temporais.

A seguir, em (3), o colaborador também escolhe estabelecer a relação entre a causa *comer* e a consequência *dor de estômago e vomitar* por meio do conectivo manual temporal DEPOIS:



_____sl
 (3) [pCOMER BOBEIRA] [q**DEPOIS** DOR-DE-ESTÔMAGO VOMITAR]
 ‘Comeu muito depois ficou com dor de estômago e vomitou’.

Em (3), a ordem de apresentação dos fatos é icônica, qual seja, realizada em uma sequência cronológica, o que também é uma das características das orações temporais, e explicitada pelo uso do conectivo manual DEPOIS. Nessa situação, o conectivo DEPOIS marca o estado decorrente do ato de *comer muito: dor de estômago e vômito*. Esses resultados em (3) atestam a análise de Pfau (2016).

Os dados de (1) a (3) indicam que, em Libras, a conjunção temporal DEPOIS, acompanhada do levantamento de sobrancelhas, pode ser utilizada para expressar o nexo de causalidade entre um evento causal e a sua consequência, conforme o esquema a seguir. Nesses exemplos, o levantamento de sobrancelhas ocorre no transcurso da realização dos dois eventos em P e Q (dados (1) e (2)) ou simultaneamente ao sinal manual do conectivo (dado (3)), podendo-se representar esses fatos como no seguinte esquema:³¹

$$\overset{(sl/sf)}{\text{Causa}} > \overset{sl}{\text{DEPOIS}} > \overset{(sl/sf)}{\text{Consequência}}$$

Outro conectivo manual de natureza temporal encontrado em nosso *corpus* é o ENTÃO. No exemplo (4), esse conectivo relaciona dois eventos que possuem uma leitura causal:³²

³¹ Nesse esquema, optamos por apresentar as marcas não-manuais *sl* (sobrancelhas levantadas) e *sf* (sobrancelhas franzidas) entre parênteses devido às suas ocorrências terem sido realizadas de forma opcional nos eventos em P e Q.

³² Nesse exemplo, nossa análise está concentrada apenas no conectivo manual ENTÃO. Os usos do conectivo manual PORQUE serão considerados na subseção 4.1.3.



(4) [pMAS PESSOA PORQUE QUERER-NÃO GRAVIDEZ APONTAR (barriga)] [qENTÃO^{sl} PARECER

IX₁ GOSTAR-NÃO GRAVIDEZ] [pCOMO ENTÃO^{sl} GOSTAR-NÃO] [qIX₃ (ela) QUERER ABORTAR]

“Porque a pessoa não quer engravidar, então parece não gostar de estar grávida, então quer abortar”.

Nesse exemplo, o sinal ENTÃO estabelece a relação causal entre os eventos *não querer estar grávida e não gostar de estar grávida*, de um lado, e entre os eventos *não gostar de estar grávida e querer abortar*. Esse uso de ENTÃO com valor causal encontrado em nossos dados foi indicado por Andrade (2015). Em relação à ordem, esse conectivo introduz a consequência após a causa, prevalecendo a iconicidade temporal da relação causa/efeito. Além disso, na extensão dos eventos, temos o movimento de sobrancelhas.³³

Em nosso *corpus*, não identificamos outros conectivos manuais temporais, tais como ANTES ou AGORA, por exemplo, como indicados por Pfau (2016), com função de marcadores causais. Além disso, diferentemente dos dados apresentados por esse autor, em que o levantamento de sobrancelhas é identificado apenas nas orações temporais, nossos dados indicam o movimento das sobrancelhas em toda a extensão dos eventos. Uma hipótese para essa distinção tem a ver com a natureza desses tipos oracionais, uma vez que os dados de (1) a (4) apontam a existência não apenas de uma relação

³³ Como não temos mais dados para apresentar sobre o uso do sinal ENTÃO, salientamos a necessidade de aprofundarmos esse ponto em pesquisas futuras.

puramente temporal, mas de uma relação de causalidade entre os eventos, sendo a temporalidade um valor decorrente da relação causal (e exigido por ela).

4.1.2 Tipo: condicionais

As orações condicionais são identificadas nas línguas de sinais, como nos indicam Pfau (2016), Lourenço (2018) e Figueiredo e Lourenço (2019) – cf. capítulo anterior –, e podem ser introduzidas por meio de conectivos manuais, especialmente o conectivo SE, os quais são em geral omitidos, e/ou por meio de marcações não-manuais, tais como o levantamento das sobrelhas ou um leve movimento do queixo para cima. Essas orações podem ser do tipo factuais, com eventos possíveis de se realizar, ou contrafactuais, com eventos hipotéticos (PFAU, 2016).

Esse tipo oracional também apresenta relações de causalidade, visto que expressa uma consequência do fato que exprime uma causa a partir da interpretação do conteúdo condicional, como podemos notar nos exemplos a seguir. Em (5), o colaborador argumenta com sua interlocutora sobre porque é preciso aprovar a pena de morte no Brasil. Para isso, uma construção condicional é realizada, com a presença do sinal manual SE:



_____sf

(5) ADIANTAR-NÃO [_PSE IX₁ (eu) IX₃ (eles) LIVRAR] [_QSEMPRE MATAR SEMPRE.]
 ‘Não adianta. Se eles ficarem livres, sempre matarão’.

No dado (4), a estrutura condicional, realizada com a utilização do conectivo manual SE, indica a relação de causalidade entre P, que apresenta a condição/causa, *livrar pessoas [da pena de morte]*, - leitura factual - e uma provável consequência em Q, *sempre matar*. Identificamos também uma mudança do espaço de sinalização destinado aos eventos em P e Q: toda a estrutura P é realizada com a sinalização e a direção do olhar para baixo e à esquerda do colaborador e a estrutura Q, por sua vez, é realizada com a

sinalização à direita dele e com a direção do olhar voltada para frente, no espaço neutro. Além disso, a expressão com sobrancelhas franzidas ocorre somente na estrutura em P, ou seja, na oração condicional. Esse último resultado corrobora a análise de Pfau (2016), Lourenço (2018) e de Figueiredo e Lourenço (2019), segundo as quais as marcas não-manuais são realizadas apenas na oração condicional.

Em (6) a seguir, a estrutura condicional é realizada com a presença de dois conectivos manuais, PORQUE e SE:



- _____sf
- (6) [_P**PORQUE** IX₃ (ele) **SE** MATAR NENHUM] [_QIX₃ (ele) APRENDER-NÃO ACOSTUMAR.]
 ‘Porque se não o matar, ele não aprenderá e se acostumará com essa situação’.

Nesse exemplo, temos uma estrutura condicional, com o encaixamento de dois conectivos manuais, um causal – PORQUE – (relacionado ao argumento anterior lançado pelo colaborador no diálogo) e o outro condicional – SE.³⁴ A causalidade é construída mediante a relação entre os eventos em P, *não o matar* – estrutura factual - e em Q, *ele não aprenderá e acostumará com essa situação*. Assim como apontado por Pfau (2016) e Lourenço (2018), em toda a oração condicional, identificada em P, há a marca de sobrancelhas franzidas, o que não ocorre na estrutura disposta em Q, em que não há qualquer movimento de sobrancelhas. Além disso, o espaço de realização dos eventos é diferente: o evento em P é articulado para baixo e à esquerda do colaborador; já o evento em Q é articulado para frente, no espaço neutro.

³⁴ O colaborador apresenta a sua posição favorável à aprovação da pena de morte no Brasil ao declarar: “Eu queria que as pessoas que matam e são condenadas à prisão fossem condenadas à morte”.

Semelhantermente, na construção em (7), o colaborador utiliza o encaixamento dos mesmos dois conectivos PORQUE e SE, conforme já identificado em (6), para estabelecer a relação de causalidade:³⁵



_____sl lq _____sl
 (7) [P**PORQUE SE** ABORTAR] [QIX₁ (eu) IX₁ (nós) TRISTE PIOR DEPRESSÃO.]
 ‘Porque se abortar, isso pode nos causar tristeza e depressão’.

Nesse exemplo, o conectivo condicional SE estabelece a relação de causalidade entre os eventos em P, *abortar*, conteúdo factual, e Q, *causar tristeza e depressão*. Há o levantamento de sobrancelhas e o movimento de queixo para cima. No entanto, essas marcas não-manuais não são identificadas na estrutura em Q, o que, mais uma vez, apoia a análise de Pfau (2016) e de Lourenço (2018). Também, identificamos que o espaço de realização dos eventos em P e Q se dá em locais distintos: o evento em P localiza-se à direita do colaborador e o evento em Q localiza-se no espaço neutro.

Já em (8), o colaborador realiza uma estrutura condicional associada a uma sentença interrogativa (do tipo sim/não, aqui representada por —^{s/n}), com o objetivo de convencer a sua interlocutora de não aceitar o aborto:

³⁵ O colaborador afirma não concordar com o argumento apresentado anteriormente por sua interlocutora de que o aborto deveria ser legalizado no Brasil. A interlocutora havia declarado: “Fiquei muito feliz porque me falaram que tem mulheres defendendo, manifestando e lutando a favor da liberdade de escolha sobre o aborto. Mulheres sofrem por ser proibido, se sentem oprimidas, mas deveria ser um direito delas escolher se querem ou não gerar um filho. Bem, essa é minha opinião, qual é a sua?”.



(8) [pSE IX₂ (você) ENTÃO EXEMPLO ENTÃO ACEITAR CONCORDAR] [qFUTURO IX₂ (você) AZAR]

SE TROCAR SUA FILH@ CRESCER IX₃ (el@) PODER ABORTAR.]

‘Por exemplo, se você aceita, concorda e futuramente por azar se deparar com sua filha nessa situação, então ela poderá abortar?’

Temos, em (8), uma oração condicional contrafactual realizada com o conectivo manual SE, em uma estrutura de pergunta. Nessa situação, a causalidade é expressa por meio da relação entre os eventos *aceitar e concordar com o aborto e ela poder abortar (se estiver nessa situação)*. Essa relação é explicitada com o uso do conectivo SE. Assim como assinalou Pfau (2016), nesse exemplo, o conectivo está acompanhado do movimento de queixo para cima. No entanto, o espaço de sinalização dos eventos em P e Q não se diferenciou.

Assim, os dados dispostos de (5) a (8) evidenciam que, em Libras, as relações de causalidade realizadas em estruturas condicionais podem ter a presença de conectivos manuais, os quais são acompanhados do levantamento de sobrancelhas e do movimento de queixo para cima. Em relação à ordem, os dados indicaram uma estrutura mais rígida, com a realização primeiro da condição/causa, introduzida pelo conectivo SE, e em seguida a realização da consequência. Também identificamos que as marcas não-manuais estão presentes em toda a estrutura condicional, mas não na consequência, como nos apontam Pfau (2016), Lourenço (2018) e Figueiredo e Lourenço (2019). Representamos no esquema a seguir esse fato:

$\overline{\text{SE}}^{\text{sl/lq}} \text{Condição} > \text{Consequência}^{\text{sl}}$

Nesses dados, no que diz respeito ao espaço de sinalização, identificamos uma diferença entre os exemplos de (5) a (7) e o exemplo (8), no sentido de que (8) é uma estrutura interrogativa, ou seja, está necessariamente no campo contrafactual, enquanto nos exemplos anteriores, se a premissa (a condição) é verdadeira, a conclusão é real (factual). Por hipótese, pode ser que os sinalizantes distingam o espaço contrafactual do espaço factual. Trabalhos futuros poderão confirmar tal hipótese.

4.1.3 Tipo: causais

Salientamos no capítulo introdutório que as orações causais são identificadas como aquelas que especificam a causa de um evento expresso na oração principal. Em algumas línguas de sinais, esse tipo oracional pode ser introduzido por meio de conectivos manuais (PFAU, 2016). Essas mesmas possibilidades foram identificadas em nosso *corpus*, como apresentamos nesta subseção.

Conforme se notará a seguir, nossos dados atestam que os conectivos causais são estratégias bastante produtivas e utilizadas para expressar relações de causalidade em Libras. Identificamos em nosso *corpus* a presença de dois conectivos manuais, PORQUE e POR-CAUSA que introduzem as orações causais nessa língua de sinais, conforme os exemplos abaixo revelam:



- (9) $\overline{[q\text{CARRO CARRO-BATER}] [p\text{PORQUE IX [el@] BEBER.}]}$
'O carro bateu porque ele [o homem] bebeu'.

Em (9), o conectivo manual PORQUE estabelece a relação de causalidade entre os eventos em Q, *carro bater*, e P, *ele beber*. O uso de um conectivo manual como articulador de orações complexas do tipo causais em línguas de sinais é atestado por Pfau (2016). Vemos que esse mesmo uso ocorre em Libras. Identificamos também que esse conectivo vem acompanhado das marcas não-manuais de sobrancelhas levantadas e levantamento do queixo. Além disso, nesse exemplo, o levantamento de sobrancelhas se estende por todo o evento em P e não ocorre em Q. Observamos, também, nesse exemplo, que, enquanto o evento em Q é realizado no espaço de sinalização neutro, à frente da colaboradora, o evento em P é realizado no espaço à sua esquerda. Assim, o espaço de sinalização distingue os dois eventos.³⁶ Interessante notar que, com o uso do conectivo manual PORQUE a ordem de apresentação da causa e da consequência é alterada, o conectivo manual PORQUE introduzindo a causa após a consequência.

No dado em (10), temos uma estrutura de causalidade semelhante à apresentada em (9), com o conectivo manual PORQUE introduzindo a causa:



(10) [QMAS IX₁ (eu) ACEITAR-NÃO NÃO] [P^{sl}PORQUE ENTÃO IX₁ (eu) CORAGEM TER-NÃO.]

‘Mas eu não vou aceitar [o aborto], porque eu não tenho coragem’.

³⁶ Uma hipótese que não desenvolvemos neste trabalho é se a mudança no espaço de sinalização, com o evento causal sendo sinalizado à esquerda do evento que denota a consequência, permite localizar espacialmente (e cognitivamente) a causa “antes” da consequência. A preferência pelo espaço à esquerda para sinalizar o evento causal pode ser um indício dessa temporalidade. Trata-se apenas de uma especulação, que pretendemos retomar em outro momento da pesquisa.

Nesse exemplo, a oração causal é introduzida pelo conectivo manual PORQUE, que vem acompanhado do levantamento de sobrancelha e do levantamento de queixo. O conectivo manual PORQUE liga os eventos dispostos em P e Q, em que P apresenta a causa de não aceitar o aborto: *não ter coragem*. Assim como em (9), a ordem é não cronológica, com a apresentação da causa em P após a consequência. Nesse exemplo, não identificamos mudanças do espaço de sinalização entre os eventos. Vale notar que, ao contrário do dado em (9), que tem uma interpretação factual e apresenta mudança no espaço de sinalização, o exemplo em (10) não tem interpretação factual e, à semelhança da construção condicional interrogativa exemplificada na seção 4.1.2, não apresenta mudança no espaço de sinalização, o que reforça a nossa hipótese de que o espaço de sinalização dos eventos pode estar espelhando, cognitivamente, relações semânticas mais abstratas.

Já na sequência em (11) a seguir, que é uma resposta ao argumento da não aceitação do aborto apresentada em (10), temos um conectivo POR-CAUSA estabelecendo a relação de causalidade entre os eventos em P e Q:



(11) $[\text{p} \overline{\text{POR-CAUSA}} \text{IX}_1(\text{eu}) \text{TER MUIT@ DIFÍCIL}] [\text{p} \overline{\text{POR-CAUSA}} \text{DINHEIRO}] [\text{Q} \text{QUERER}$
 $\text{IX}_1(\text{eu}) \text{RÁPIDO ABORTAR.}]$
 ‘Porque eu tenho muita dificuldade financeira, penso que rapidamente vou querer abortar’.

Nesse exemplo, o conectivo POR-CAUSA, o qual vem acompanhado do levantamento de sobrancelhas, é utilizado para estabelecer a relação entre *ter dificuldade financeira* e *abortar*. Sobre a ordem, POR-CAUSA introduz a causa em P antes de sua consequência em Q.

Notamos em (11) que o sinal POR-CAUSA ocorre duas vezes. Essa dupla realização de POR-CAUSA parece evidenciar relações gramaticais que se estabelecem em contextos pragmático-discursivos específicos, como em uma espécie de construção de “reparação”/“retificação” (*repair construction*), em que o participante reconstrói a ideia de maneira a precisar melhor o que pretende dizer.³⁷

Um uso semelhante do sinal POR-CAUSA em (11) é identificado no exemplo (12) a seguir:



(12)[^{sl} ^{sl s/n} **POR-CAUSA** IX₃ (ela) MULHER VONTADE ABORTAR CERT@]
 [p**PORQUE** TER-NÃO GOVERNO AJUDAR NADA IX₃ (ele - governo).]
 ‘As mulheres sentem vontade de abortar porque o governo não fornece qualquer ajuda’.

Em (12), a relação de causalidade é marcada duplamente pelo sinal POR-CAUSA, que introduz a consequência (o evento em Q *as mulheres sentem vontade de abortar*), cuja proposição finaliza com o item lexical CERT@, dando a entender que se trata de um questionamento sobre a causa, e pelo conectivo PORQUE, que introduz a causa em P, *o governo não fornece qualquer ajuda*. Sobre a ordem, com o uso do conectivo manual PORQUE, temos uma ordem não-icônica, uma vez que a causa é posposta à consequência em Q. Notamos, em toda a extensão das estruturas dos dois eventos, o levantamento das sobranças.

Os exemplos de (10) a (12) apontam que, em diálogos argumentativos, como os presentes em nosso *corpus*, o uso de conectivos manuais causais, acompanhados de marcas não-manuais, ocorre de forma bastante recorrente como estratégia discursiva para reforçar os argumentos defendidos pelos colaboradores. Destacamos, nos Quadros

³⁷ Essa hipótese será investigada em trabalhos futuros, pois, em nossos dados, tal realização se deu apenas no contexto dos diálogos argumentativos e em poucas ocorrências.

de 12 a 15, glosas em Libras com alguns trechos dos diálogos sobre o tema “aborto”, com foco no uso de conectivos manuais. Iniciamos com o diálogo produzido pelos dois colaboradores da Figura 27:

Figura 27 – Diálogo sobre aborto, entre Luiza e Diego



Fonte: a pesquisadora.

No primeiro trecho destacado no Quadro 12, ambos os colaboradores, em suas argumentações sobre a (não) liberação do aborto no Brasil, utilizaram o conectivo causal manual PORQUE:

Quadro 12 - Trecho 1 Diálogo sobre aborto, entre Luiza e Diego

DIÁLOGO EM LIBRAS	TRADUÇÃO
<p><i>Luiza:</i></p> <p>ENTÃO INFORMAR-EU 2X GOSTAR PESSOA MULHER EMPODERAR MULHER FORÇA MOVIMENTO LUTAR LIVRE TEMPO (circunstância) PESSOA LUTAR LIVRE GOSTAR MULHER TEMPO (circunstância) LIVRE ABORTAR TIRAR (expulsar) PORQUE MULHER SOFRER PODER-NÃO PROIBIR (3x) É (reestruturando o pensamento) PARECER OPRIMIR (preconceito) MULHER TER DIREITO LIVRE DESEJO SENTIR GRAVIDEZ FILH@ SE DEL@ DIREITO IX₁ (eu) POSITIVO GOSTAR</p>	<p>Fiquei muito feliz porque me falaram que tem mulheres defendendo, manifestando e lutando a favor da liberdade de escolha sobre o aborto. Porque mulheres sofrem com essa proibição. Elas se sentem oprimidas. É um direito delas escolher se querem ou não gerar um filho. Bem, essa é a minha opinião, qual é a sua?</p>

CONCORDAR POSITIVO IX ₂ (você)	
<p><i>Diego:</i></p> <p>DESCULPAR (2x) IX₁ (eu) CONCORDAR-NÃO PORQUE SE ABORTAR IX₁ (eu) IX₁ (nós - duas mãos) TRISTE (duas mãos) PIOR (duas mãos) DEPRESSÃO TAMBÉM SE IX₃ (ela) ABORTAR NENHUM (uma mão) LEI ASSINAR NENHUM (uma mão) GERAL (duas mãos) ALEGRAR (2x) PARECER NASCER IX₁ (nós) FAMÍLIA DESENVOLVER ENTÃO AMOR ENTÃO</p>	<p>Desculpe, eu discordo completamente de você, porque se ela aborta, pode nos causar tristeza e depressão, mas se o aborto não for liberado e ela não o fizer, nós nos sentiremos muito mais felizes! Parece que, junto com a criança, pode nascer uma família próspera, com amor.</p>

Fonte: a pesquisadora

No trecho 1, Luiza apresenta a sua posição favorável e Diego apresenta a sua posição contrária ao aborto. Nos dois casos, identificamos relações de causalidade construídas para a defesa de cada posição. Inicialmente, a colaboradora Luiza, ao justificar a sua posição a favor do aborto, utiliza o conectivo PORQUE a fim de introduzir a sua justificativa, que remete à causa da proibição do aborto: *mulheres sofrem*. Para contraargumentar, Diego declara não concordar com o aborto devido à tristeza e depressão que esse ato pode causar, em sua opinião. Nessa interação linguística, o colaborador constrói a relação de causalidade com o uso do conectivo manual PORQUE. Nas duas situações, a causa, introduzida pelo sinal manual PORQUE, é apresentada após o efeito, o qual já é a informação compartilhada e o assunto do debate, obtendo-se a ordem consequência-causa.

No segundo trecho disposto no Quadro 13, o colaborador Diego utiliza o conectivo manual POR-CAUSA para introduzir a causa:

Quadro 13 - Trecho 2 Diálogo sobre aborto, entre Luiza e Diego

DÍALOGO EM LIBRAS	TRADUÇÃO
<p><i>Luiza:</i></p> <p>É IMPORTANTE MULHER GRAVIDEZ IX₃ (ela) VIDA DESENVOLVER VIDA IX₃ (ela) MULHER IMPORTANTE VALOR GRAVIDEZ DEPENDER QUANTOS ACONTECER O-QUE ENTÃO EXEMPLO ENTÃO PESSOA MELHOR JOGAR</p>	<p>Ah! Depende... É importante que a mulher grávida valorize a vida e seu desenvolvimento, mas depende... Com muitas mulheres pode acontecer, por exemplo, de pessoas falarem que é melhor tirar, ou pode</p>

<p>FORA OU HOMEM ENTÃO ESTUPRAR ENTÃO DEIXAR (na barriga - duas mãos) PRECISAR TIRAR (expulsar) FALAR (2x) INSULTAR (xingar) AINDA MULHER DEIXAR (na barriga) CRESCER FILH@ CUIDAR QUEM FUTURO PAI OU DEPENDER MULHER AMOR DEPENDER MULHER SENTIR (duas mãos) IX₁ (eu) SENTIR (uma mão) GOSTAR TER-NÃO FELIZ PRECISAR (uma mão) SENTIR (duas mãos) ACEITAR TIRAR (expulsar) SENTIR PRECISAR FELIZ ESCOLHER SÓ (isso)</p>	<p>acontecer uma gravidez de um estupro... E ela vai ter que gerar esse filho? Ela tem que poder tirar. Deixar uma criança crescer sem conhecer o pai, talvez aconteça de ela ser discriminada por não ter pai ou em alguns casos pode acontecer de a mãe não conseguir amar o filho pela forma que ele veio e se sentir infeliz por isso. A mulher precisa se sentir feliz, se para isso for preciso abortar, será uma escolha dela.</p>
<p><i>Diego:</i></p> <p>MAS IX₂ (você 2x) SIM (aceno com a cabeça) PARECER EXEMPLO SÓ (isso) SEU FILH@ IX₂ (você) CRESCER IX₃ (ela 2x) NÃO (aceno com a cabeça) IX₂ (você) CUIDAR NENHUM APONTAR (segundo - dedo médio 2x) ENTÃO (uma mão) DEIXAR-PRA-LÁ (4x) IX₃ (ela) SIM (aceno com a cabeça) ABRIR (testa) MULHER POSITIVO LEGAL SURPRESA POSITIVO LEGAL POSITIVO (2x) IX₁ eu) IR (ir-embora) DIVERTIR (5x) SEXO GRAVIDEZ IX₂ (você) CULPA IX₂ (você) POR-CAUSA IX₂ (você) NÃO AJUDAR CUIDAR (2x) TRATAR NADA SEXO GRAVIDEZ AGORA (uma mão) IX₂ (você) FALAR RECLAMAR IX₃ (ela) ABORTAR POR-CAUSA IX₃ (ela) ANTES (uma mão) IX₂ (você) CUIDAR NENHUM POR-CAUSA PIOR ERRAR</p>	<p>Mas vamos supor que você tem uma filha e a deixa crescer solta, com muita liberdade e não se preocupa com a criação. Ela cresce, vai conhecendo e se encantando com o mundo, se torna sexualmente ativa e se depara com uma gravidez não planejada. A culpa disso vai ser sua, porque você não criou e não cuidou da sua filha para evitar essa gravidez. Aí você questiona sobre aborto, sendo que foi um erro seu não cuidar da sua filha? Por isso digo que isso é um erro.</p>

Fonte: a pesquisadora

Nesse segundo trecho, Diego utiliza o sinal POR-CAUSA para estabelecer relações entre os seguintes eventos: *sentir culpa e não cuidar da filha; abortar e não ter cuidado da filha*. Em relação à ordem, em todas essas duas situações, notamos que o conectivo POR-CAUSA introduz a causa após a apresentação do efeito, obtendo-se a ordem consequência-causa. Nesse exemplo, há um terceiro uso do sinal POR-CAUSA. Nesse

caso, esse sinal parece ser usado para retificar a argumentação anteriormente lançada, uma hipótese que investigaremos em pesquisas futuras.

Em outro diálogo sobre o mesmo tema, com outras duas colaboradoras, representadas na Figura 28, também vemos a expressão de relações de causalidade com conectivos causais para fundamentar a argumentação, como exposto no Quadro 14.

Figura 28 – Diálogo sobre aborto, entre Mara e Ana



Fonte: a pesquisadora

No trecho a seguir, para defender o seu posicionamento contra o aborto, a colaboradora Mara usa os conectivos manuais PORQUE e ENTÃO para estabelecer a relação entre os eventos:

Quadro 14 - Trecho Diálogo sobre aborto, entre Mara e Ana

DIÁLOGO EM LIBRAS	TRADUÇÃO
<p><i>Ana:</i></p> <p>IX₁ (eu) MOSTRAR APONTAR₁ APONTAR₂ PERGUNTAR₁ PERGUNTAR₂ DOIS DIFERENTES PRIMEIRO IX₁ (eu) QUERER REFLETIR (pensar) IX₂ (você) VER ÁREA DISCUTIR POLÍTICA GOVERNO DISCUTIR⁺⁺⁺ QUERER VOTAR LEI NOVA LEI ESTA (lei) SOBRE PRECISAR ABORTAR LEI ABORTAR TOD@ MULHER NOSSA (absurdo) IX₁ (eu) OBSERVAR (ver) IX₂ (você) CONCORDAR</p>	<p>Vou te apresentar dois questionamentos. O primeiro é sobre a discussão que temos visto na política a respeito da criação de uma lei que libere o aborto, você concorda com isso?</p>

FAZER APONTAR (isso)	
<p><i>Mara:</i></p> <p>CONCORDAR-NÃO PORQUE (2x) IX₃ (ela 2x) PESSOA TER (2x) MAS (uma mão) PESSOA PORQUE QUERER-NÃO (duas mãos) GRAVIDEZ APONTAR (barriga) ENTÃO (NÃO - aceno com a cabeça) PARECER IX₁ (eu) GOSTAR- NÃO GRAVIDEZ COMO ENTÃO GOSTAR- NÃO IX₃ (ela) QUERER ABORTAR</p>	<p>Discordo, porque a pessoa não quer a gravidez. Parece que não gosta de estar grávida e então quer abortar.</p>

Fonte: a pesquisadora

Nesse trecho, o conectivo manual **PORQUE** introduz a causa da discordância de aceitar o aborto: **QUERER-NÃO GRAVIDEZ**. Sobre a ordem, a causa é disposta após a consequência, o aborto, que é o assunto do diálogo. Já o conectivo manual **ENTÃO**, marcador de temporalidade, relaciona os eventos *não gostar da gravidez* e *querer abortar*, conforme apresentamos no exemplo (4) da subseção 4.1.1.

No diálogo a seguir, produzido pelos participantes retratados na Figura 29, também sobre a temática do aborto, destacamos um trecho – Quadro 15 –, em que ocorrem os conectivos causais manuais em Libras **POR-CAUSA** e **PORQUE** na expressão de relações de causalidade.

Figura 29 – Diálogo sobre aborto, entre Joana e Paulo



Fonte: a pesquisadora

Quadro 15 - Trecho Diálogo sobre aborto, entre Joana e Paulo

DIÁLOGO EM LIBRAS	TRADUÇÃO
<p><i>Paulo:</i></p> <p>POSSÍVEL IX₁ (eu) VOCÊ IX₁ (eu) TENTAR PROCURAR TRABALHAR GUARDAR-DINHEIRO E (depois - duas mãos) IX₁ (eu) APROVEITAR AJUDAR PAGAR (4x) E (depois - duas mãos) ABORTAR IX₁ (eu) ACEITAR NÃO IX₁ (eu) IX₂ (você) PRECISAR (uma mão) PACIÊNCIA</p>	<p>Nós podemos tentar procurar emprego e guardar dinheiro. Eu vou te ajudar com as despesas. Mas o aborto eu não aceito. Nós precisamos ter paciência.</p>
<p><i>Joana:</i></p> <p>IX₁ (eu - 2x) MAS POR-CAUSA DAR-IX₁ (eu) NEGATIVO (3x) CONSEGUIR-NÃO NÃO IX₁ (eu) PENSAR POSITIVO TER-NÃO (duas mãos) IX₁ (eu) XXX IX₁ (eu) MOSTRAR-IX (eu - duas mãos) ENTREGAR- IX₁ (eu) DEPRESSÃO CANSAR IX₁ (eu) QUERER ABORTAR RÁPIDO PORQUE MOSTRAR-IX₁ (eu - duas mãos) QUERER-NÃO (duas mãos) VIVER DESENVOLVER VIVER FUTURO</p>	<p>Mas por causa dos aspectos negativos, eu não consigo ter esse pensamento positivo. Eu me sinto mal, deprimida e desanimada só de pensar. Quero fazer um aborto logo, porque eu não quero ter filho, eu quero é pensar na minha vida e no meu futuro.</p>

Fonte: a pesquisadora

Nesse trecho, o conectivo manual POR-CAUSA introduz a causa, *pensamentos negativos*, que vem antes da conclusão lógica: *não conseguir ter pensamento positivo*. Nesse primeiro caso, temos a ordem causa-consequência. Já o conectivo manual PORQUE introduz a causa, *não querer ter filho*, que é expressa antes da consequência, *querer abortar*. Nesse segundo caso, temos uma ordem inversa de consequência-causa.

Os exemplos apresentados nesta subseção atestam que, em Libras, as relações de causalidade podem ser introduzidas com conectivos manuais com valor causal como o PORQUE e o POR-CAUSA, os quais são acompanhados pelas marcas não-manuais de sobrancelhas levantadas e levantamento de queixo. No entanto, cada um desses conectivos produz diferentes tipos de ordens de apresentação dos eventos de causa e consequência na estrutura oracional, como verificamos nos esquemas a seguir:

Consequência > ^{slq}PORQUE Causa

^{slq}POR-CAUSA Causa > Consequência Consequência > ^{slq}POR-CAUSA Causa
OU

O conectivo manual PORQUE tem uma ordem mais rígida (consequência-causa) e introduz a causa após a consequência. Já o conectivo manual POR-CAUSA, em nossos dados, apresentou um comportamento variável quanto à posição: ora introduzindo a causa antes da consequência, ora introduzindo a causa após a consequência.

Desse modo, a seção 4.1 evidenciou, por meio da análise do nosso *corpus* de Libras, que:

(i) as relações de causalidade podem ser estabelecidas por meio de conectivos manuais do tipo temporais (DEPOIS), condicionais (SE) e causais (PORQUE e POR-CAUSA);

(ii) as orações complexas com sentido de causalidade admitem (opcionalmente) que a realização das expressões não-manuais se estendam por ambas as proposições P e Q, e não somente por P (a que expressa a causa), distinguindo-se, assim, das temporais e das condicionais, como proposto por Pfau (2016);

(iii) as relações causais de interpretação factual tendem a apresentar uma mudança no espaço de sinalização do evento causal e da consequência, o que não se observa em relações causais construídas a partir de outros tipos de sentenças, como as interrogativas ou as proposições que constituem atos de fala (essa propriedade parece refletir relações cognitivas mais abstratas).

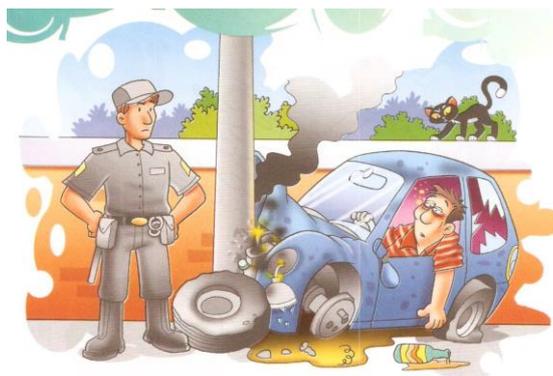
4.2 ORAÇÕES SEM CONECTIVOS MANUAIS

Como ressaltado no primeiro capítulo, os conectivos apenas reforçam a articulação de orações complexas, uma vez que o vínculo semântico entre os eventos denotados em cada oração já existe. Desse modo, as relações de causalidade entre dois eventos que se estruturam sem o uso explícito de conectivos ocorrem por meio do nexos semântico entre a causa e a sua consequência/conclusão (DECAT, 1996). Essas realizações são identificadas em línguas orais e em línguas de sinais, como demonstraram Tang e Lau

(2012), que afirmam que a relação entre orações complexas nas línguas de sinais pode ocorrer por meio de justaposição e com a realização de expressões não-manuais. Em nosso *corpus* de Libras, encontramos produções que expressam relações de causalidade e não estão marcadas por conectivos manuais, como constatamos nos dados a seguir.

A partir da eliciação de sentenças a partir da imagem retratada na Figura 30, foram produzidos dados como os de (13) a (15), em que a relação de causalidade é expressa sem o uso de conectivos manuais.

Figura 30 – Imagem: Acidente



(13) [pHOMEM BEBER BEBIDA] [qCARRO-BATER.]
 ‘O homem bebeu; o carro bateu’.

Nesse exemplo, não há o uso de qualquer conectivo manual para indicar a relação entre a causa em P, *homem beber bebida alcoólica*, e a consequência em Q, *carro bater*. A causalidade é construída por meio da correlação semântica entre a causa P e a consequência Q, pois se trata de uma leitura possível da situação encontrada na Figura 30. A ausência do conectivo manual não impede o reconhecimento da relação de causalidade existente na articulação dos eventos em P e Q. Também, identificamos que a ordem da apresentação dos eventos é cronológica, com a consequência posposta à causa. Cabe observar que o evento P é sinalizado no espaço à direita do colaborador,

enquanto o evento Q é sinalizado no espaço neutro, reiterando a conclusão prévia de que, nos casos de eventos que denotam fatos ocorridos, o espaço de sinalização da causa e da consequência tendem a ser diferentes.

Uma construção semelhante à de (13) é encontrada no exemplo em (14):



(14) [pHOMEM CARRO BEBER] [Q CARRO-BATER.]
 ‘O motorista bebeu; o carro bateu’.

Em (14), a relação entre a causa P, *motorista beber*, e a consequência Q, *carro bater*, é feita mediante a conexão semântica entre P e Q, uma vez que não há conectivos manuais que explicitem tal relação. Mais uma vez, a ausência de um conectivo manual nesse caso não impede a interpretação da relação de causalidade entre *motorista beber* e *bater o carro*, construída em (14), a qual é apresentada em uma ordem icônica. Desse modo, a relação de causalidade nesse exemplo é realizada pelo nexos semântico da situação encontrada na Figura 30. Além disso, não identificamos mudanças quanto ao espaço de sinalização em (14), embora se trate da mesma relação de causalidade do exemplo anterior. A não ocorrência dessas mudanças no espaço de sinalização entre os eventos nos mostra que a tendência de se diferenciar o espaço de causa do espaço de consequência precisa ser melhor avaliada em pesquisas futuras.

No exemplo (15) a seguir, também não há o uso de conectivos manuais para explicitar a relação de causalidade entre os eventos, porém notamos a presença de expressões não-manuais nessa construção:



_____sf _____sl _____sf _____lq _____sf bi
 (15) [pCARRO BEBER OU BÊBADO DIFERENTE] [qCARRO CARRO-BATER.]
 ‘O motorista bebeu ou está bêbado; bateu o carro’.

Em (15), a relação de causalidade é construída a partir da correlação, apresentada em ordem icônica, entre os eventos em P, *motorista beber/estar bêbado*, e Q, *bater o carro*. Nessa situação, assim como a do exemplo (14), não há diferenças quanto à realização do espaço de sinalização em P e Q, pois ambos são articulados no mesmo espaço, qual seja, o espaço neutro. Por outro lado, a diferença entre esse exemplo e os exemplos retratados em (13) e (14) diz respeito às várias expressões não-manuais faciais associadas aos sinais dos eventos: sobrancelhas levantadas e franzidas e levantamento de queixo.³⁸

Nesse sentido, percebemos que, entre os sinais DIFERENTE e CARRO, os quais separam a causa (P) da consequência (Q), houve uma mudança da direção do olhar e um rápido levantamento das sobrancelhas, o qual retratamos com destaque na Figura 31:

³⁸ Também observamos nesse exemplo a expressão não-manual representada pelas bochechas infladas (*bi*). Entretanto, essa ENM compõe o sinal referente ao evento de *bater o carro* e não tem relação com a noção de causalidade em si.

Figura 31 – Levantamento de sobrancelhas e mudança de direção do olhar em (15)



Na Figura 31, notamos que há uma mudança da direção do olhar e um rápido levantamento de sobrancelhas no momento de troca entre os sinais DIFERENTE e CARRO, do exemplo (15). Esses sinais se encontram no limite entre os eventos em P e Q. A mudança da direção do olhar em Libras tem sido identificada como “uma marca de limite entre constituintes sintáticos de orações” (ARAÚJO, 2013, p. 78). No caso apresentado em (15) e na Figura 31, há uma mudança da direção do olhar, que antes se concentrava para baixo e em direção às mãos da sinalizadora para rapidamente voltar-se na direção ao espaço neutro de sinalização. A mudança de olhar vem acompanhada do levantamento de sobrancelhas. Essas marcas não-manuais associadas parecem indicar as fronteiras entre esses eventos e cumprem um papel de articuladores não-manuais que separam a causa em P da consequência em Q.

Resultados semelhantes aos encontrados nos exemplos de (13) a (15) são identificados em narrativas sobre a “História da Pêra” (CHAFE, 1975). Extraímos trechos que retratam a seguinte cena do filme, a qual sugere a ideia de causalidade: “O menino estava andando de bicicleta e, no caminho, ele foi seduzido por uma linda menina, que também estava andando de bicicleta no caminho oposto. Com o olhar distraído e concentrado na menina, ele não viu uma pedra no caminho. Ele bateu nessa pedra de bicicleta, caiu no chão e as pêras se esparramaram”. Nesse trecho,

identificando a causalidade construída a partir da relação entre *bater na pedra de bicicleta e cair*. Eis alguns resultados nos dados de (16) a (18):

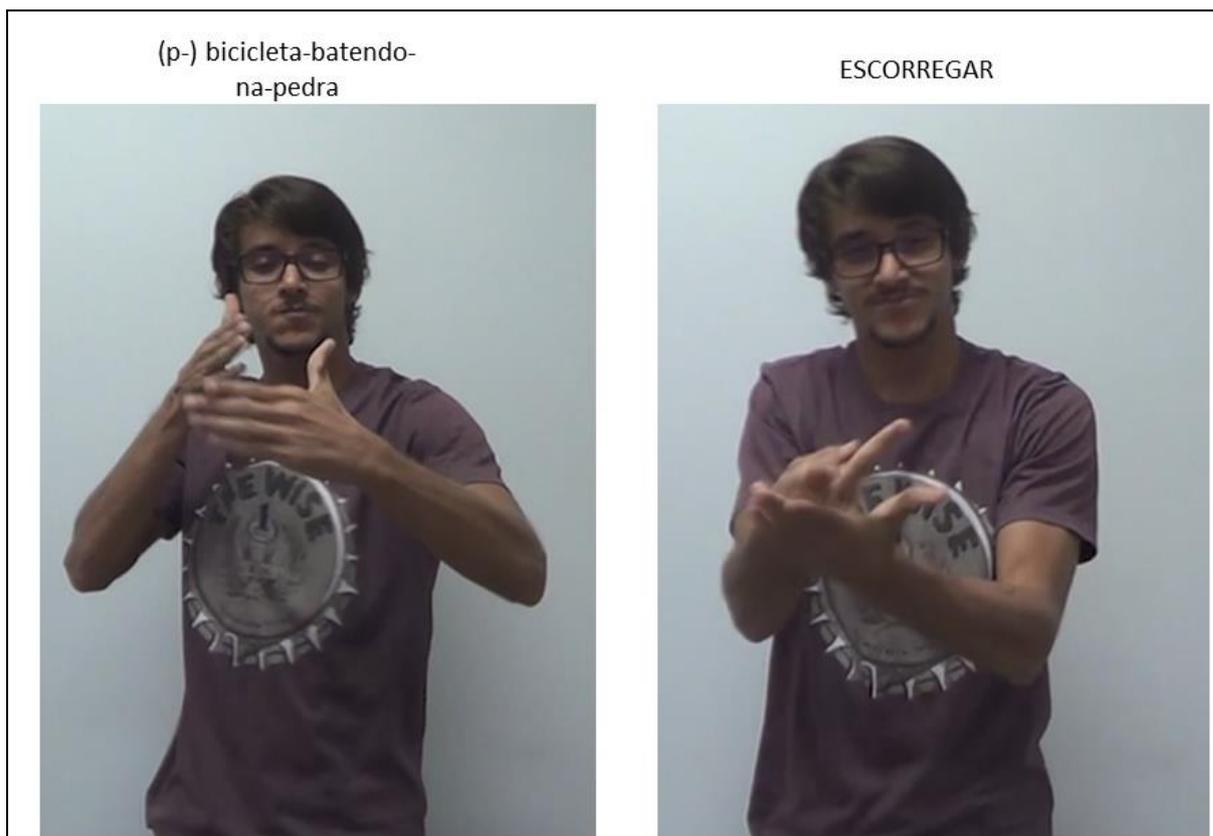


(16) [^{—sl} ^{—sl} ^{—sl} ^{—sl}] pUM PEDRA (p-) pedra-grande ABANDONAR (uma mão) + (p-) pedra-grande (p-) bicicleta-batendo-na-pedra [_q ESCORREGAR (p-) capotando.]
 ‘Uma pedra grande estava no caminho. A bicicleta bateu na pedra; capotou’.

Nesse exemplo, a relação de causalidade é estabelecida por meio da correlação entre os eventos em P, *bicicleta bater na pedra* – causa – e em Q, *bicicleta capotar* – consequência. Verificamos também que o levantamento de sobrancelhas está presente no evento P, que contém a causa.

Notamos que nenhum conectivo manual foi utilizado para explicitar essa correlação entre P e Q. Porém, assim como o exemplo anterior a esse e a Figura 31 comprovaram, a articulação das relações de causalidade em orações complexas pode ser realizada com a presença de expressões não-manuais, como destacamos, na Figura 32, no trecho delimitador dos eventos do exemplo (16):

Figura 32 – Direção do olhar em (16)



Na Figura 32, vemos que a direção do olhar é diferente nos sinais (*p-*) *bicicleta-batendo-na-pedra* e *ESCORREGAR*: olhos para baixo, no primeiro caso, e olhos em direção ao espaço neutro de sinalização, no segundo caso. Essas expressões não-manuais marcam a delimitação entre os eventos que apresentam a causa e a consequência, respectivamente. No entanto, diferentemente do exemplo anterior, não identificamos nesse limite a presença da expressão não-manual sobrancelhas levantadas, que estaria associada diretamente à interpretação de causalidade.

Em um trecho produzido por outra participante para a mesma cena do filme, também detectamos a relação de causalidade expressa sem a presença de conectivos manuais:



(17) $\frac{\text{_____sl}}{\text{_____sl}} \frac{\text{_____sl}}{\text{_____sl}} \frac{\text{_____sl}}{\text{_____sl}} \frac{\text{_____sl}}{\text{_____sl}} \frac{\text{_____sl}}{\text{_____sl}}$ [pHOMEM FUGIR BICICLETA MULHER (p-) batendo-a-bicicleta] [qESCORREGAR.]
 ‘O homem fugiu em sua bicicleta, trombou com uma mulher que estava de bicicleta e [ele] escorregou’.

Nesse exemplo, não há qualquer conectivo manual que explicita a relação entre os eventos dispostos em P, *bater a bicicleta*, e Q, *escorregar*. A correlação semântica entre P e Q é que cria o efeito de causalidade nos eventos, apresentados em ordem cronológica. Os sinais em (17) são acompanhados das expressões não-manuais sobranceiras levantadas.³⁹ No entanto, nessa sequência, não identificamos expressões não-manuais que diferenciem os eventos em P e Q.

A seguir, em (18), vemos mais uma produção semelhante às identificadas em (16) e (17):



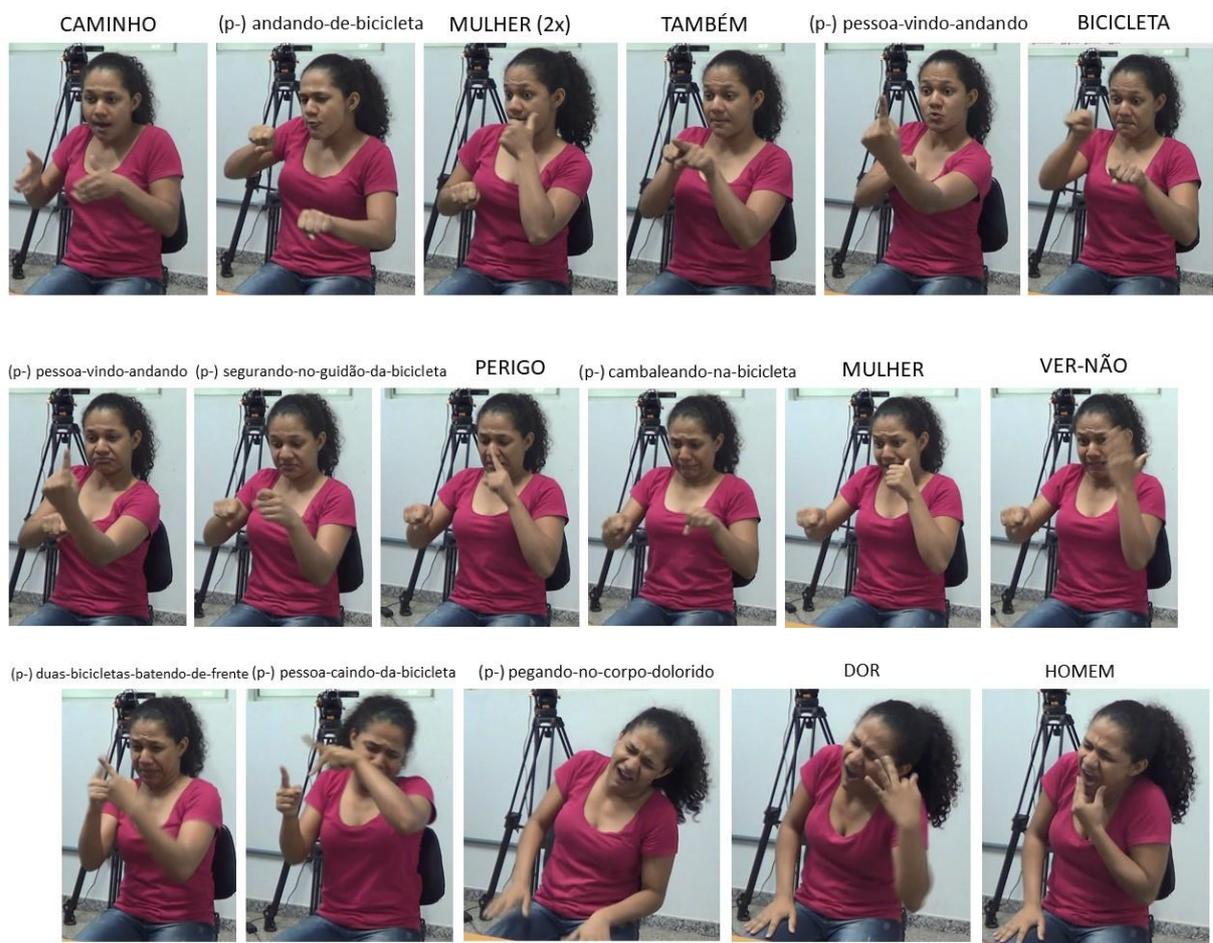
³⁹ Novamente ocorre, no exemplo em (17) a expressão não-manual de bochechas infladas, que, como mencionado em nota anterior, compõe o sinal BICICLETA e não diz respeito diretamente à causalidade.

_____sl lis _____sl _____sf

[p(p-) uma-pessoa-passando-por-outra (p-) capotando ESCORREGAR PEDRA (p-) pedra (p-) batendo-na-pedra] [Q(p-) caindo IX₃ (ele).]
 ‘O menino passou pela menina, bateu em uma pedra, caiu’.

Em (18), a relação de causalidade é identificada por meio do nexos semântico entre os eventos em P, *bater em uma pedra*, e Q, *cair*. Não há qualquer conectivo manual para ligar esses eventos. As expressões não-manuais são utilizadas em conjunto com alguns sinais, como no caso do sinal (p-) *capotando*, o qual vem acompanhado das sobrancelhas levantadas.⁴⁰

Em (19), vemos mais um exemplo da construção da relação de causalidade sem o uso de conectivos manuais:



⁴⁰ Ocorre, ainda, a expressão não-manual da língua sibilante (*lis*), usada para denotar a progressão da ação de capotar (ARAUJO, 2013). Essa ENM não tem relação direta com o nexos de causalidade.

sl sf

(18) [pCAMINHO (p-) andando-de-bicicleta MULHER (2x) TAMBÉM (p-) pessoa-vindo-andando
 BICICLETA (p-) pessoa-vindo-andando (p-) segurando-no-guidão-da-bicicleta PERIGO
 (p-) cambaleando-na-bicicleta MULHER VER-NÃO (p-) duas-bicicletas-batendo-de-frente]
 [q(p-) pessoa-caindo-da-bicicleta (p-) pegando-no-corpo-dolorido DOR HOMEM]
 'No meio do caminho, estava passando por ele uma menina pedalando em uma bicicleta, que
 trombou nele e ele caiu da bicicleta'.

Nesse exemplo, a relação de causalidade é estabelecida sem o uso de conectivos manuais para denotar o nexos entre a causa em P, *trombar de bicicleta*, e Q, *cair de bicicleta*. Há o uso de expressões não-manuais em toda a extensão do trecho em (19), com destaque para as sobrancelhas levantadas e franzidas. Porém, nessa sequência, não percebemos o uso da direção do olhar como um modo de separar os eventos em P e Q.

Os dados apresentados nos exemplos de (16) a (19) apontam que, diferentemente do que observamos em contextos argumentativos, em contextos narrativos, o uso de conectivos manuais que expressam relações de causalidade em Libras parece ser opcional. Em (20) a seguir, no entanto, é possível identificar o uso da justaposição para expressar a causalidade em contextos de diálogos argumentativos. A colaboradora, ao explicar à sua interlocutora sobre a possível justificativa de mulheres em situação de rua para cometer o aborto, utiliza uma construção justaposta:



sl

(19) [pDIFÍCIL COMER CUIDAR-SE NADA] [qIX₁ (eu) FÁCIL ABORTAR.]
 '[Por conta de] dificuldades para comer e se cuidar; [mulheres] decidem abortar.'

Nesse exemplo, a relação de causalidade entre os eventos *dificuldades em comer e se cuidar* e *decidir abortar* é construída sem qualquer conectivo manual e a ordem de apresentação dos fatos ocorre de forma icônica. Porém, ao final dos eventos, a colaboradora utiliza expressões não-manuais que parecem enfatizar esse nexos de causalidade: as sobrancelhas levantadas, em conjunto com o movimento de cabeça para

baixo e para a esquerda e o levantamento do ombro esquerdo, parecem transmitir a ideia de causa.

Assim, os dados apresentados nesta seção nos revelam que:

(i) a relação de causalidade entre orações justapostas é denotada pela correlação gramatical entre as orações, que se apresentam em uma ordem icônica construída temporalmente (causa-consequência);

(ii) as marcas não-manuais, notadamente o levantamento de sobrancelhas e a direção do olhar, têm um importante papel como articuladores sintático-semânticos, ocorrendo independentemente da presença de conectivos manuais, e estendendo-se opcionalmente por toda a extensão da oração complexa;

(iii) a mudança da direção do olhar foi identificada como uma expressão não-manual que tem o papel gramatical de delimitador de fronteira entre sentenças.

4.3 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Neste capítulo, descrevemos e analisamos as propriedades gramaticais (morfofonológicas e sintáticas) das relações de causalidade identificadas em nosso *corpus* de Libras, a partir de pesquisas realizadas sobre outras línguas de sinais (TANG e LAU, 2012; PFAU, 2016) e sobre a Libras (ANDRADE, 2015; LOURENÇO, 2018; FIGUEIREDO e LOURENÇO, 2019).

Nossos dados apontaram que, em contextos narrativos, temos uma maior tendência de realizações de relações de causalidade por meio de orações sem conectivos manuais. Nesses casos, a relação de causalidade é construída pela correlação gramatical entre os eventos que expressam a causa e a consequência. Identificamos também a presença de marcas não-manuais, sobretudo do movimento de sobrancelhas levantadas e da direção do olhar, para expressar a causalidade entre os eventos e delimitar as fronteiras entre as orações. Assim, em síntese, indicamos que, em orações sem conectivos manuais temos: (i) relações de causalidade entre orações justapostas, que se apresentam em uma ordem icônica; (ii) as marcas não-manuais, notadamente o levantamento de sobrancelhas e a direção do olhar, têm um importante papel como articuladores sintático-semânticos de causalidade, ocorrendo independentemente da presença de conectivos manuais, e

estendendo-se opcionalmente por toda a extensão da oração complexa; e (iii) a mudança da direção do olhar foi identificada como uma expressão não-manual que tem o papel gramatical de delimitador de fronteira entre sentenças.

Por outro lado, em contextos argumentativos, quando há a necessidade de defesa de um pensamento ou a exposição de argumentos, identificamos uma tendência maior à utilização dos conectivos manuais. Foram registrados, em todas as etapas da coleta de dados, conectivos como DEPOIS e ENTÃO (temporais), SE (condicional), PORQUE e PORCAUSA (causais), que co-ocorrem com marcas não-manuais, tais como o movimento de levantamento de queixo e de sobrancelhas, para explicitar o nexo de causalidade entre os eventos.

Nos contextos com a presença de conectivos manuais, percebemos nos dados dos tipos temporais e condicionais, de um lado, e causais, de outro lado, uma diferenciação quanto ao uso do espaço de realização dos eventos que traz a causa e a consequência, por hipótese vinculadas aos casos em que se trata de relações de causalidade de interpretação factual. Além disso, observamos a ocorrência opcional do levantamento de sobrancelhas e do levantamento de queixo em toda a extensão da oração complexa, quando se trata de causalidade (nas condicionais, as ENMs se limitaram à oração que apresentava a condição/causa).

Também, sobre as expressões não-manuais, identificamos que as orações complexas com sentido de causalidade explícita admitem (opcionalmente) que a realização dessas expressões se estendam por ambas as proposições P e Q, e não somente por P (a que expressa a causa), distinguindo-se, assim, das temporais e das condicionais, como proposto por Pfau (2016).

Nos tipos causais, notamos que as relações causais de interpretação factual tendem a apresentar uma mudança no espaço de sinalização do evento causal e da consequência, o que não se observa em relações causais construídas a partir de outros tipos de sentenças, como as interrogativas ou as proposições que constituem atos de fala (essa propriedade parece refletir relações cognitivas mais abstratas).

Com relação à ordem dos eventos nas orações complexas com a presença de conectivos manuais, constatamos que, com os conectivos temporais e condicionais, a ordem icônica é a utilizada para expressar o nexo de causalidade entre os eventos de causa e consequência, o que pode estar relacionado à necessidade de se marcar a temporalidade embutida na relação causal, não revelada semanticamente pelos

conectivos temporais e condicionais. Por outro lado, nos tipos causais, há uma alternância de ordem: as orações com o conectivo manual PORQUE apresentaram a ordem não-icônica (consequência-causa) e aquelas com o conectivo POR-CAUSA apresentaram uma alternância de ordens icônica e não-icônica, o que pode ser explicado pelo fato de ambos os conectivos carregarem a semântica de causa, marcando o evento que ocorre antes numa linha cronológica de acontecimentos.

No próximo capítulo, descrevemos e analisamos as propriedades semânticas nas relações de causalidade em Libras.

CAPÍTULO 5 - PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DAS RELAÇÕES DE CAUSALIDADE EM LIBRAS

No capítulo anterior, propusemos a descrição e a análise das relações de causalidade em Libras do ponto de vista de sua realização morfofonológica e sintática. No entanto, toda análise formal possui um correlato semântico e, desse modo, consideramos essencial investigar também as propriedades semânticas presentes nas orações complexas de interpretação causal em Libras. Nesse sentido, nossa proposta alinha categorias formais e semânticas, a fim de oferecer uma compreensão efetiva da relação entre gramática e conceitualização nas relações de causalidade, em suas diversas realizações, conforme identificadas em nosso *corpus*.

A análise semântica aqui proposta para a Libras é motivada pelas considerações de Sanders e Sweetser (2009, p. 1), os quais afirmam que as línguas do mundo até então conhecidas fornecem um conjunto de opções para expressar as relações de causalidade no discurso: “[...] todos os humanos em todas as culturas parecem interpretar e descrever o mundo em termos de relações causais”.⁴¹ Além disso, eles esclarecem que “[...] os estudos linguísticos do significado e do uso de conectivos causais e de auxiliares podem revelar percepções sobre o modo de categorização humana da causalidade” (p. 2).⁴²

Para alcançar o objetivo deste capítulo, baseamo-nos na proposta de Sweetser (1990) e outros autores que desenvolvem a proposta da autora (Sanders, Spooren e Noordman, 1992; Noordman e Blijzer, 2000; Sander e Sweetser, 2009; Sanders *et al.*, 2009; Neves, 2011), resenhados na seção 5.1. Nas seções subsequentes, identificamos as propriedades semânticas nas relações causais em Libras identificadas em nosso *corpus*, subdividindo os resultados conforme a seguinte classificação: na seção 5.2, causalidade de conteúdo (ou real); na seção 5.3, causalidade epistêmica; e na seção 5.4, causalidade de atos de fala. Na seção 5.5, apresentamos as conclusões do capítulo.

⁴¹ Tradução nossa. Original: “[...] *all humans in all cultures seem to interpret and describe the world in terms of causal relations*” (SANDERS e SWEETSER, 2009, p. 1).

⁴² Tradução nossa. Original: “[...] *the linguistic study of the meaning and use of causal connectives and auxiliaries may reveal insights into human categorization of causality*” (SANDERS e SWEETSER, 2009, p. 2).

5.1 SEMÂNTICA DAS RELAÇÕES DE CAUSALIDADE

Sweetser (1990) analisa as relações de causalidade a partir do comportamento das conjunções, notadamente da conjunção do inglês *because* ‘porque’. A autora considera as conjunções como operadores lógicos, que apresentam uma estrutura polissêmica, a qual evidencia uma “ambiguidade pragmática” (p. 76). Desse modo, para Sweetser, é possível utilizar o mesmo repertório de conjunções causais ora para indicar a causa de um evento por outro, ora para indicar a causa de uma conclusão por meio de uma premissa ou de um antecedente. Tais usos podem ser identificados, respectivamente, nos seguintes exemplos fornecidos pela autora e aqui reproduzidos:

(1) *He loves me because I remind him of his first love.*

‘Ele me ama porque eu o lembro de seu primeiro amor.’

(2) *He loves me, because he would't have proofread my whole thesis if he didn't.*

‘Ele me ama, porque ele não teria revisado toda a minha tese se ele não me amasse.’

Sweetser (1990, p. 31)

A causalidade expressa em (1), segundo Sweetser, é a causalidade sociofísica básica (*basic sociophysical causality*) ou de conteúdo, em que é estabelecida uma correlação de causalidade direta entre os conteúdos de dois eventos. Assim, em (1), uma causa real liga as duas orações: ela lembrar o seu primeiro amor é que o fez amá-la. Por outro lado, em (2), a autora explica que não há o mesmo tipo de expressão de causalidade identificada em (1), uma vez que, nesse caso, trata-se de uma conclusão, cuja paráfrase seria “Eu concluo que ele me ama porque eu sei que ele não teria revisado minha tese”.

Sweetser propõe que a causalidade pode ser analisada sob três níveis de interpretação semântico-pragmática, a saber: *nível de conteúdo*, *nível epistêmico* e *nível de atos de fala*. Esses três níveis apresentam relação entre si, partindo do domínio cognitivo de uma interpretação mais concreta (conteúdo) para uma interpretação mais abstrata (atos de fala), conforme representada a seguir:

CONTEÚDO > EPISTÊMICO > ATOS DE FALA
sociofísico/mundo real conclusão/crença conversacional

Para Sweetser, a conjunção causal no domínio de conteúdo marca a causalidade entre eventos no mundo real. Já no domínio epistêmico, a conjunção causal marca a causa de uma crença ou de uma conclusão e, no domínio de atos de fala, indica a explicação causal de um ato de fala realizado. Esses três níveis estão discriminados nos exemplos de (3) a (5), respectivamente:

(3) *John came back because he loved her.*

‘João voltou porque ele a amava’.

(4) *John loved her, because he came back.*

‘João a amava, por isso ele voltou.’

(5) *What are you doing tonight, because there’s a good movie on.*

‘O que você está fazendo à noite, porque há um bom filme.’

Sweetser (1990, p. 77)

Em (3), no nível do conteúdo, a causa de um evento no mundo real conecta as duas sentenças: por assim dizer, o amor de João por ela, concebido como parte do mundo real, foi a causa de retorno de João. Por outro lado, no exemplo (4), o nível epistêmico se caracteriza pela interpretação de que a causa, *o amor de João por ela*, corresponde a uma crença ou uma suposição/raciocínio lógico do falante, que tem como resultado o fato de o João ter retornado. Por fim, em (5), a explicação causal pode ser inferida a partir do ato de fala que surge do questionamento do pensamento do interlocutor sobre as atividades programadas para a noite. Nesse caso, segundo a autora, a leitura que se faz é algo do tipo: “Eu perguntei o que você está fazendo à noite porque eu quero sugerir que nós vejamos um bom filme” (Sweetser, 1990, p. 77). Ela acrescenta que essa seria uma sentença totalmente incompreensível se a conjunção *porque* fosse entendida no domínio do conteúdo, uma vez que a oração principal não é sequer uma afirmação, de maneira que a “oração-porque”, segundo a autora, não pode ser entendida como a causa real do evento ou da situação descrita.

Sweetser (1990, p. 81) justifica a adoção desses três domínios conceituais mediante os seguintes argumentos: (i) semanticamente é útil postular a existência desses diferentes domínios, uma vez que é possível formular generalizações; (ii) esses três domínios existem independentemente do vocabulário polissêmico em análise, pois a natureza da linguagem é multifacetada para explicar a ambiguidade no nível lexical; e (iii) há línguas cujo léxico distingue mais claramente esses diferentes domínios do que o conectivo *because* ‘porque’ do inglês. Para exemplificar esse último argumento, a autora apresenta o caso de *parce que* ‘porque’ em francês, o qual é usado especificamente no domínio de conteúdo, enquanto *puisque* ‘pois que’ é o conectivo causal utilizada nos domínios epistêmico e de atos de fala.

Em relação à ordem das sentenças, a autora declara que, no caso de conjunções como *because* ‘porque’, a ordem não é icônica, com a apresentação da causa após a consequência, porque a conjunção já expressa uma relação assimétrica entre as orações. Então, as diferentes naturezas entre os domínios de conteúdo e epistêmico estão refletidas nas interpretações dadas para a ordem icônica (Sweetser, 1990, p. 111).

Sweetser (1990, p. 78) destaca que uma interpretação considerada “correta” não depende da forma, antes, porém, depende do contexto semântico-pragmático em que a sentença se insere, seja como representação de conteúdo, ou de uma crença ou conclusão lógica, ou de atos de fala. Assim, a proposta de Sweetser, centra-se no funcionamento semântico do sistema linguístico em si e a causalidade é vista como um processo mental próprio do falante que a expressa. Tal fenômeno evidencia o caráter polissêmico das construções causais e, em nosso ponto de vista, é uma importante forma de explicar os diferentes modos de expressar a relação de causalidade, partindo-se de uma leitura mais concreta para uma leitura mais abstrata.

Neves (2011, p. 816) amplia esse ponto de vista ao declarar que a questão da efetividade da causa não diz respeito propriamente à realidade, mas à “factualidade da relação causal: a questão não é dois estados de coisas serem causalmente relacionados, mas é o falante apresentá-los assim”. Por isso, a autora considera que a causalidade é enunciada e não cientificamente comprovada, uma vez que ela deve ser entendida em referência “a qualquer zona que se situe no amplo espectro que vai, por exemplo, da causa eficiente à justificação, passando por relações como razão, motivo e explicação”. Assim, Neves abriga as classes das construções causais em três possibilidades, que correspondem à classificação proposta por Sweetser (1990):

- a) entre predicções (estado de coisas): causalidade de conteúdo ou real;
- b) entre proposições (fatos possíveis): causalidade epistêmica; e
- c) entre enunciados (atos de fala): causalidade de atos de fala.

As relações expressas entre predicções, segundo a autora, indicam a causa real, ou efetiva, as quais implicam uma subsequência temporal do efeito em relação à causa. Por outro lado, as relações expressas entre proposições são marcadas pelo conhecimento, julgamento ou crença do falante, existentes no domínio epistêmico. Neves indica que essa relação é tradicionalmente conhecida como “causa formal”. No último caso, as relações entre enunciados, se dão entre um ato de fala e a expressão que motivou esse ato linguístico.

Neves (2011, p. 807) defende que a comprovação de relações de causalidade do tipo lógico-semântica deve ser investigada com relação “à organização do discurso, aí incluídas todas as questões ligadas à distribuição de informação e à orientação argumentativa”. A autora argumenta que, segundo esse ponto de vista, a apresentação dessas relações de causalidade só pode ser definida a partir de sua realização em termos discursivos, o que corrobora com a proposta basilar de Sweetser (1990).

Outra abordagem de causalidade que segue a perspectiva semântica proposta por Sweetser (1990) é a de Sanders, Spooren e Noordman (1992). Os autores propõem uma análise semântico-cognitiva das relações de coerência textual nos enunciados, as quais são relações conceituais que estabelecem o vínculo entre dois segmentos do discurso. Sob um critério relacional, eles categorizam uma taxonomia de quatro *primitivos cognitivos* a partir da relação de dois segmentos discursivos, identificados por eles como S_1 e S_2 e com os seus significados estruturados nas proposições P e Q , em que P é o antecedente e Q é o conseqüente. Os autores esclarecem, no entanto, que esses segmentos não precisam, necessariamente, ser introduzidos por conectivos, uma vez que essas relações de coerência podem ocorrer de forma independente deles, por meio de inferência.

A primeira abordagem identificada pelos autores é a *Operação Básica*, que diferencia as operações causal e aditiva, consideradas como conexões forte e fraca, respectivamente. Uma operação básica causal existe se uma relação de implicatura

$P \rightarrow Q$ puder ser deduzida entre os dois segmentos discursivos, em que P é antecedente e Q é conseqüente. Por outro lado, uma operação básica é aditiva se a relação entre dois segmentos discursivos for a de uma conjunção lógica representada por $P \& Q$ (Sanders, Spooren e Noordman, 1992). Destacamos nesta seção a operação básica causal, uma vez que a operação aditiva não é objeto deste estudo.

Para os autores, a relação causal é logicamente verdadeira se ambos P e Q são verdadeiros. Porém, eles ressaltam que a operação causal básica depende também da conexão entre o antecedente e o conseqüente. Nesse caso, há uma implicação lógica de valor de verdade e relevância entre o antecedente e o conseqüente. Quando a relação não é relevante, a relação causal não existe. Isso pode ser identificado no exemplo em (6):

(6) *If Sweden is larger than Denmark, then Jürki is older than Lauri.*

‘Se a Suécia é maior que a Dinamarca, então Jürki é mais velho que Lauri.’

Sanders, Spooren e Noordman (1992, p. 7)

Sobre esse exemplo, os autores explicam que, para a maioria dos falantes, a relação causal não existe, porque o antecedente, *a Suécia é maior que a Dinamarca*, não é relevante para a conclusão apresentada no conseqüente, *Jürki é mais velho que Lauri*. Em outras palavras, a operação básica causal precisa ser relevante e não apenas do tipo lógica.

Fonte de Coerência é a segunda operação primitiva cognitiva. Os dois valores que subjazem a essa operação são o semântico e o pragmático. Uma relação é semântica se os segmentos do discurso estiverem relacionados ao seu conteúdo proposicional e ilocucionário. Nesse caso, a coerência existe porque o mundo que é descrito é percebido como coerente. Para ilustrar a relação semântica, os autores fornecem o exemplo reproduzido em (7):

(7) *The unicorn died because it was ill.*

‘O unicórnio morreu porque ele estava doente’.

Sanders, Spooren e Noordman (1992, p. 8 – com adaptações)

Em (7), a sequência é coerente porque faz parte do conhecimento de mundo de qualquer falante que doenças podem causar a morte. Assim, nas relações semânticas, o estado das situações referidas em *P* é a causa do estado das situações referidas em *Q*. Por outro lado, uma relação é pragmática se os segmentos discursivos estiverem relacionados ao significado ilocucionário de um ou de ambos os segmentos. Nas relações pragmáticas, a relação de coerência diz respeito ao estatuto do ato de fala proveniente dos segmentos. Segundo os autores, “a coerência existe por causa dos atos comunicativos orientados por objetivos do escritor” (1992, p. 8).⁴³ No exemplo (8), indicado pelos autores, há uma relação pragmática:

(8) *Q* *Jonh is not coming to school, p* *because he just called me.*

‘*Q* João não veio para a escola, *p* porque ele acabou de me ligar’.

Sanders, Spooren e Noordman (1992, p. 8)

Nesse exemplo, o estado da situação referida em *Q* *João não veio para a escola* não é a causa do estado da situação referida em *P* *porque ele acabou de ligar*, mas trata-se, antes, da afirmação de *P* ser a razão de o João não ter vindo para a escola. O significado ilocucionário em (8) é que permite a leitura pragmática da coerência da situação apresentada.

A terceira operação é a *Ordem dos Segmentos*. Os dois segmentos discursivos podem ser interligados na ordem básica ou na ordem não-básica. Na ordem básica da relação causal, o primeiro segmento é o antecedente e o segundo segmento é o conseqüente ($P \rightarrow Q$). Em contrapartida, na ordem não-básica, o primeiro segmento é o conseqüente e o segundo segmento é o antecedente ($Q \rightarrow P$). Os exemplos fornecidos pelos autores ilustram essas duas ordens, respectivamente:

(9) *p* *Because there is a low-pressure over Ireland, q* *the bad weather is coming our way.*

‘*p* Porque há uma baixa pressão sobre a Irlanda, *q* o mau tempo está vindo em nossa direção’.

⁴³ Tradução nossa. Original: “The coherence exists because of the writer’s goal-oriented communicative acts” (SANDERS, SPOOREN e NOORDMAN, 1992, p. 8).

(10) *qA piano concerto by was removed from the program, pbecause the soloist Anthony di Bonaventura fell seriously ill.*

‘*qUm concerto para piano foi removido do programa, qporque o solista Anthony di Bonaventura ficou gravemente doente*’.

Sanders, Spooren e Noordman (1992, p. 9-10)

Em (9), temos a apresentação da ordem básica $P \rightarrow Q$, em que o antecedente *há uma baixa pressão sobre a Irlanda* é anterior ao conseqüente *o mau tempo está vindo em nossa direção*. Por outro lado, em (10), temos a ordem não-básica, pois o conseqüente *Um concerto para piano foi removido do programa* é apresentado antes do antecedente *porque o solista Anthony di Bonaventura ficou gravemente doente*. Nesses casos, a temporalidade marca a relação entre o antecedente e o conseqüente.

A última operação é a *Polaridade*, que pode ser positiva ou negativa. Uma relação é positiva se os dois segmentos discursivos, antecedente e conseqüente, funcionam diretamente na operação básica. Uma relação é considerada negativa no caso de as contrapartes negativas dos segmentos funcionarem na operação básica, conforme a primeira abordagem. As relações pressupostas nos exemplos (11) e (12) têm polaridade positiva e negativa, respectivamente:

(11) *Because he had political experience, he was elected president.*

‘*Porque ele tinha experiência política, ele foi eleito presidente*’.

(12) *Although he didn't have any political experience, he was elected president.*

‘*Embora ele não tenha nenhuma experiência política, ele foi eleito presidente*’.

Sanders, Spooren e Noordman (1992, p. 10)

Em (11), a informação nos segmentos *ele tinha experiência política* e *ele foi eleito presidente* apresenta uma polaridade de natureza positiva, pois os dois eventos são declarações afirmativas. Em (12), por sua vez, o primeiro segmento, *não ter nenhuma experiência política*, expressa a negação do conseqüente na operação básica, *ele foi eleito presidente*. Desse modo, se pelo menos um dos eventos possui polaridade negativa, toda a operação tem polaridade negativa. Então, a polaridade é positiva no caso de (11) e negativa no caso de (12).

A combinação das quatro operações primitivas cognitivas determina o tipo de relação de coerência entre os segmentos. Por exemplo, em (11), as operações primitivas tomam os valores: + causal, + semântica, + ordem básica e + polaridade, uma combinação que constitui uma relação de causa e consequência prototípica. Já em (12), as operações primitivas tomam os valores: +causal +semântica +ordem básica e – polaridade. A proposta de Sanders, Spooren e Noordman (1992) considera o papel da intuição do falante e de seu(s) interlocutor(es) sobre as formas de relacionar os segmentos no contexto discursivo. Logo, a pesquisa sobre a relação de coerência com foco nas construções causais desempenha um papel fundamental na compreensão do processamento semântico-cognitivo da causalidade na mente humana a partir da cena enunciativa e dos agentes envolvidos nessa cena.

Em relação ao processamento das relações de causalidade, a hipótese de Noordman e Blijzer (2000) é a de que as sentenças que refletem mais diretamente uma relação de causalidade no mundo real e em sua representação cognitiva dessa situação são mais facilmente entendidas e produzidas do que as demais relações de causalidade, como as epistêmicas, por exemplo. Os pesquisadores consideram que o processamento da compreensão da informação relaciona-se à forma com que os leitores constroem a representação dessa informação no mundo e no interior do discurso, a partir da coerência entre as sentenças, as quais estão relacionadas uma à outra, ou seja, à realização da causalidade no mundo, em que a causa precede a consequência em uma leitura temporal. Segundo os autores, essa representação pode estar relacionada com o mundo em termos de condições de verdade, de possibilidade e de plausibilidade.

Os pesquisadores defendem que a causalidade de conteúdo ou real exige um menor esforço cognitivo, uma vez que essas relações são facilmente processadas, pois podem ser aferidas. Por outro lado, as relações de causalidade epistêmicas são mais complexas, tendo em vista que, segundo os autores, uma relação epistêmica pressupõe uma relação de conteúdo. Os exemplos fornecidos pelos autores e reproduzidos em (13) e em (14) a seguir ilustram essa distinção:

(13) *Because John worked hard, he passed the exam.*

‘Porque João trabalhou duro, ele passou na prova’.

(14) *Because John passed the exam, he must have worked hard.*

‘Porque João passou na prova, ele deve ter trabalhado duro’.

Noordman e Blijzer (2000, p. 37)

Em (13), temos uma relação de causalidade de conteúdo construída entre dois eventos que descrevem duas situações do mundo real: *João trabalhou duro* e *ele passou na prova*. No caso de (14), a relação de causalidade epistêmica é estabelecida a partir do conhecimento do falante de que *João passou na prova*, o que o leva à conclusão de que *ele deve ter trabalhado duro*. Assim, em (14), há uma inferência produzida pela relação de conteúdo já existente e conhecida pelo falante entre *trabalhar duro* e *passar na prova*. Desse modo, Noordman e Blijzer (2000, p. 38) declaram que “as relações epistêmicas expressam causalidade do mundo real de uma maneira menos direta”.⁴⁴ Por isso, eles argumentam que “o processamento de uma relação epistêmica requer mais tempo do que o processamento de uma relação de causalidade de conteúdo”.⁴⁵

Ainda sob o espectro semântico, Sanders e Sweetser (2009), em uma análise translinguística a partir do inglês, holandês, francês e alemão, asseveram que as línguas humanas possuem modos particulares de expressarem os domínios de causalidade, por meio de marcas específicas. Por exemplo, no caso dos conectivos causais, os autores afirmam que há a ideia de que cada conectivo está relacionado a um modelo conceptual específico de causalidade. Ressaltam ainda que esses contrastes entre as línguas nos permitem examinar as restrições na conceptualização e na marcação das relações causais.

No caso do inglês, os autores relatam que as relações causais (causa-consequência) podem ser expressas pelo conectivo *because* ‘porque’, o qual pode ser usado para expressar todas as interpretações causais, enquanto o conectivo *since* ‘desde que’ parece especificar usos epistêmicos e de atos de fala. Eles explicam que comportamentos similares têm sido observados nos conectivos do alemão, francês e holandês, apesar de essas línguas possuírem um repertório maior de conectivos do que o inglês.

Desse modo, os autores relacionam as distinções nos domínios de conteúdo, epistêmico e de atos de fala a uma escala de subjetividade a partir do grau de

⁴⁴ Tradução nossa. Original: “*Epistemic relations express real-world causality in a less direct way*”. (NOORDMAN; BLIJZER, 2000, p. 38).

⁴⁵ Tradução nossa. Original: “[...] *processing an epistemic relation requires more time than processing a content relation*”. (NOORDMAN; BLIJZER, 2000, p. 38).

envolvimento do falante na cena causal.⁴⁶ Essa escala é definida por Sanders e Sweetser (2009, p. 4) como um *continuum* em que as relações de conteúdo do tipo causa-consequência são o máximo objetivas, enquanto as relações epistêmicas são definidas como muito subjetivas. Eles postulam também que as relações causais volitivas do tipo “relação-MOTIVO”, como em *João queria sair. Ele estava cansado*, possuem uma posição intermediária.

Seguindo essa proposta, Sanders *et al.* (2009) abordam a causalidade sob o espectro da objetividade/subjetividade entre o falante e o *sujeito de consciência (SdC)* presente nos conectivos causais do holandês.⁴⁷ Nesse trabalho, os autores desenvolvem a noção de rede de espaços comunicativos básicos (*basic communicative spaces network – BCSN*), definida como uma rede conceptual de espaços mentais que representa de modo mais abrangente a cena enunciativa. Nessa rede, os autores classificam os seguintes espaços, com base nos níveis de interpretação semântico-pragmático das relações de causalidade propostos por Sweetser (1990):

- (a) *Espaço de Conteúdo* – espaço que indica os conteúdos que o falante enuncia, subdividido em dois: *Espaço de Conteúdo Volitivo* e *Espaço de Conteúdo Não-Volitivo*;
- (b) *Espaço Epistêmico* – espaço que indica os estados mentais do falante; e
- (c) *Espaço de Ato de Fala* – espaço referente ao tipo de cena enunciativa que ocorre no momento e os atos de fala que os acompanham.

Esses espaços representam as estruturas básicas que ocorrem no momento de interação comunicativa. Nesse contexto, os conectivos causais do holandês *dus* ‘então’, *daarom* ‘portanto’ e *daardoor* ‘assim’ são analisados por Sanders *et al.* (2009) com base na escala do grau de objetividade/subjetividade. Os exemplos discutidos pelos autores estão reproduzidos entre (15) a (18):

⁴⁶Sanders *et al.* (2009) esclarecem que a escala de subjetividade nos domínios de conteúdo, epistêmico e de atos de fala foi introduzida por Pander Maat e Degand (2001).

⁴⁷Sanders *et al.* (2009) explicam que a noção de objetividade/subjetividade foi inicialmente proposta por Langacker (1990, *apud* Sanders *et al.*, 2009), o qual se baseia na forma como o falante constrói na mente o quadro enunciativo. Assim, quanto mais próximos o falante e o sujeito de consciência (SdC) – aquele que é o protagonista da relação causal – estiverem, mais subjetiva é a relação.

(15) *Het licht bij buren was uit. DUS ze waren niet thuis.*

‘As luzes dos vizinhos estavam apagadas. ENTÃO, eles não estavam em casa’.

Sanders *et al.* (2009, p. 23).

No exemplo (15), *dus* evidencia uma relação entre um estado de coisas no mundo e uma suposição à qual o falante chegou, a qual é interpretada no Espaço Epistêmico. O *SdC* implícito é o próprio falante. Desse modo, Sanders *et al.* (2009) postulam que *dus* se caracteriza como o mais subjetivo dentre os conectivos causais do holandês.

(16) *Er is koffie en thee. DUS wat wil je?*

‘Tem café e chá. ENTÃO, o que você quer?’

Sanders *et al.* (2009, p. 30).

Já em (16), o enunciado refere-se ao exato momento presente no centro dêitico de comunicação, com ambos os interlocutores presentes. A relação causal é construída com o Espaço de Ato de Fala. Nesse caso, o falante está implícito. Porém, como a situação se dá no Espaço de Ato de Fala, o falante é menos implícito do que no exemplo (15).

(17) *Het was een warme dag. DAAROM ging Jan zwemmen.*

‘pFoi um dia quente. qPORTANTO, Jan foi nadar.’

Sanders *et al.* (2009, p. 32).

O exemplo (17) apresenta um sujeito explícito, *Jan*, que realiza um ato volitivo. Assim, a relação causal é representada no Espaço de Conteúdo Volitivo. O falante deixa claro que *Jan* é o sujeito responsável pela relação de causalidade construída entre a causa P, *Foi um dia quente*, e a ação Q, *Jan foi nadar*. Dessa forma, *daarom* é menos subjetivo do que *dus*, já que promove uma distância entre o falante e o sujeito de consciência.

(18) *De zon scheen. DAARDOOR steeg de temperatuur.*

‘O sol estava brilhando. ASSIM, a temperatura subiu.’

Sanders *et al.* (2009, p. 50).

No exemplo (18), por sua vez, a relação causal é construída no Espaço do Conteúdo Não-Volitivo, pois não há um sujeito de consciência envolvido. Por essa razão, a relação de causalidade é realizada com o conectivo *daardoor*, o mais objetivo dos conectivos causais do holandês, pois é o que representa a relação de causalidade que mais se distancia do falante.

Considerando esses fatos a respeito do holandês, a proposta de Sanders *et al.* (2009) sobre as relações de causalidade permite analisar os processos cognitivos associados a cada um dos conectivos causais dessa língua a partir da noção de objetividade/subjetividade e dos espaços mentais criados nesse processo em uma perspectiva semântico-pragmática.

A análise e a descrição que desenvolvemos para as relações de causalidade em Libras se baseia nos aspectos semânticos discutidos nesta seção, reinterpretados e sintetizados no quadro 16:

Quadro 16 – Categorias de análise semântica das relações de causalidade

CATEGORIAS/ AUTORES	CAUSALIDADE CONTEÚDO	CAUSALIDADE EPISTÊMICA	CAUSALIDADE ATOS DE FALA
Sweetser (1990)	icônica/ não icônica	icônica/ não icônica	icônica/ não icônica
Sanders, Spooren e Noordman (1992)	+semântica ±polaridade	+pragmática ±polaridade	+pragmática ±polaridade
Sanders e Sweetser (2009) Sanders <i>et al.</i> (2009)	objetiva/subjetiva	objetiva/subjetiva	objetiva/subjetiva

Fonte: a pesquisadora.

Com relação ao trabalho de Sweetser (1990), além da própria formulação dos três domínios – conteúdo/real, epistêmico e atos de fala –, selecionamos a identificação da apresentação da ordem de apresentação dos eventos: icônica (causa-consequência) ou não icônica (consequência-causa). Já em Sanders, Spooren e Noordman (1992), optamos por analisar duas das quatro operações das relações de coerência, a saber: (i) a fonte de coerência, semântica ou pragmática e (ii) a polaridade, positiva ou negativa, uma vez que as demais operações, que tratam da ordem, já estão contidas na análise em Sweetser (1990). Por fim, em Sanders e Sweetser (2009) e Sanders *et al.* (2009), focalizamos os graus de objetividade/subjetividade entre o falante e o sujeito de

consciência, dispostos nos espaços mentais de conteúdo/real, epistêmico e de atos de fala.

5.2 CAUSALIDADE DE CONTEÚDO (OU REAL) EM LIBRAS

O domínio de conteúdo marca a causalidade entre eventos no mundo real, segundo Sweetser (1990). Nesse domínio, é estabelecida uma relação temporal entre a causa e a consequência, em que um evento P causa um evento Q e a relação de causalidade ocorre mediante o nexos semântico entre P e Q.

Conforme a revisão bibliográfica apresentada na seção anterior, a sequência temporal da causalidade está subordinada à escolha que o falante faz da apresentação dos fatos, a qual reflete a distribuição da informação e a percepção dos eventos em uma perspectiva semântico-cognitiva. Em Libras, é possível identificar o uso da sequência temporal na expressão da relação de causalidade de conteúdo nos exemplos a seguir, já apresentados no capítulo anterior:



(19)[_PHOMEM BEBER BEBIDA] [_QCARRO-BATER.]
'O homem bebeu; o carro bateu'.

Em (19), a relação de causalidade é expressa por meio da sequência temporal entre *homem beber* e *o carro bater*. Também, no exemplo em (20), há uma estrutura bastante semelhante à do exemplo (19):



(20)[_PHOMEM CARRO BEBER] [_QCARRO-BATER.]
 ‘O homem bebeu; o carro bateu’.

No dado (20), podemos notar que o colaborador infere, a partir de seu conhecimento enciclopédico, que a ingestão de bebida e direção são a causa da batida do carro. Em (19) e em (20), os colaboradores produzem uma relação icônica de causalidade (SWEETSER, 1990), com a apresentação da causa e, posteriormente, da consequência. Porém, não há o uso de qualquer sinal manual referente ao conectivo e a relação causal se dá por meio de um processo de justaposição – possibilidade essa já salientada por Sanders, Spooren e Noordman (1992) –, em que há uma relação lógica de valor de verdade na implicatura entre *o homem beber* e *o carro bater*.

Ainda na perspectiva de Sanders, Spooren e Noordman (1992), identificamos que as operações primitivas em (19) e (20) tomam os valores: + semântico, uma vez que o conteúdo dos eventos está relacionado e há coerência entre os eventos *o homem beber* e *o carro bater*; e + polaridade: a relação entre os eventos é de natureza positiva. Essa combinação determina a coerência entre os eventos P e Q, que constitui uma relação de causalidade de conteúdo.

Sobre a objetividade/subjetividade entre falante e sujeito de consciência (SANDERS e SWEETSER, 2009; SANDERS *et al.*, 2009), nas sequências (19) e (20), trata-se de uma relação causal objetiva, construída no espaço de conteúdo não volitivo. Nos dois casos, o sinal HOMEM é uma referência objetivamente construída para identificar o participante do evento, que é o sujeito sintático.

No exemplo (21) a seguir, reproduzido do capítulo 4, identificamos uma construção semanticamente semelhante à realizada em (19) e em (20), uma vez que se trata da mesma situação, porém com uma estrutura sintática diferente, com o uso de um conectivo:



(21)[_QCARRO CARRO-BATER] [_PPORQUE IX [el@] BEBER.]
 ‘O carro bateu porque ele [o homem] bebeu’.

Em (21), o evento Q *CARRO-BATER* é uma consequência da causa P *PORQUE IX [EL@] BEBER*. Nesse caso, o estabelecimento da relação de causalidade ocorre sob um espaço temporal não icônico (SWEETSER, 1990), com a ordem consequência-causa. Aqui a relação causal foi construída com o uso do sinal manual *PORQUE* como introdutor da causa, confirmando a análise de Sweetser, segundo a qual a presença do conectivo é suficiente para denotar a causalidade, independentemente da ordem entre o antecedente e o consequente.

No caso das operações primitivas (SANDERS, SPOOREN e NOORDMAN, 1992), em (21), essas tomam os valores: + semântico, uma vez que o conteúdo dos eventos P e Q está relacionado à sua realização no mundo real: *carro bater* e *antes beber*; e + polaridade, tendo em vista que a relação entre os eventos é de natureza positiva. Vemos, assim, que essas operações denotam a coerência da relação de causalidade apresentada em (21).

No que diz respeito ao grau de envolvimento entre o falante e o sujeito de consciência (SANDERS e SWEETSER, 2009; SANDERS *et al.*, 2009), a colaboradora se utiliza de um sujeito sintático, identificado pelo uso do sinal de terceira pessoa em Libras, o qual indica uma relação causal objetiva produzida no espaço de conteúdo não volitivo.

Desse modo, os exemplos em (19), (20) e (21) indicam que a causalidade de conteúdo é uma relação identificada como eventos no mundo real (SWEETSER, 1990, p. 113).

Outro contexto em que se evidencia a realização da ordem de causa-consequência na relação de causalidade de conteúdo em Libras pode ser identificado nas construções

com o uso do conectivo DEPOIS, em uma sequência temporal, como vemos nos dados em (22) e (23), também apresentados no capítulo anterior:



(22) _____sf _____sf
 [p]HOMEM COMER-MUITO DIFERENTE FRANGO SANDUÍCHE COMER DIFERENTE
 _____sl _____sf

CHEIO COMER] [q]DEPOIS ESTÔMAGO DOR-MUITO.]

‘O homem comeu muito várias coisas diferentes - frango, sanduíche, comidas diferentes - depois ficou com muita dor de estômago’.



(23) _____sf _____sl _____sf
 [p]COMER-MUITO] [q]DEPOIS HORAS DOR-MUITO ESTÔMAGO.]

‘[Pessoa] comeu muito depois de horas ficou com dor de estômago’.

O sinal manual DEPOIS representa um conectivo temporal, que estabelece uma ordem icônica de causalidade (SWEETSER, 1990), uma vez que há a indicação inicial de uma causa, *COMER-MUITO*, nos exemplos (22) e (23), e de uma consequência, *DEPOIS ESTÔMAGO DOR-MUITO* e *DEPOIS HORAS DOR ESTÔMAGO*, respectivamente. Notamos que a configuração semântica para expressar a causalidade é bastante semelhante entre esses exemplos. Uma possível explicação, nesses casos, é o fato de a imagem-base vir em

uma sequência de ações, o que, provavelmente, levou as colaboradoras a produzirem uma série temporal de apresentação dos fatos por elas identificados.

Além disso, em (22) e (23), ao considerarmos a visão de Sanders, Spooren e Noordman (1992) sobre as operações primitivas, obtivemos os seguintes resultados: + semântica: o conteúdo dos eventos está relacionado no mundo real: *comer muito* e *dor de estômago*; e + polaridade: a relação entre os eventos é de natureza positiva. Há, portanto, coerência e relação lógica de valor de verdade entre os eventos *comer muito* e *dor de estômago*, as quais constituem uma relação de causalidade de conteúdo.

Por fim, sobre o grau de envolvimento do sujeito de consciência, conforme Sanders e Sweetser (2009) e Sanders *et al.* (2009), identificamos semelhanças em (22) e (23). Ambas são construídas com um sujeito de consciência objetivo. Em (22), vemos um espaço de conteúdo não volitivo: com a presença de um sujeito consciente a partir do uso do sinal manual HOMEM como sujeito sintático. Em (23), há também uma relação causal objetiva não-volitiva, porém a colaboradora não apresenta um sujeito sintático em sua produção linguística.

Apresentamos, no Quadro 17, uma síntese dos resultados identificados sobre a causalidade de conteúdo (ou real) em Libras, conforme a fundamentação disposta em Sweetser (1990), em Sanders, Spooren e Noordman (1992) e em Sanders e Sweetser (2009) e Sanders *et al.* (2009):

Quadro 17 – Categorias semânticas nos dados de causalidade de conteúdo (real)

(19) icônica (sem conectivo manual); +semântica; +polaridade; objetiva.
(20) icônica (sem conectivo manual); +semântica; +polaridade; objetiva.
(21) não icônica (com conectivo manual causal); +semântica; +polaridade; objetiva.
(22) icônica (com conectivo manual temporal); +semântica; +polaridade; objetiva.
(23) icônica (com conectivo manual temporal); +semântica; +polaridade; objetiva.

Fonte: a pesquisadora.

No quadro 17, segundo os dados dispostos de (19) a (23) de nosso *corpus*, identificamos que, em Libras, a ordem entre os eventos, de natureza objetiva, tende a ser icônica (causa-consequência) quando o conectivo causal não está expresso. Quanto às relações de coerência, essas ocorrências apresentaram o mesmo padrão (mais semânticas e com polaridade positiva), assim como com relação à expressão do sujeito de consciência

(objetivas). Desse modo, como já examinado em diversas línguas naturais, as produções listadas de (19) a (23) são uma evidência de que a causalidade de conteúdo ou real em Libras marca a correlação de causalidade direta entre os conteúdos de dois eventos, especialmente caracterizadas por ocorrerem em um nível semântico e apresentarem os fatos de maneira objetiva.

5.3 CAUSALIDADE EPISTÊMICA EM LIBRAS

A causalidade epistêmica presume que o conhecimento que o falante tem de um fato pode produzir uma conclusão (SWEETSER, 1990). Nesse caso, a relação de causalidade é pressuposta e articulada por meio do conhecimento de mundo e das crenças do próprio falante.

Em Libras, a causalidade do tipo epistêmica foi identificada em nosso *corpus*, conforme demonstram os exemplos de (24) a (26) a seguir, extraídos do segundo experimento de eliciação de sentenças, construído especialmente para a identificação dessa categoria semântica, visto que, na produção espontânea realizada na primeira eliciação de sentenças a partir de imagens, não houve produção de sentenças epistêmicas. Essa dificuldade decorre do fato, apontado por Noordman e Blijzer (2000) – cf. seção 5.1 –, de que as sentenças que não refletem de modo mais direto uma relação de causalidade no mundo real e em sua representação cognitiva dessa situação são mais difíceis de serem entendidas e produzidas. Isso também ficou evidente porque, em apenas uma das quatro produções das sentenças eliciadas, pudemos identificar construções do tipo causalidade epistêmica, como as que apresentamos nos dados a seguir.

Em (24), o colaborador infere que há um homem na casa, visto que as luzes e a televisão estão ligadas:



(24)[_QENTÃO⁴⁸ PESSOA CASA DENTRO J-O-Ã-O TER VIVER TER] [_PPORQUE LUZ APONTAR TELEVISÃO-ASSISTIR]
 ‘João está em casa porque as luzes estão acesas e ele está assistindo televisão’.

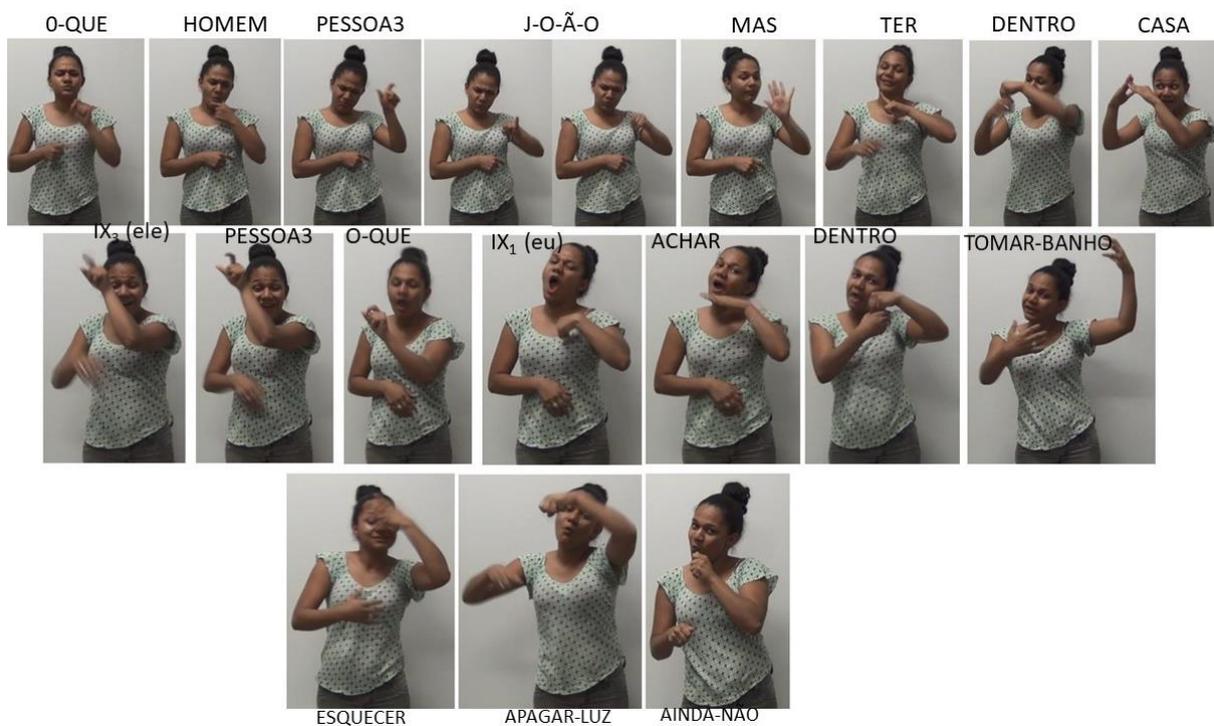
Em (24), há uma relação de causalidade epistêmica não icônica (SWEETSER, 1990). Nesse caso, o sinal manual PORQUE introduz a crença do falante sobre João estar em casa: *porque as luzes estão acesas e ele está assistindo televisão*. Notamos que a relação construída surge de uma suposição do colaborador.

No caso das operações primitivas (SANDERS, SPOOREN e NOORDMAN, 1992) em (24), as quais denotam a coerência da relação causal entre *João estar em casa*, de um lado, e *luzes estarem acesas e João assistir televisão*, de outro lado, atribuímos os valores: + pragmático, pois se relaciona ao ato ilocucionário proveniente da crença do falante de que João está em casa por causa do estado identificado na casa, que tinha luzes acesas e televisão ligada; e + polaridade, tendo em vista que a relação entre os eventos é de natureza positiva.

No que diz respeito ao grau de envolvimento do sujeito de consciência (SANDERS e SWEETSER, 2009; SANDERS *et al.*, 2009), há um espaço epistêmico subjetivo em (24), uma vez que o falante, por meio de uma suposição, indica um sujeito sintático representado pelo sinal PESSOA e pela soletração manual do nome J-O-Ã-O em Libras, o qual é participante do evento Q ao qual a causa P se relaciona.

Em (25) e (26) a seguir, há construções semelhantes à realizada em (24), porém essas são construções justapostas, sem conectivos, e a relação de causalidade é identificada unicamente por inferência.

⁴⁸ O sinal ENTÃO, nesse caso, é um marcador discursivo e não um conectivo.



(25) [pO-QUE HOMEM PESSOA3 J-O-Ã-O MAS TER DENTRO CASA IX₃ (ele) PESSOA3] [qO-QUE IX₁ (eu) ACHAR DENTRO TOMAR-BANHO ESQUECER APAGAR-LUZ AINDA-NÃO.]

‘João está em casa. Eu acho que ele deve estar tomando banho e esqueceu de apagar as luzes’.



(26) [pPESSOA VIVER J-O-Ã-O] [qLUZ TELEVISÃO LIGAR COISA ENTÃO.]

“João está [em casa]; as luzes estão acesas e a televisão está ligada”.

No caso de (25), a colaboradora da pesquisa produz uma relação de causalidade não icônica (SWEETSER, 1990) entre *João estar em casa* e *luzes estarem acesas* e *João*

estar no banho. Vemos que não há uma relação direta entre *João estar em casa* e *as luzes estarem ligadas*, de modo que ela é que estabelece essa correlação e ainda acrescenta o fato, não identificado por meio das imagens apresentadas no experimento, *de João estar no banho*. Trata-se, portanto, de uma crença e, por isso, a relação de causalidade construída é do tipo epistêmica, em que a colaboradora é, também, o sujeito de consciência: ainda que o exemplo em (25) apresente o uso dos sinais manuais de PESSOA, HOMEM e da soletração manual de J-O-Ã-O, que indicam a presença de sujeito sintático explícito, o emprego do sinal IX₁ (eu) revela o grau de subjetividade da construção, em que a colaboradora emite a sua opinião, caracterizando-se a construção como um exemplo de espaço causal epistêmico subjetivo (SANDERS e SWEETSER, 2009; SANDERS *et al.*, 2009). Em relação aos valores das operações primitivas (SANDERS, SPOOREN e NOORDMAN, 1992), (25) apresenta-se como uma relação + pragmática, uma vez que o conteúdo dos eventos é advindo da inferência da colaboradora sobre a presença de João na casa mediante a possibilidade de ele estar tomando banho por causa de as luzes estarem acesas; e + polaridade, tendo em vista que os eventos em P e em Q são positivos.

No dado em (26), a relação de causalidade epistêmica ocorre por intermédio de uma construção justaposta entre *João estar em casa* e *luzes acesas e televisão ligada*. A ordem dos elementos é não icônica (SWEETSER, 1990) e os eventos não estão relacionados por meio de qualquer conectivo do tipo conjunção. Trata-se de uma crença do falante, realizada mediante um raciocínio lógico, uma vez que não há uma causa direta entre *João estar em casa* e *luzes e televisão ligadas*. Em relação aos valores das operações primitivas nas relações de coerência (SANDERS, SPOOREN e NOORDMAN, 1992) veiculadas em (26), identificamos: + pragmático, uma vez que o conteúdo dos eventos está relacionado ao ato ilocucionário de que, por suposição do falante, João está em casa por causa da situação identificada nas imagens – luzes e televisão ligadas; e + polaridade, pois ambos os eventos são positivos. Quanto ao grau de envolvimento do falante, temos um espaço causal epistêmico subjetivo (SANDERS e SWEETSER, 2009; SANDERS *et al.*, 2009), pois o falante apresenta suposições sobre a presença de João em casa, sendo o sujeito sintático identificado pelo sinal PESSOA e pela soletração manual do nome J-O-Ã-O em Libras.

Assim, os resultados gerais da realização da causalidade epistêmica em Libras, segundo esses dados de (24) a (26) extraídos de nosso *corpus*, podem ser visualizados no quadro 18:

Quadro 18 – Categorias semânticas nos dados de causalidade epistêmica

(24) não icônica (com conectivo manual causal); +pragmática; +polaridade; subjetiva.
(25) não icônica (sem conectivo manual); +pragmática; +polaridade; subjetiva.
(26) não icônica (sem conectivo manual); +pragmática; +polaridade; subjetiva.

Fonte: a pesquisadora.

No quadro 18, identificamos uma tendência para o uso da ordem não icônica (consequência-causa), mesmo na presença do conectivo manual. Uma hipótese para esse resultado tem a ver com o fato de a pergunta ter influenciado essa não iconicidade com a produção de sentenças do tipo tópico-comentário. Sendo assim, uma vez que a pergunta é *Como você sabe que o João está em casa?*, *João está em casa* é informação dada e, portanto, é natural que as respostas trouxessem essa informação como tópico (em primeira posição), *João está em casa porque as luzes estão acesas*. Já sobre as relações de coerência, vemos um padrão em todos os casos, a saber: +pragmática; e +polaridade. Sobre o grau de envolvimento do sujeito de consciência, há uma participação subjetiva do colaborador em todos os três casos, já que ele é o responsável por estabelecer a inferência entre o fato de as luzes estarem acesas e a possibilidade (ou não) de João estar em casa.

5.4 CAUSALIDADE DE ATOS DE FALA EM LIBRAS

A principal característica da relação de causalidade de atos de fala, como apresentado na seção 5.1 com base em Sweetser (1990), é a de estabelecer uma conjectura, de natureza causal, entre atos de fala propriamente ditos. O objetivo é convencer o interlocutor a respeito de uma causa apresentada como uma conclusão ou explicação. Por isso, a causalidade de atos de fala ocorre mais frequentemente em contextos comunicativos e em situações dialógicas.

Em Libras, a causalidade de atos de fala pode ser identificada em contextos de diálogos argumentativos, como os encontrados em nosso *corpus* com as discussões

sobre a aprovação ou não de leis que regulamentem o aborto e a maioria penal, por exemplo. Nesses contextos, cujos resultados de excertos dos diálogos são ilustrados nos exemplos a seguir, estão presentes uma explicação ou uma justificação para a defesa de argumentos, como no caso do exemplo (27), em que o falante argumenta com a sua interlocutora sobre porque ela não deve aceitar o aborto:



- (27) [pSE IX₂ (você) ENTÃO EXEMPLO ENTÃO ACEITAR CONCORDAR] [qFUTURO IX₂ (você) AZAR] s/n
 [qFUTURO IX₂ (você) AZAR] s/n
 SE TROCAR SUA FILH@ CRESCER IX₃ (el@) PODER ABORTAR.] s/n
 ‘Por exemplo, se você aceita, concorda e futuramente por azar se deparar com sua filha nessa situação, então ela poderá abortar?’

Em (27), a relação de causalidade de atos de fala é realizada por meio de uma estrutura condicional icônica (SWEETSER, 1990), a qual apoia o raciocínio do falante contra o aborto e estabelece a relação causal entre o antecedente – *concordar com o aborto* – e um possível consequente – *no futuro, uma filha da interlocutora poder praticar o aborto*. Em termos formais, vemos a utilização do conectivo condicional SE. Assim, o evento em P *SE VOCÊ ENTÃO EXEMPLO ENTÃO ACEITAR CONCORDAR* explica a defesa do evento em Q *FUTURO VOCÊ AZAR SE TROCAR SUA FILH@ CRESCER EL@ PODER ABORTAR*. O falante sustenta a argumentação contra o aborto mediante a exemplificação da possibilidade de que a sua interlocutora poderia encontrar no futuro uma situação em que um membro muito próximo do seio familiar dela praticasse o aborto. Trata-se de

um raciocínio lógico empregado como causa ou explicação. Notamos, porém, que o ato de fala em Q não representa uma causa direta do evento em P.

Já no caso das operações primitivas (SANDERS, SPOOREN e NOORDMAN, 1992) veiculadas em (27), identificamos os seguintes valores: + pragmático, pois o significado ilocucionário proveniente da condição afirmada pelo colaborador de que *futuramente por azar se depara com sua filha nessa situação, então ela poderá abortar* é referente ao estado em P *concordar com o aborto*; e + polaridade, tendo em vista que os eventos P e Q são positivos.

Ainda nesse exemplo em (27), identificamos que, por se tratar de uma relação entre atos de fala, temos um espaço causal do tipo subjetivo (SANDERS e SWEETSER, 2009; SANDERS *et al.*, 2009), em que o colaborador, enquanto o sujeito de consciência, apresenta um elevado grau de envolvimento com a produção do enunciado, pois procura convencer a interlocutora dos argumentos apresentados, inclusive dirigindo-se diretamente a ela, por meio do sinal manual VOCÊ como sujeito sintático.

No exemplo (28) a seguir, o falante argumenta sobre a provável causa de sua interlocutora aceitar o aborto:



_____sl/lq
 (28)[_QPORQUE IX₂ (você) ACEITAR IX₃ (eles) PESSOA CONCORDAR ABORTAR]
 [_PPOR-CAUSA IX₃ (eles) PESSOA GERAL INFLUENCIAR IX₂ (você) ACEITAR
 ACREDITAR GERAL.]
 ‘Você aceita e concorda com o aborto porque as pessoas em geral te influenciaram’.

Nesse exemplo, identificamos uma ordem não icônica (SWEETSER, 1990), em que a causa *pessoas influenciarem* é a explicação posterior ao ato de fala contido em Q *aceitar o aborto*. Vemos que não há uma implicação de causa direta entre os eventos em P e Q, pois o fato de a interlocutora concordar com o aborto pode não ter sido causado pela influência de outras pessoas. Trata-se, novamente, de um raciocínio lógico

utilizado pelo falante para convencer a sua interlocutora de que ela deve mudar de opinião sobre a aceitação do ato de abortar. Além disso, em termos formais, vemos o uso do conectivo POR-CAUSA que explicita essa relação causal. Desse modo, nessa relação de causalidade de atos de fala, assim como na epistêmica, um evento não necessariamente acarreta o outro evento.

A respeito das operações primitivas de coerência, conforme introduzidas por Sanders, Spooren e Noordman (1992), em (28), identificamos os seguintes valores: + pragmático e + polaridade. É um contexto + pragmático porque o fato de a interlocutora concordar com o aborto, situação referida em Q, não é a causa direta da situação referida em P *porque as pessoas em geral te influenciaram*, mas diz respeito a uma afirmação e inferência do falante sobre sua interlocutora aceitar o aborto. Assim, a interpretação pragmática é resultado do significado ilocucionário da situação apresentada. Sobre a polaridade, ambos os eventos são de natureza positiva.

Assim como em (27), em (28), temos um elevado grau de subjetividade do sujeito de consciência (SANDERS e SWEETSER (2009) e SANDERS *et al.* (2009)), o colaborador, que recorre à mesma estratégia argumentativa de vincular a interlocutora ao discurso, por meio do uso de um sinal manual VOCÊ como sujeito sintático.

A seguir, em (29), quando a colaboradora da pesquisa defende a sua ideia de praticar o aborto e o seu interlocutor não aceita a sua decisão, ela apresenta o seguinte argumento, o qual se configura em uma relação de causalidade de atos de fala:



(29)^{sl}[_QPOR-CAUSA IX₁ (eu) TER MUIT@ DIFÍCIL POR-CAUSA DINHEIRO QUERER]

^{sl}[_PIX₁ (eu) RÁPIDO ABORTAR.]

‘Porque eu tenho muita dificuldade financeira, penso que rapidamente vou querer abortar’.

Em (29), o ato de fala contido em Q, o qual reflete a decisão de abortar, justifica a conexão com a explicação usada como causa em P, tornando a possível grande dificuldade financeira como um argumento forte para essa tomada de decisão. Nessa situação, a colaboradora utiliza a relação de causalidade de atos de fala icônica (SWEETSER, 1990), com a apresentação inicialmente da causa por meio do conectivo POR-CAUSA. Notamos que, mais uma vez, a causa (motivo/razão) apresentada não implica diretamente a realização do aborto.

Identificamos, a seguir, os valores das operações primitivas (SANDERS, SPOOREN e NOORDMAN, 1992), os quais constituem a coerência das relações de causalidade na sequência veiculada em (29): + pragmática, pois o estado da situação referida em Q, *a falta de dinheiro*, não é a causa do estado da situação referida em P, *querer abortar*; + polaridade, pois, nesse exemplo, ambos os eventos em P e Q são de natureza positiva.

No que se refere à objetividade/subjetividade do sujeito de consciência na sequência em (29), temos um elevado grau de subjetividade da colaboradora, que, inclusive, se identifica no discurso, pelo uso do sinal manual de apontamento e indicador de primeira pessoa IX₁ (EU) como sujeito sintático (SANDERS e SWEETSER, 2009; SANDERS *et al.*, 2009).

Já em (30), o falante contra-argumenta sobre a decisão de sua interlocutora de abortar:



(30) [QMAS IX₁ (eu) ACEITAR-NÃO] [P_____sl q] [PORQUE ENTÃO IX₁ (eu) CORAGEM TER-NÃO.]
 ‘Mas eu não vou aceitar [o aborto], porque eu não tenho coragem’.

O conteúdo da relação de causalidade de atos de fala estabelecida em (30) tem a ver com o argumento do colaborador que o leva a decidir a não aceitar a prática do aborto, uma vez que lhe falta coragem. Há, também, nesse caso, uma causa não diretamente relacionada ao ato de abortar. Vemos uma relação de implicatura não icônica (SWEETSER, 1990), estabelecida por meio do conectivo PORQUE, entre *não aceitar o aborto* e *não ter coragem*. Trata-se, portanto, de uma estratégia argumentativa para sustentar a tese defendida pelo falante.

Ainda em (30), sobre a coerência das operações primitivas, segundo Sanders, Spooren e Noordman (1992), identificamos os valores: + pragmático e – polaridade. A leitura pragmática é proveniente do significado ilocucionário veiculado nos eventos em P e Q, pois a falta de coragem não é a causa direta do ato de abortar, mas uma assertiva para não aceitar o aborto. No caso da polaridade, é negativa, tendo em vista que os dois eventos em P e Q são negativos.

Semelhantemente a (29), em (30), temos um elevado grau de subjetividade do sujeito de consciência no espaço causal de atos de fala, segundo Sanders e Sweetser (2009) e Sanders *et al.* (2009), assinalado pela inserção do sujeito de consciência no discurso, por meio do uso do sujeito sintático IX (EU).

No dado em (31) a seguir, a colaboradora da pesquisa debate com sua interlocutora sobre a vontade das mulheres de praticar o aborto, em sua opinião:



(31) [Q_____sl _____sl s/n] [POR-CAUSA IX₃ (ela) MULHER VONTADE ABORTAR CERT@]
 [P_____sl] [PORQUE TER-NÃO GOVERNO AJUDAR NADA IX₃ (ele - governo).]
 ‘As mulheres sentem vontade de abortar porque o governo não fornece qualquer ajuda’.

Nesse exemplo, a colaboradora produz a causalidade de atos de fala estabelecendo uma relação indireta entre *a vontade de abortar* e *o governo não ajudar*. Vemos aqui o uso de uma relação não icônica de causalidade, nos termos de Sweetser (1990), com a apresentação da conclusão anteriormente à causa.

No que diz respeito à coerência das operações primitivas, segundo Sanders, Spooren e Noordman (1992), identificamos os valores: + pragmático, uma vez que o conteúdo dos eventos relaciona-se a um ato de fala ilocucionário, em que a falta de ajuda do governo não é a causa direta da situação mencionada em Q, *vontade de abortar*; e – polaridade, uma vez que o evento em P é negativo.

Diferentemente dos dados de (27) a (30), a colaboradora não inclui nem a primeira pessoa nem a segunda pessoa no discurso, de forma que o grau de subjetividade do sujeito de consciência nessa construção decorre mesmo do papel da colaboradora na criação de nexos causais entre os eventos em P e Q (SANDERS e SWEETSER, 2009; SANDERS *et al.*, 2009).

No exemplo (32) a seguir, a colaboradora também argumenta semelhantemente a favor da legalização do aborto. Ela infere que, *a mulher, por não querer e não gostar de estar grávida, pratica o aborto*:



(32)^{sl}[_PMAS PESSOA PORQUE QUERER-NÃO GRAVIDEZ APONTAR (barriga)] [_QENTÃO PARECER

^{sl}IX₁ GOSTAR-NÃO GRAVIDEZ] [_PCOMO ENTÃO GOSTAR-NÃO] [_QIX₃ (ela) QUERER ABORTAR]

“Porque a pessoa não quer engravidar, então parece não gostar de estar grávida, então quer abortar”.

Em (32), há uma relação indireta estabelecida entre *não gostar de estar grávida* e *querer abortar*. Além disso, a relação de causalidade de atos de fala é constituída de forma icônica e explicitada por meio do conectivo causal PORQUE e do conectivo temporal ENTÃO, com a apresentação inicialmente da causa, *não gostar de estar grávida*, e depois de uma conclusão, *querer abortar*.

Também em (32), sobre a coerência das operações primitivas, segundo Sanders, Spooren e Noordman (1992), verificamos os valores: + pragmático, pois o conteúdo dos eventos relaciona-se a um ato de fala ilocucionário, cuja afirmação de *não gostar de estar grávida* não é uma causa direta da situação em *Q de querer abortar*, mas tal significado ilocucionário provém dessa leitura pragmática; e – polaridade, pois o evento P é negativo.

Sobre objetividade/subjectividade do sujeito de consciência, assim como o dado em (31), em (32), identificamos a subjectividade desse sujeito, sem menção à primeira ou à segunda pessoa (SANDERS e SWEETSER, 2009; SANDERS *et al.*, 2009).

Assim, em todos os dados de (27) a (32), é possível identificarmos que, em Libras, são estabelecidas relações de causalidade do tipo atos de fala em contextos dialógicos. Como são produzidas para fins de defesas de teses e opiniões, a causa apresentada, em geral, tem relação indireta com a sua conclusão.

No quadro 19, sintetizamos os principais resultados apresentados nos dados desta seção:

Quadro 19 – Categorias semânticas nos dados de causalidade de atos de fala

(27) icônica (com conectivo manual condicional); +pragmática; +polaridade; subjectiva.
(28) não icônica (com conectivo manual causal); +pragmática; +polaridade; subjectiva.
(29) icônica (com conectivo manual causal); +pragmática; +polaridade; subjectiva.
(30) não icônica (com conectivo manual causal); +pragmática; +polaridade; subjectiva.
(31) não icônica (com conectivo manual causal); + pragmática; -polaridade; subjectiva.
(32) não icônica (com conectivo manual causal); + pragmática; -polaridade; subjectiva.

Fonte: a pesquisadora.

Identificamos no quadro 19, conforme os dados dispostos de (27) a (32) de nosso *corpus*, usos em ambas as ordens icônica, explicitada pelos conectivos manuais SE e POR-CAUSA, e não icônica, explicitada pelos conectivos manuais PORQUE e POR-CAUSA. A presença de conectivos manuais que expressam relações de causalidade de atos de fala em todos os dados apresentados nessa seção parece nos indicar uma grande incidência do uso desses articuladores sintáticos em contextos de diálogos argumentativos. Quanto às relações de coerência, todos os eventos se dão em contextos pragmáticos. Além disso, sobre a polaridade, nos dados de (27) a (30), há uma polaridade positiva, enquanto que, em (31) e (32) a polaridade é negativa, visto que pelo menos um dos eventos é negativo. Sobre o grau de objetividade/subjetividade do sujeito de consciência, esses resultados indicaram que, nas relações de causalidade de atos de fala em Libras, o sujeito de consciência se apresenta de maneira subjetiva, uma vez que há uma tendência à persuasão do interlocutor, o que pode se manifestar por meio de sujeitos sintáticos explícitos.

5.5 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos, seguindo a proposta de Sweetser (1990), uma análise tripartida (domínios de conteúdo (real), epistêmico e de atos de fala) das categorias semânticas da causalidade em Libras encontradas em nosso *corpus*. A investigação evidenciou o caráter complexo dessas estruturas, desde o nível mais real até o nível mais abstrato ou de inferência.

Sobre a realização da causalidade de conteúdo ou real em Libras, nossos dados indicaram que: (i) a ordem entre os eventos é de natureza objetiva e tende a ser icônica (causa-consequência) quando o conectivo causal não está expresso; e (ii) as relações de coerência, nessas ocorrências, apresentaram o mesmo padrão de mais semânticas, visto que se trata de expressar fatos do mundo real, e de polaridade positiva, o que pode ser decorrente dos testes aplicados, em que as imagens (ou mesmo a “História da Pêra”) se constroem sobre fatos ocorridos, com consequências comprováveis, não havendo a possibilidade de expressar eventos negativos; (iii) a expressão da objetividade do sujeito de consciência. Assim, esses dados evidenciam que a causalidade de conteúdo em

Libras é marcada pela correlação de causalidade direta entre os conteúdos de dois eventos, especialmente caracterizadas por ocorrerem em um nível semântico e apresentarem os fatos de maneira objetiva.

Por outro lado, a causalidade epistêmica em Libras é manifestada por meio de conclusões sobre possíveis causas para as situações observadas, as quais, em geral, não possuem relação direta entre si. Em nossos dados, esse tipo de construção apresentou: (i) uma tendência para o uso da ordem não icônica (consequência-causa), mesmo na presença do conectivo manual. Apontamos por hipótese de que esse resultado tem a ver com o fato de a pergunta ter influenciado essa não iconicidade com a produção de sentenças do tipo tópico-comentário; (ii) um alto grau de subjetividade do sujeito de consciência, presente na explicitação do espaço causal epistêmico, pois o colaborador estabeleceu a inferência entre o fato identificado e as possibilidades explicativas (iii) relações de coerência mais pragmáticas, o que é decorrente do fato de o colaborador ter de inferir relações causais a partir das imagens dadas, e de polaridade positiva, o que também pode ter sido resultado do mesmo tipo de viés experimental apresentado no caso da causalidade de conteúdo (ou real).

A causalidade de atos de fala, por sua vez, é identificada em Libras em contextos discursivo-argumentativos, como nos diálogos produzidos para a constituição do nosso *corpus*. Nossos dados revelaram que: (i) assim como na causalidade de conteúdo, ambas as ordens icônica e não icônica estão presentes, porém o nexos causal se deu sistematicamente por meio de conectivos, os quais sustentam mais fortemente a argumentação dos interlocutores. Ressaltamos que a presença de conectivos manuais parece nos indicar uma grande incidência do uso desses articuladores sintáticos em contextos de diálogos argumentativos; (ii) um grau de subjetividade elevado, uma vez que há uma tendência à persuasão do interlocutor, o que pode se manifestar por meio de sujeitos sintáticos explícitos; e (iii) relações de coerência mais pragmáticas, decorrentes de o colaborador selecionar argumentos que, na concepção dele, produzem uma relação de causalidade, e alternância de polaridade positiva e negativa, o que revela que, em situações espontâneas de fala, eventos negativos podem compor relações de causalidade em Libras.

Nessa análise, no entanto, não foi possível identificar em Libras se há conectivos manuais específicos para usos diferenciados nos domínios de conteúdo, epistêmico ou de atos de fala, assim como acontece no holandês, como comprovado por Sanders *et al.*

(2009). Porém, identificamos que o conectivo manual em Libras PORQUE foi utilizado em todos os domínios semânticos. Tal resultado corrobora com a análise de Sweetser (1990) de que o conectivo *porque* parece apresentar um caráter mais prototípico de relações de causalidade nas línguas naturais.

Vale ressaltar que essa proposta tripartida (real, epistêmica e de atos de fala) para a análise semântica das relações de causalidade em Libras abrange as diversas possibilidades de realização dessas construções e não se limita à visão tradicional e dicotômica de tratar a causalidade apenas em termos da diferença entre *causa* e *explicação*, como categorias isoladas. Reconhecemos, assim, a manifestação das relações de causalidade em Libras em seu caráter plural e subjetivo, por meio de diferentes formas de interpretação e expressão semântico-cognitiva nas várias situações comunicativas.

CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

São recentes os estudos sobre orações complexas em línguas de sinais. Por isso, neste trabalho, abordamos as relações de causalidade em orações complexas da Língua Brasileira de Sinais (Libras), com o intuito de contribuir com a descrição gramatical desse fenômeno, por ora ainda pouco investigado.

No capítulo 1, que contém a introdução, apresentamos o conceito de causalidade segundo as abordagens linguísticas. Como proposta de contextualização teórica, partimos de uma base que considera a relação entre *Gramática* e *Conceitualização* na interface sintaxe-semântica, no nível sentencial. Para uma aproximação preliminar do tema, trouxemos estudos já realizados em línguas orais sobre esse fenômeno, notadamente sobre a língua portuguesa, os quais ressaltam que a caracterização da causalidade está atrelada ao nexos semântico estabelecido entre os termos antecedente e o conseqüente, associado às relações sintáticas que se evidenciam na sentença, as quais podem ser explicitadas ou não por meio de conectivos manifestos. Ressaltamos também que essa investigação nas línguas de sinais, sobretudo na Libras, ainda é carente de amplitude e de aprofundamento.

Ainda no capítulo 1, apontamos que um primeiro olhar para essa temática foi lançado por ocasião de nosso estudo no Mestrado (LIMA, 2010), o qual focalizou o uso de conectivos manuais de natureza causal coletados de dicionários de Libras. Os resultados alcançados naquele trabalho apontaram para a necessidade de se investigarem as relações de causalidade em Libras a partir de sua realização em estruturas complexas e coletadas diretamente com usuários nativos da língua. Essa constatação nos motivou a implementar a presente investigação, com o objetivo de responder à pergunta: *Como são realizadas as relações de causalidade nas construções complexas em Língua Brasileira de Sinais?* Com base nessa questão de pesquisa, formulamos nossa hipótese e objetivos. Ao final do capítulo, descrevemos a estrutura da tese.

No capítulo 2, apresentamos os procedimentos metodológicos para a constituição de nosso *corpus*. Detalhamos os processos para: a seleção dos 8 participantes; a organização dos instrumentos da coleta de dados; os procedimentos de filmagem; a anotação dos dados com a utilização do software ELAN e do Identificador de Sinais, ferramenta produzida e disponibilizada gratuitamente pela Universidade Federal de

Santa Catarina (UFSC); e a definição das categorias de análise gramatical e semântica da tese. Destacamos, nesse capítulo, a complexidade envolvida no processo de transcrição de dados de línguas de sinais, as quais ainda não possuem um sistema de escrita amplamente aceito na área. Diante disso, optamos por utilizar no ELAN o sistema de glosas a partir de sinais já reconhecidos pelo Identificador de Sinais da UFSC, por ser vastamente utilizada por transcritores de Libras de todo o Brasil, a fim de garantir maior consistência para a anotação dos sinais de nosso *corpus*.

No capítulo 3, caracterizamos os principais aspectos gramaticais da Língua Brasileira de Sinais relacionados às orações complexas, com foco nas estruturas de causalidade. Para isso, selecionamos trabalhos sobre as expressões não-manuais, os conectivos manuais, a realização de estruturas complexas, particularmente as orações temporais, condicionais e causais. Sobre as expressões não-manuais, as pesquisas apresentadas destacaram que elas exercem funções sintáticas e lexicais, como no caso da direção do olhar, do movimento de sobrancelhas e do levantamento de queixo. Já os conectivos manuais são também encontrados em Libras e cumprem o papel de articuladores oracionais, conforme as pesquisas indicaram. Por fim, na última seção do capítulo, recorreremos a pesquisas sobre outras línguas de sinais, tendo em vista a escassez de estudos sobre Libras, para descrever a realização de orações complexas dos tipos temporais, condicionais e causais. Essas pesquisas evidenciaram o papel de conectivos manuais e expressões não-manuais na articulação oracional de estruturas complexas em línguas de sinais e nos ajudaram a constituir as categorias gramaticais de análise, por meio da identificação de orações com a presença ou não de conectivos manuais, do papel das marcas não-manuais nessas orações e das relações semânticas veiculadas entre os eventos que expressam causa e consequência na Libras.

Nos capítulos 4 e 5, que contêm a nossa proposta de análise e que respondem à questão de pesquisa e as hipóteses lançadas no capítulo 1, investigamos as propriedades gramaticais das relações de causalidade em orações complexas da Libras, com foco nas estruturas morfofonológicas, sintáticas e semânticas.

No capítulo 4, dedicado aos aspectos gramaticais, de natureza morfofonológica e sintática, na primeira seção, nossos dados indicaram que as relações de causalidade em Libras podem ser realizadas em estruturas complexas que se articulam por meio de conectivos temporais (DEPOIS e ENTÃO), condicionais (SE) e causais (PORQUE e PORCAUSA), os quais podem co-ocorrer com marcas não-manuais, tais como o movimento

de levantamento de queixo e de sobrelhas. No caso dos tipos temporais e condicionais, a ordem icônica de causa-consequência foi utilizada para relacionar a causalidade entre os eventos. Argumentamos que isso pode estar relacionado ao fato de os conectivos temporais e condicionais não carregarem lexicalmente as propriedades associadas à interpretação causal, sendo a ordem (causa-consequência) um requisito para se marcar a temporalidade embutida na relação causal. Já nos tipos causais identificamos que há uma alternância de ordem: as orações com o conectivo manual PORQUE apresentaram a ordem não-icônica (consequência-causa) e aquelas com o conectivo POR-CAUSA apresentaram uma alternância de ordens icônica e não-icônica. Explicamos que isso decorre do fato de ambos os conectivos carregarem a semântica de causa, marcando o evento que introduzem como aquele que ocorre antes numa linha cronológica de acontecimentos, além de ser um indício de que os usuários nativos de Libras expressam a causalidade não apenas por meio de uma leitura icônica rigorosa, em que, necessariamente, a causa venha antes da consequência ou conclusão, mas também por meio de uma leitura não icônica, em que a consequência vem antes da causa.

Ainda nessa primeira parte, percebemos nos dados dos tipos temporais e condicionais, de um lado, e causais, de outro lado, uma diferenciação quanto ao uso do espaço de realização dos eventos de causa e consequência, por hipótese vinculadas aos casos em que se trata de relações de causalidade de interpretação factual. Nos tipos causais, notamos que as relações causais, cuja interpretação é factual, tendem a apresentar uma mudança no espaço de sinalização do evento causal e do evento de consequência, o que não se observa em relações causais construídas a partir de outros tipos de sentenças, como as interrogativas ou as proposições que constituem atos de fala (uma propriedade que parece refletir relações cognitivas mais abstratas). Por fim, nessa primeira parte do capítulo 4, que tratou das expressões não-manuais, identificamos que as orações complexas com sentido de causalidade admitem (opcionalmente) que a realização dessas expressões se estenda por ambas as proposições P e Q, e não somente por P (a que expressa a causa), distinguindo-se, assim, das temporais e das condicionais, como proposto por Pfau (2016) para outras línguas de sinais.

Na segunda seção do capítulo 4, os dados indicaram a ocorrência de construções com orações justapostas, sem conectivos manuais, as quais assinalaram a relação de causalidade por meio da correlação gramatical e semântica entre os eventos de causa e

consequência. Uma importante constatação foi a identificação do uso de expressões não-manuais, como a direção do olhar e o levantamento das sobrancelhas, para relacionar os eventos de causa e consequência, bem como para delimitar a fronteira entre as orações. Da mesma forma que nas construções complexas com conectivos, as expressões não-manuais se realizaram na estrutura da sentença.

No capítulo 5, analisamos as propriedades semânticas das relações de causalidade em Libras a partir da proposta tripartida de Sweetser (1990) – e sucessores –, que distingue as categorias de causalidade de conteúdo, causalidade epistêmica e causalidade de atos de fala. Sobre a causalidade de conteúdo, nossos dados revelaram que:

- (i) na ordem icônica (causa-consequência), a relação de causalidade se dá por justaposição ou por meio do conectivo manual temporal DEPOIS;
- (ii) na ordem não icônica (consequência-causa), houve o uso do conectivo manual PORQUE para articular a relação entre os eventos;
- (iii) relações de coerência mais semânticas e de polaridade positiva; e
- (iv) objetividade e não-volição do sujeito de consciência na apresentação dos fatos no espaço causal de conteúdo.

No caso da causalidade epistêmica, obtivemos os resultados:

- (i) ordem não icônica, por meio de justaposição ou da articulação dos eventos pelo conectivo manual causal PORQUE;
- (ii) relações de coerência mais pragmáticas e de polaridade positiva; e
- (iii) elevado grau de subjetividade do sujeito de consciência no espaço causal epistêmico.

Por fim, na causalidade de atos de fala, os dados indicaram:

- (i) uso das duas ordens, icônica e não icônica, com a articulação da relação de causalidade por meio da utilização de conectivos manuais causais PORQUE e PORCAUSA;
- (ii) relações de coerência mais pragmáticas e a alternância de polaridade positiva e negativa; e

(iii) grau de subjetividade elevado do sujeito de consciência nesses espaços causais de atos de fala, o qual atribuímos à natureza argumentativa encontrada em contextos dialógicos.

Esses resultados corroboram o caráter plural das diversas manifestações linguísticas da causalidade em Libras.

Diante do exposto, essa descrição e análise nos permitiu tecer as seguintes conclusões a respeito das hipóteses lançadas quanto à nossa pergunta de pesquisa sobre *como são realizadas as relações de causalidade em estruturas complexas da Libras*:

- (i) As relações de causalidade em Libras podem ser articuladas por meio de conectivos manuais. Nessa análise, nossos dados apontaram a presença dos conectivos manuais: DEPOIS, ENTÃO, SE, PORQUE e POR-CAUSA, os quais podem vir acompanhados de expressões não-manuais, tais como o levantamento de sobancelhas e do queixo;
- (ii) As relações de causalidade em Libras podem ser expressas por meio da justaposição entre os eventos oracionais. Nesses casos, o nexos de causalidade se dá via interpretação semântica e informações morfológicas das expressões não-manuais. A articulação da relação de causalidade pode estar ligada às expressões não-manuais, notadamente da direção do olhar, a qual é utilizada entre a causa e a consequência.

No que se refere à relação entre *Gramática* e *Conceitualização*, a análise das propriedades gramaticais e semânticas da causalidade em orações complexas nos nossos dados de Libras nos levou a identificar:

- (i) o papel da iconicidade na distribuição de conectivos manuais e sua relação com a ordem das proposições – a manifestação do conectivo manual possibilita a variação da ordem das proposições, permitindo a expressão não icônica entre causa e consequência, ao passo que a ordem icônica apresentou-se categórica nas orações complexas em que o conectivo manual não estava manifesto;
- (ii) diferenças de distribuição das expressões não-manuais em relação aos tipos semânticos de orações complexas – orações temporais e condicionais admitem

expressões não-manuais na proposição em P (que expressa a causa) e orações causais admitem que a realização dessas expressões se estenda por ambas as proposições P e Q, e não exclusivamente em P;

- (iii) diferenças na utilização do espaço de sinalização em relação aos tipos semânticos de causalidade – em tipos causais e condicionais de interpretação factual, observou-se a possibilidade de mudança no espaço de sinalização do evento causal e do evento de consequência, o que não ocorreu em construções causais construídas a partir de sentenças interrogativas, epistêmicas ou de atos de fala, que levam a espaços mentais mais abstratos e que não teriam, por hipótese, correlatos no espaço físico de sinalização.

Assim sendo, consideramos que o nosso trabalho cumpriu o objetivo de descrever e analisar de modo mais amplo as relações de causalidade em orações complexas da Libras, fornecendo material empírico, coletado por meio de produções linguísticas realizadas com falantes nativos dessa língua de sinais.

Ressaltamos que algumas questões permanecem em aberto e requerem estudos mais aprofundados em Libras. Entre essas questões, destacamos, especialmente:

- (i) a da mudança do espaço de sinalização entre os eventos e a coocorrência de expressões não-manuais, que também costumam ser descritas como elementos que marcam gramaticalmente informações como tópico e foco em Libras. Cabe indagar, em relação às expressões não-manuais das construções causais, se elas, eventualmente, estariam marcando foco, nos termos que Muniz (200) postula para o PB, seguindo a proposta de Zubizarreta (1998);

- (ii) os usos diferenciados dos conectivos manuais específicos para os domínios de conteúdo, epistêmico ou de atos de fala em Libras; e

- (iii) a realização das relações de causalidade em outras línguas, orais e de sinais, em comparação com a Libras.

Além de responder essas questões em trabalhos futuros, destacamos a necessidade de aprofundar essa investigação da relação entre *Gramática e Conceitualização* com base nas *propriedades gramaticais e semânticas* e das relações de causalidade em orações complexas da Língua Brasileira de Sinais identificadas nesta tese.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, A. M. F. *Causatividade em Libras*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, 2015.
- ARAÚJO, A. D. S. *As expressões e as marcas não-manuais na Língua de Sinais Brasileira*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, 2013.
- ARROTÉIA, J. *O papel da marcação não-manual de sentenças negativas em Língua de Sinais Brasileira (LSB)*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- BAKER, A.; PFAU, R. Constituents and word classes. In: BAKER, A.; BOGAERDE, B. V. D.; PFAU, R.; SCHERMER, T. *The linguistics of sign language: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016. p. 197-228.
- BAKER-SHENK, C. L. *A Microanalysis of the Nonmanual Components of Questions in American Sign Language*. Phd dissertation. University of California, Berkeley, 1983.
- BARBOSA, T. B. *Uma descrição do processo de referenciação em narrativas contadas em língua de sinais brasileira (libras)*. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-06052013-112529/pt-br.php>> Acesso em: 22 jan. 2017.
- BARROS, M. E. *Proposta de escrita das línguas de sinais*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1998.
- _____. *ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática*. Tese (Doutorado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91819>> Acesso em: 17 fev. 2015.
- _____. *ELiS – Sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais*. Porto Alegre: Penso: 2015.
- _____. Princípios básicos da ELiS: escrita das línguas de sinais. *Revista Sinalizar*, v. 1, n. 2, p. 204-210, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/38881>> Acesso em: 15 jan. 2017.

- BATTISON, R. Analysing Signs. (1978) In.: VALLI, C.; LUCAS, C. *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. 3. ed. Washington: Gallaudet University Press, 2000 [1992]. p. 199-218.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Programa de capacitação de recursos humanos do Ensino Fundamental. Deficiência Auditiva I*. Brasília: SEESP, 1997.
- _____. Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio): *orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2016.
- BRITO, A. M. Subordinação adverbial. In: MIRA-MATEUS et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 2003. p. 697-728.
- BRITO, L. F. et al. Morfo-fonologia e Sintaxe da Língua de Sinais das Cidades Brasileiras. *Anais do IX Encontro Nacional de Linguística*, Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1984.
- _____. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. In: *Espaço: informativo técnico-científico do INES*. Rio de Janeiro: nº 1, julho/dezembro, 1990. p. 20-43.
- _____. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 2010 [1995].
- _____.; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira Brito-Langevin de transcrição de sinais. In: *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 2010 [1995]. p. 211-242.
- BROCHADO, S. M. D. *A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, UNESP, São Paulo, 2003.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2001. 2 v.
- _____.; RAPHAEL, W. D.; TEMOTEO, J. G.; MARTINS, A. C. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos*. São Paulo: EDUSP, 2017.
- CARNEIRO, B. G.; LUDWIG, C. R. *Articulação de orações em Libras*. A sair.
- CHAFE, W. L. *Discourse, consciousness and time*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge (MA): The MIT Press, 1965.
- _____. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Netherlands: Foris Publications, 1981.
- _____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995.
- _____. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
- _____. *New horizons in the study of language and mind*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2000.
- _____. Beyond explanatory adequacy. In: Adriana Belletti (ed.) *Structures and beyond*, 104-131. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- CROFT, W. *Typology and universal*. Cambridge: Cambridge Linguistic Press, 1990.
- _____.; CRUSE, A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: CUP, 2004.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- DECAT, M. B. N. Achou o vale brinde... Ganhou*. In: *Anais da II Semana de Estudos de Língua Portuguesa*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, v. 2, nº. 1, 1996, p. 73-80. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_lingua_portuguesa/article/viewFile/8046/6962> Acesso em: 26 mai. 2016.
- _____. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M. B. N. et al. *Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista*. São Paulo: Mercado das Letras, 2001. p. 103-166.
- ELLIS, R. *Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University, Press, 1997.
- FARAH, D. E. *Causalidade e aspectos cognitivos de sua codificação: os conectivos causais da língua alemã*. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Alemã). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.
- FARIA-NASCIMENTO, S. P. *Representações lexicais da língua de sinais brasileira*. Uma proposta lexicográfica. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/6547>> Acesso em: 22 out. 2014.
- FERNANDES, S. *Problemas linguísticos e cognitivos dos surdos*. Rio de Janeiro: AGIR, 1990.

_____. É possível ser surdo em português? Língua de sinais e escrita: em busca de uma aproximação. In: SKLIAR, C. *Atualidade da educação bilíngue para surdos: interfaces entre Pedagogia e Linguística*. v. 2. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999. p. 59-81.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

HUELVA UNTERNBÄUMEN, E.; NAVES, R. R.; *A relação entre gramática e conceitualização: abordagens teóricas atuais e desafios futuros*. Projeto de Pesquisa aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). 2016.

_____. *The encoding of self-movement in cyberspace: bridges between the phenomenological-cognitivist and the minimalist approaches to grammar*. In.: 47th Linguistic Symposium on Romance Languages, 2017.

HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

KATO, M. A.; TARALLO, F. et al. Preenchedores sintáticos nas fronteiras de constituintes. In: CASTILHO, A. T. (org.). *Gramática do Português Falado*. Volume III: As abordagens. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002. p. 235-271.

KENEDY, E. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, I.; ELIAS, V. M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. The embodied mind and its challenge to Western thought. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. *Cognitive Grammar*. A Basic Introduction. Oxford: OUP, 2008.

LEITE, T. A. *A segmentação da língua de sinais brasileira: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-25092008160005/pt-br.php>>. Acesso em: 03 abr. 2016

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em <<http://www.revel.inf.br/files/6cf381ab909eed796b069253a14d5ad.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2017.

LIDDELL, S. K. *An investigation into the syntactic structure of American Sign Language*. UCSD dissertation, 1977.

_____. *Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language*. Washington, DC: Gallaudet University, 2003.

_____.; JOHNSON, R. *American Sign Language: the phonological base*. In.: VALLI, C.; LUCAS, C. *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. 3. ed. Washington: Gallaudet University Press, 2000 [1989]. p. 267-306

LIMA, L. R. *As estruturas de causa e consequência na aquisição do português-portugês escrito pelos surdos*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

LIMA, A. *Relações hipotáticas adverbiais na interação verbal*. 190f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2002.

LIMA-SALLES, H. M. M.; SALLES, P. S. B. A.; CHAN-VIANNA, A. C. *Formulação de inferências e propriedades da interlíngua dos surdos na aquisição de português (escrito)*. In: LIMA-SALLES, H. M. M. (Org.). *Bilinguismo e surdez: questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cênone Editorial, 2007. p. 97-118.

LIRA, G. A.; SOUZA, T. A. F. *Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2008.

LOURENÇO, G. *Verb agreement in Brazilian Sign Language: Morphophonology, Syntax & Semantics*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2018.

MARINHO, M. L. *Língua de Sinais Brasileira: proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB-DF*. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

McCLEARY, L. VIOTTI, E. *Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB)*. In: LIMA-SALLES, H. M. M. (Org.). *Bilinguismo e surdez: questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cênone Editorial, 2007.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. *Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados*. *Alfa*, São Paulo, v. 54, n.1, p. 265-289, 2010.

MOREIRA, R. L. *Uma descrição da dêixis de pessoas na Língua de Sinais Brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores*. Dissertação (Mestrado em Semiótica e

Linguística Geral). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.bv.fapesp.br/pt/publicacao/81455/uma-descricao-de-deixis-de-pessoa-na-lingua-de-sinais-brasil/>> Acesso em: 10 dez. 2016.

MUNIZ, A. A. M. *Sobre orações causais e explicativas*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

NASCIMENTO, G. R. P.; SARTORE, A. R. Reflexões sobre Peculiaridades do Processo de Leitura por Parte de Surdos Estudantes de EaD Online e Propostas para a Otimização desse Processo. In: *Eutomia: Revista Online de Literatura e Linguística* v. 01. n.º. 07, 2011. p. 286-305. Disponível em: <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/viewFile/1201/936> Acesso em 20 de set. 2015.

NEVES, M. H. M. As construções causais. In: NEVES, M. H. M. (org). *Gramática do Português Falado*. Volume VII: Novos estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 461-496.

_____. *Gramática de usos do português*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. *Texto e gramática*. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

NOORDMAN, L. G. M.; BLIJZER, F. On the processing of causal relations. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Eds.). *Cause, condition, concession and contrast. Cognitive and Discourse Perspectives*, New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 35-56.

PADDEN, C. A. *Interaction of morphology and syntax in American Sign Language*. New York: Garland Publishing, 1988.

PANDER MAAT, H.; DEGAND, L. Scaling causal relations and connectives in terms of speaker involvement. *Cognitive Linguistics*, v. 12, n. 3, 2001. p. 211-245.

PAIVA, M. C. *Ordenação de cláusulas causais: forma e função*. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

_____. Cláusulas causais adendos: uma variante de ordenação? In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, ano 2, v. 2, p. 5-21, jan./jun., 1993. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/956>> Acesso em 13 fev. 2016.

_____. Cláusulas causais: iconicidade e funcionalidade. In: *Caderno de Estudos Linguísticos* n.º. 28. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1995, pp. 59-68. Disponível em:

<<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/3421>> Acesso em 13 fev. 2016.

PFAU, R.; QUER, J. Nonmanuals: their grammatical and prosodic roles. In: BRENTARI, D. (org). *Sign Languages*. Cambridge: University Press, 2010.

_____. Syntax: complex sentences. In: BAKER, A. et al. *The linguistics of sign languages: na introduction*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016. p. 149-172.

QUADROS, R. M. *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição*. Porto Alegre: PUCRS, Dissertação de Mestrado, 1995.

_____. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. *Phrase structure of brazilian sign language*. Porto Alegre: PUCRS, Tese de Doutorado, 1999.

_____. *Proposta de Manual de Transcrição do Corpus Libras*. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169881/2015%202905%20MANUAL_CORPUS%20transcri%C7%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 28 mar. 2017.

_____. et al. O Software ELAN como Ferramenta para Transcrição, Organização de dados e Pesquisa em Aquisição da Língua de Sinais. In: *Anais do IX Encontro do CELSUL*. Palhoça, Santa Catarina: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/5759208-O-software-elan-como-ferramenta-para-transcricao-organizacao-de-dados-e-pesquisa-em-aquisicao-da-lingua-de-sinais.html>> Acesso em: 13 mai. 2017.

_____.; KARNOPP, L. B. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____.; PIZZIO, A. L. Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora. In: LIMA-SALLES, H. M. M. (Org.). *Bilinguismo e surdez: questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cênone Editorial, 2007.

_____.; _____.; REZENDE, P. L. F. Língua Brasileira de Sinais IV. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade à Distância. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

RAPOSO, E. B. P. *et al.* Subordinação adverbial. In: _____. (org.). *Gramática do Português*: volume II. Coimbra, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 1981-2057.

REILY, J.; MCINTIRE, M.; BELLUGI, U. Faces: the relationship between language and affect. In: VOLTERRA, V.; ERTING, C. (eds.). *From gesture to language in hearing and deaf children*. Gallaudet University Press, Springer-Verlag, 1990. p. 128-141.

_____. Baby face. A new perspective on universals in language acquisition. In: SIPLE, P.; ERTING, C. (eds.). *Theoretical Issues in Sign Language Research*, volume 2. University of Chicago Press, 1991. p. 9-24. SANDERS, T.; SPOOREN, W.; NOORDMAN, L. Toward a Taxonomy of Coherence Relations. *Discourse Processes*. 15. 1992. p. 1-35. 10.1080/01638539209544800.

_____.; SWEETSER, E. Causality in language and cognition: what causal connectives and causal verbs reveal about the way we think. In: _____.; _____. (orgs.). *Causal Categories in Discourse and Cognition*. Cognitive Linguistics Research 44. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 1-18.

_____.; SANDERS, J.; SWEETSER, E. Causality, cognition and communication: a mental space analysis of subjectivity in causal connectives . In: SANDERS, T.; SWEETSER, E. (orgs.). *Causal Categories in Discourse and Cognition*. Cognitive Linguistics Research 44. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 19-61.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge University Press. Cambridge, 2006.

SAUSSURE, F. de; BALLY, C.; SECHEHAYE, A.; RIEDLINGER, A. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.

STOKOE, W. Sign Language Structure: an outline of the visual communication System of the American Deaf. *Studies in Linguistics*, Buffalo 14, New York, v. 1, n. 8, p.3-78, abr. 1960.

_____.; CASTERLINE, D. C.; CRONEBERG, C. G. Introduction to a Dictionary of American Sign Language. In: VALLI, C.; LUCAS, C. *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. 3. ed. Washington: Gallaudet University Press, 2000 [1965]. p. 243-258.

SUTTON, V. *Lições sobre o SignWriting: um Sistema de Escrita para Língua de Sinais*. Traduzido e adaptado do inglês/ASL para o Português/Libras por Marianne Stumpf

(Título original: *Lessons in Signwriting: Textbook, Workbook*, second edition, Copyright, La Jolla CA – USA: Center for Sutton Movement Writing, Inc. by The deaf Action Committee for SignWriting, (DAC), 1995, 1997, 1998, 1999). Apoio: Projeto SignNet/CNPq/ProTeM – UCPel/PUCRS/ULBRA, 2000. Disponível em: <<https://escritadesinais.wordpress.com/2010/08/24/manual-de-signwriting-em-portugues/>>. Acesso em: 05 mai. 2017.

STUMPF, M. *Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador*. Tese (Doutorado em Informática na Educação). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/5429>>. Acesso em: 16 fev.2017.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TANG, G.; P. LAU. Coordination and subordination. In: PFAU, R., STEINBACH, M.; WOLL, B. (eds.). *Sign Language: An International Handbook*. Berlin: Mouton De Gruyter, 2012, p. 340-365.

VOGT, C. *Linguagem, pragmática e ideologia*. 3ª. ed. São Paulo: Hucitec; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2015 [1978].

WILBUR, R. *American sign language: linguistic and applied dimensions*. San Diego, California: College Hill Press, 1987.

_____. Phonological and prosodic layering of nonmanuals in american sign language. In: LANE, H.; EMMOREY, K. (eds.). *The signs of language revisited: festschrift for Ursula Bellugi and Edward Klima*. Lawrence Erlbaum, 2000. p. 213-241.

ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, Focus, and Word Order*. Cambridge: MIT Press, 1998.

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO - PERFIL DO PARTICIPANTE

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Endereço: ICC Sul - B1 72 (mezanino) - Campus Darcy Ribeiro - Asa Norte, Brasília, Distrito Federal, Brasil 70.910-900 telefones: (61) 31077050/31077073

Prezad@ participante,

Esta pesquisa tem por objetivo descrever e analisar aspectos da gramática da Língua Brasileira de Sinais. Peço a gentileza de preencher este questionário, respondendo às questões em língua portuguesa. Em caso de dúvida, o(a) senhor(a) poderá se dirigir a mim para quaisquer esclarecimentos. Declaro que, conforme o conteúdo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os resultados serão apresentados apenas no seu conjunto, sem identificação de qualquer um dos participantes. Sua participação nessa pesquisa é essencial. Muito obrigada!

QUESTIONÁRIO: PERFIL - PARTICIPANTE

Dados Pessoais

1. Nome: _____
2. Idade: _____ anos.
3. Sexo: () Masculino () Feminino
4. Em que bairro/cidade você mora? _____
5. Qual o seu grau de surdez?
() leve () moderada () severa () profunda
() unilateral () bilateral
6. Quando você ficou surdo (a)?
() nasceu surdo (a)
() tornou-se surdo (a) com a idade de _____. Causa: _____
7. Você usa prótese? () sim () não
Em caso afirmativo, você usa a prótese de forma contínua? () sim () não

8. Grau de Instrução: () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior
9. Você trabalha? () sim () não
Se você trabalha, qual é a sua função? _____
10. Na sua casa você vê televisão com legenda? () sempre () às vezes () nunca

Dados Linguísticos

11. Quando você aprendeu Libras (Idade)? _____
12. Onde você aprendeu Libras?
() Casa () Escola () Associação de Surdos () Igreja () Outro: _____
13. Você acha que você conhece bem a Libras? () sim () mais ou menos () não
14. Qual língua que você mais usa? () Libras () Português
15. Sua família fala a Libras? () sim () às vezes () não
16. Em que situações você usa o Português-For-Escrito?
() Internet () Celular () Trabalho () Escola () Outros: _____
17. Você costuma ler? () sim () às vezes () não
18. O que você costuma ler? () revistas () jornais () livros () Outros: _____
19. O que você costuma fazer nos finais de semana?

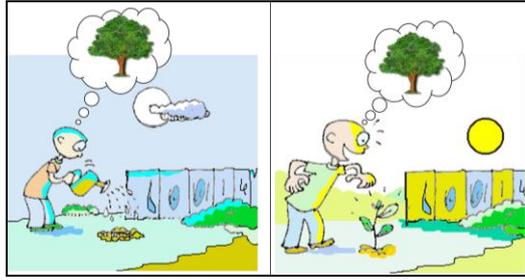
20. O que você fez no último fim de semana?

21. O que você pretende fazer nas próximas férias?

Agradeço muito a sua colaboração!

LAYANE RODRIGUES DE LIMA SANTOS

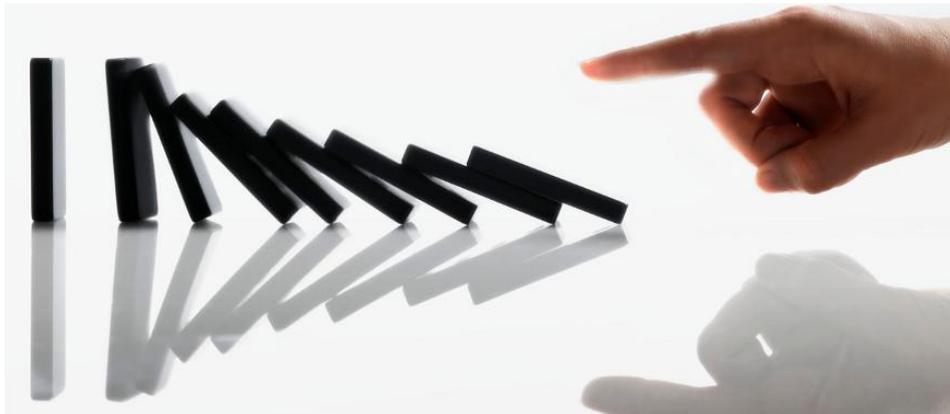
APÊNDICE 2 – ELICIAÇÃO DE SENTENÇAS – FASE 1



Plantação e crescimento de uma árvore



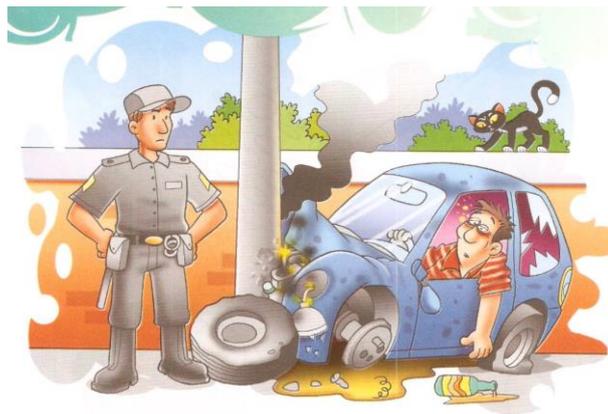
Homem que comeu demais e depois passou mal



Empurrar com o dedo as pedras de um dominó para elas caírem



Pessoa que escorrega em uma casca de banana e bate a cabeça no chão



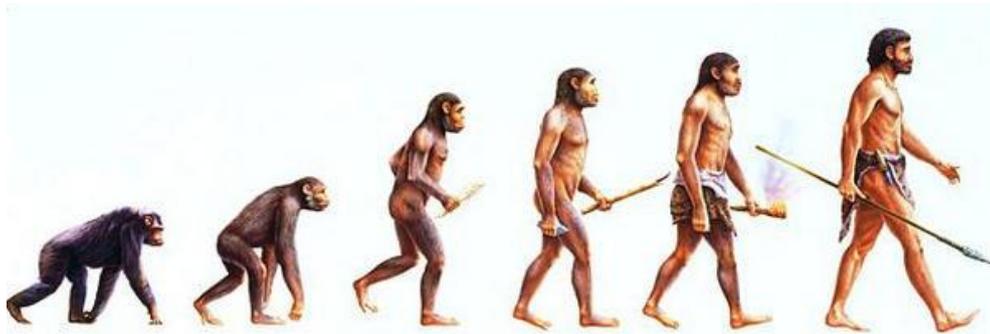
Combinação: beber, dirigir e bater o carro em um poste



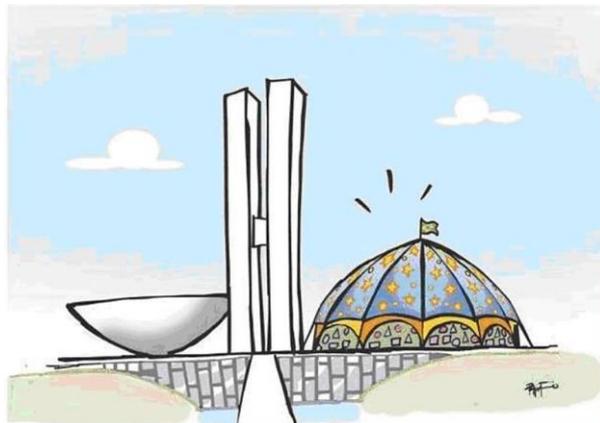
Transformação de uma lagarta em borboleta



Duas mãos dadas de pessoas idosas



Evolução da espécie: do macaco ao ser humano



Congresso Nacional, tendo a Câmara dos Deputados representada como um circo



Fases de vida de uma pessoa

APÊNDICE 3 – ELICIAÇÃO DE SENTENÇAS – FASE 2

Pergunta 1: ‘Como você sabe que o João está em casa?’.



Pergunta 2: ‘Como você sabe que a rua está molhada?’



Pergunta 3: ‘Como você sabe que o jardim está seco?’



Pergunta 4: ‘Como você sabe que o homem está com fome?’



APÊNDICE 4 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Endereço: ICC Sul - B1 72 (mezanino) - Campus Darcy Ribeiro - Asa Norte, Brasília, Distrito Federal, Brasil
70.910-900 telefones: (61) 31077050/31077073

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Prezado(a) Senhor(a),

O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa sobre “RELAÇÕES DE CAUSALIDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (Libras)”, de autoria de Layane Rodrigues de Lima Santos, para a obtenção do grau de doutorado em Linguística, no Programa de Pós- Graduação do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília (UnB).

A pesquisa se justifica pela necessidade de uma investigação aprofundada sobre as relações morfossintáticas da Libras, tendo em vista que os trabalhos existentes no campo da gramática desta língua de sinais são bastante elementares.

O(a) senhor(a) foi selecionado(a) por ser responsável legal (idade acima de 18 anos), surdo, usuário fluente da Libras. Esclareço que a sua participação não é obrigatória. Não há riscos envolvidos em sua participação nessa pesquisa, o principal benefício de sua participação é ampliar seu conhecimento sobre a organização linguística da Libras. A qualquer momento poderá desistir de participar e retirar o seu consentimento, ficando à vontade para recusar qualquer fase do estudo, assim como poderá se recusar a responder qualquer pergunta que julgar constrangedora. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição UnB. Como a sua participação será voluntária, informo que não caberá qualquer espécie de remuneração ou de vantagens pessoais.

Os objetivos de minha pesquisa são: descrever as relações de causalidade na Libras e analisar a organização dessa língua com base no processamento linguístico desenvolvido por seus usuários.

A pesquisa de campo de língua de sinais é essencial para uma boa descrição linguística e para registrar os dados será necessário fazer gravações em vídeo. Cada gravação será transcrita e analisada por mim. Para a transcrição de línguas de sinais, existe um programa de computador (software) específico para análise linguística, chamado ELAN (EUDICO Linguistic Annotator), em que as gravações ficam armazenadas em forma de arquivo formato *.mpg. Esse programa está instalado no meu computador pessoal, e será usado unicamente por mim e exclusivamente para fins vinculados à pesquisa. Caso você concorde, sua imagem poderá ser utilizada em forma de filmagem ou fotografia para fins científicos e de estudos, tais como: livros, artigos ou slides, em favor da pesquisa, respeitando-se o anonimato (ver **TERMO DE USO DE IMAGEM** em anexo).

Diante das razões apresentadas, adotarei como procedimentos de coleta de dados a seguinte metodologia: o(a) senhor(a) será filmado(a) por mim, diante de um fundo neutro (azul ou verde), de frente para a câmera, em sala bem iluminada. Sua participação nesta pesquisa consistirá em sinalizar na Libras textos simples sugeridos por mim, como: histórias curtas, expressão de opinião ou qualquer outro tipo de expressão verbal na Libras.

É possível ficar sentado ou de pé, sinalizando para a câmera ou para outro surdo usuário de Libras que aceite participar da pesquisa.

As gravações ocorrerão em sessões de 60 a 120 minutos, em dia, horário e local a serem combinados de acordo com a sua conveniência. Será utilizada uma câmera digital HD, armada em tripé. Após as gravações, convido o(a) senhor(a) a assistir à própria gravação e a comentar comigo os trechos que necessitarem de esclarecimento na tradução do que foi produzido em Libras. Antes de começarmos a filmar, convido-lhe a responder um questionário (ver **QUESTIONÁRIO** em anexo) elaborado para coletar informações quanto às características dos participantes relativas à: sexo, idade, região onde mora; grau e tipo de surdez, idade em que ficou surdo; uso de aparelho auditivo; onde e quando aprendeu Libras e Português. Seus dados pessoais serão confidenciais e não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Todos os questionários ficarão sob minha guarda.

Com a sua participação será possível melhorar a qualidade das análises da gramática da Libras e identificar as diferenças estruturais que dificultam o aprendizado do português por pessoas surdas.

Conforme sugere a Resolução 466/2012, esta pesquisa será retornada a você em forma de publicações em revistas especializadas e também em capítulos de livros. A pesquisa é revisada eticamente pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/IH) da UnB.

Ao concordar em participar dessa pesquisa, você receberá uma cópia do termo de consentimento, onde constam o meu telefone e endereço eletrônico, bem como o endereço eletrônico de minha professora, orientadora da pesquisa, além do endereço eletrônico do CEP/IH, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Desde já, agradeço a sua colaboração.

Goiânia, _____ de _____ de 201 .

Layane Rodrigues de Lima Santos
Pesquisadora Responsável
E-mail: layanel@gmail.com
Telefone: (XX) XXXXXXXXX
Orientadora: Dra. Rozana Reigota Naves
E-mail: rnaves@unb.br
E-mail do CEP/IH: cep_ih@unb.br

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, eu _____ (campo para preenchimento do nome), RG _____, participante desta pesquisa sobre as **RELAÇÕES DE CAUSALIDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (Libras)**, de autoria de Layane Rodrigues de Lima Santos, após leitura do presente documento, declaro estar ciente dos procedimentos aos quais serei submetido e não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firmo o meu **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** de concordância em participar da pesquisa proposta.

_____ (assinatura do participante voluntário)
Goiânia, de _____ de 201 .

APÊNDICE 5 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Endereço: ICC Sul - B1 72 (mezanino) - Campus Darcy Ribeiro - Asa Norte, Brasília, Distrito Federal,
Brasil 70.910-900 telefones: (61) 31077050/31077073

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA

Eu, _____, sob nº. de RG _____, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado **RELAÇÕES DE CAUSALIDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**, sob responsabilidade de Layane Rodrigues de Lima Santos vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas em forma de filme ou fotografia exclusivamente para fins científicos e de estudos, em livros, artigos ou slides, em favor exclusivamente da pesquisa, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade da pesquisadora responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Layane Rodrigues de Lima Santos

Pesquisadora Responsável
E-mail: layanel@gmail.com
Telefone: (XX) XXXXXXXX

Goiânia-GO, ____ de _____ de 201 ____.

ANEXO – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DA UnB

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: RELAÇÕES DE CAUSALIDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Pesquisador: LAYANE RODRIGUES DE LIMA SANTOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 58396616.1.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Letras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.934.744

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de Doutorado em Linguística, cujo objetivo é descrever o fenômeno das relações de causalidade identificadas na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Para isso, serão coletadas narrativas em vídeo, produzidas em Libras por oito participantes/colaboradores surdos proficientes nesta língua de sinais e que tenham se formado recentemente no Ensino Médio, da cidade de Goiânia, Goiás, e região metropolitana. Como procedimentos metodológicos, serão realizadas gravações de vídeo em Libras e será aplicado um questionário semi-estruturado com a finalidade de delinear o perfil linguístico dos participantes/colaboradores surdos. pesquisa é qualitativa e será executada por meio de pesquisa de campo. A coleta de dados será constituída de produções em Libras gravadas em vídeo por meio de narrativas e diálogos, com histórias contadas a partir de imagens. Apresentar-se-á um questionário semi-estruturado, com informações sobre o grau de surdez, quando o participante aprendeu

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC - ALA NORTE - MEZANINO - SALA B1 - 606 (MINHOÇÃO)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3307-2760 **E-mail:** lhd@unb.br

Continuação do Parecer: 1.934.744

Libras, se a família usa a língua de sinais também, em que situações o participante usa o português em sua modalidade escrita.

Objetivo da Pesquisa:

Descrever as relações de causalidade na Libras e analisar a organização dessa língua com base no processamento linguístico desenvolvido por seus usuários.

Objetivo Secundário:

- Investigar a causalidade a partir de dados coletados com surdos usuários da Libras.
- Comparar a realização da causalidade em línguas de sinais e em línguas orais, sobretudo, na Libras e na Língua Portuguesa.
- Contribuir para a elaboração de uma teoria geral da Gramática.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não apresenta risco porque serão convidados/as voluntários com mais de 18 anos, que tenham completado o segundo grau. Durante a coleta, apenas a imagem destes participantes/colaboradores será gravada após o consentimento e esclarecimentos dos procedimentos empregados, tais como duração e a utilização dos dados para análise e comprovação científica. Também as identidades dos participantes/colaboradores serão preservadas, fazendo referência a eles por meio de nomes fictícios em lugar de seus nomes verdadeiros. Os participantes/colaboradores serão informados que a hipótese de estudo pode ser respondida ou não.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto revisto, em que se incluiu como será a abordagem dos participantes, a pedido do relator.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto de pesquisa está adequado às exigências da Resolução CNS 466/2012 e complementares.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC - ALA NORTE - MEZANINO - SALA B1 - 606 (MINHOÇÃO)
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (61)3307-2760 E-mail: ihd@unb.br

Continuação do Parecer: 1.934.744

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_763559.pdf	17/09/2016 11:25:03		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOdePESQUISA.pdf	17/09/2016 11:24:30	LAYANE RODRIGUES DE LIMA SANTOS	Aceito
Outros	CURRICULO_Layane.pdf	03/08/2016 17:41:26	LAYANE RODRIGUES DE LIMA SANTOS	Aceito
Outros	INSTRUMENTODECOLETADEDADOS.pdf	02/08/2016 12:27:04	LAYANE RODRIGUES DE LIMA SANTOS	Aceito
Outros	Termodeautorizacaoparautilizaodeimagemesomdevoz.pdf	02/08/2016 12:25:02	LAYANE RODRIGUES DE LIMA SANTOS	Aceito
Outros	JUSTIFICATIVAPARAaNAOAPRESENTACAODEACEITEINSTITUCIONAL.pdf	02/08/2016 12:23:56	LAYANE RODRIGUES DE LIMA SANTOS	Aceito
Outros	CARTADEREVISAOETICA.pdf	02/08/2016 12:22:41	LAYANE RODRIGUES DE LIMA SANTOS	Aceito
Outros	CARTADEENCAMINHAMENTO.pdf	02/08/2016 12:20:29	LAYANE RODRIGUES DE LIMA SANTOS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	02/08/2016 12:12:25	LAYANE RODRIGUES DE LIMA SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	02/08/2016 12:11:57	LAYANE RODRIGUES DE LIMA SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	02/08/2016 12:09:30	LAYANE RODRIGUES DE LIMA SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC - ALA NORTE - MEZANINO - SALA B1 - 806 (MINHOÇÃO)
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (61)3307-2760 E-mail: ihd@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 1.934.744

Não

BRASILIA, 17 de Fevereiro de 2017

Assinado por:
Érica Quinaglia Silva
(Coordenador)

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC - ALA NORTE - MEZANINO - SALA B1 - 606 (MINHOCAO)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3307-2780 **E-mail:** ihd@unb.br

Página 04 de 04